

C&M



Revista
Ciência &
Maçonaria

Volume 10, Número 1, jul/dez 2023.



Realização:

NP3
CEAM | UnB

C&M



Revista Ciência & Maçonaria

“A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria”

Missão:

Democratizar a produção acadêmico-científica sobre Maçonaria e seu acesso no Brasil.



Imagem da Capa:

Montagem feita a partir das imagens que ilustraram 10 edições anteriores da revista Ciência & Maçonaria.

Dados Catalográficos:

ISSN 2318-0129

Julho a dezembro de 2023

Volume 10.

Número 01.

Periodicidade:

Semestral

Conselho Editorial:

Kenny Ismail

Max Stabile Mendes

Nihad Faissal Bassis

Rafhael Guimarães

Conselho Científico:

Vide in website:

<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/about/editorialTeam>

Contatos:

Editor-Chefe: Kenny Ismail

contato@cienciaemaconaria.com.br

Suporte Técnico: Nihad Bassis

nihadbassis@yahoo.com.br

Portal - www.cienciaemaconaria.com.br

Realização:

NP3-CEAM-UnB - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, Governo e Gestão do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

Aviso:

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Ciência & Maçonaria. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

CRB1-079

C&M: Revista Ciência & Maçonaria / NP3-CEAM-UnB – v.10, n.1 (2023)
Brasília, DF: NP3-CEAM-UnB, 2023.

Semestral

ISSN 2318-0129

1. Maçonaria – Periódicos. I. NP3-CEAM-UnB (Brasília)

CDD: 060

CDU: 061.236.61



“A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria”

Sumário

Palavra do Editor	5-6
A PESQUISA SOBRE ‘MAÇONARIAS’ EM QUESTÃO: UMA DÉCADA DE PRODUÇÃO NA REVISTA CIÊNCIA & MAÇONARIA—2013-2022 (MOTA; DE SOUSA; CHAVES FILHO)	7-18
O BODE, O ESQUADRO E O COMPASSO: PROBLEMAS DECORRENTES DO HUMOR NA INICIAÇÃO MAÇÔNICA (DE SOUZA)	19-26
ORDEM DEMOLAY NO BRASIL E NO CEARÁ: VISÃO GERAL E BREVE HISTÓRICO (DE MELO)	27-36
IGREJA CATÓLICA E MAÇONARIA: NOVAS ABORDAGENS SOBRE UMA ANTIGA QUESTÃO (DE SOUZA; SANTHIAGO)	37-50
A MAÇONARIA NO DIVÃ: AS PERSPECTIVAS E AS CONTRIBUIÇÕES DOS NÃO MAÇONS (PINHEIRO; DUTRA; MENDES)	51-66
O REPASSAR DOS ENSINAMENTOS NA MAÇONARIA (SHIBAO; CARVALHO; DE GOIS; HUSSNI).	67-74
SOBRE A REVISTA	75



Palavra do Editor

Prezados leitores,

São 10 anos da primeira revista acadêmico-científica dedicada à Maçonaria na América do Sul. Uma década inteira de um periódico bem qualificado e presente nos mais importantes diretórios e indexadores.

A Ciência & Maçonaria é um periódico multidisciplinar, 100% gratuito, que já realizou dois congressos, um nacional e um internacional, tendo reunido doutores e pesquisadores das principais universidades do Brasil e de grandes universidades do mundo, em nossa UnB.

São 120 meses recebendo artigos, verificando se as diretrizes, foco e escopo foram respeitados, encaminhando a avaliadores, comunicando decisões aos autores, revisando, diagramando, editando, publicando, etc.

Foram mais de 520 semanas de um trabalho de poucos para que muitos tenham acesso livre e gratuito ao resultado de estudos e pesquisas sérios e de qualidade sobre a Maçonaria.

Afinal de contas, a revista tem sobrevivido há 10 anos sem financiamento público ou privado; com os custos, de renovação de domínio, hospedagem, diagramação e outros, suportados por amor à causa. Isso para que pesquisadores tenham um ótimo periódico para submeter o fruto de seus trabalhos, e para que nossas dezenas de milhares de leitores possam acessá-los.

Neste clima de comemoração por tantos desafios superados, esta edição foi mais do que presenteada com um excelente artigo dos pesquisadores Diego Mota, João Pedro de Sousa e Cloves Gregório, que apresenta uma análise da revista ao longo desse período.

Já o pesquisador Fernando de Souza traz um levantamento sobre as implicações do humor nas cerimônias maçônicas, com foco na figura do bode.

O estudioso Carlos Ian de Melo aborda a história da Ordem DeMolay no Ceará e no Brasil, com base em sua ainda escassa literatura e fontes documentais.

Já os pesquisadores Kleber Cavalcante e José Roberto Santhiago exploram os novos episódios da antiga celeuma da Igreja Católica sobre a Maçonaria.

Também contamos nesta edição com um artigo dos pesquisadores Pinheiro, Dutra e Mendes, apresentando um comparativo entre a publicação acadêmico-científica sobre a Maçonaria de autores maçons e não-maçons.

E por fim, mas não menos importante, temos o artigo dos estudiosos Shibus, Carvalho De Gois e Hussni, sobre o processo de aprendizagem maçônico.

Como pode-se observar, a multidisciplinaridade permanece no cerne da revista Ciência & Maçonaria, trazendo, em cada edição, excelentes artigos inéditos para o buscador de um conhecimento mais profundo da Maçonaria.

Boa leitura a todos e obrigado por nos acompanharem, seja desde 10 anos atrás ou a partir de agora! Esta revista é feita para vocês!

Fraterna e Sinceramente,

Kennyo Ismail
Editor-Chefe

A PESQUISA SOBRE 'MAÇONARIAS' EM QUESTÃO: uma década de produção na revista Ciência & Maçonaria (2013-2022)

(THE RESEARCH ON 'MASONRY' IN QUESTION: a decade of production in the Ciência & Maçonaria Journal (2013-2022))

Diego Mota ¹

João Pedro Fonseca de Sousa ²

Cloves Gregório Chaves Filho ³

Resumo

Inserida nos estudos sobre estado da arte, esta pesquisa se dedica a discutir o desenvolvimento do conhecimento científico sobre o objeto 'maçonarias' nas publicações da Revista Ciência & Maçonaria, entre 2013 e 2022. Além do mapeamento da produção, o estudo também traça o perfil da revista, suas metodologias, principais referenciais, temáticas predominantes e a emergência de uma rede de interação entre os diferentes autores. Os resultados indicam que o periódico contribui com vigor na disseminação do conhecimento específico da área no Brasil. A compreensão do estado atual dos estudos sobre o objeto oferece subsídios para pesquisadores interessados no tema explorarem as potenciais lacunas investigativas e ampliarem as fronteiras do conhecimento no campo.

Palavras-chaves: estado da arte; estudo de revisão; avanços recentes.

Abstract

This paper focus on mapping the scientific production of Revista Ciência & Maçonaria during its first 10 years (2013-2022). In addition to mapping the production, the study also demarcated the profile of this scientific journal, its methodologies, and main references. It highlights the emergence of an interaction network in discussions between different authors. The findings suggest that the journal contributes vigorously to the dissemination of specific knowledge in the field in Brazil. This understanding aims equips researchers interested in the topic with the tools to identify potential research gaps and expand the boundaries of knowledge.

Keywords: state of the art; literature review; recent advances.

¹ Doutor em Educação pela PUC-RJ (2022). E-mail: diegoomota@gmail.com

² Bacharel em Relações Internacionais pela IBMR. E-mail: jp.fsousa1996@gmail.com

³ Bacharel em História pela Universidade Paulista. E-mail: clovesgcf@gmail.com

1. Introdução

A existência de *loci* institucionais de pesquisa e de espaços de divulgação são dois pilares fundamentais para a expansão de conhecimento em qualquer área do saber. Do contrário, sua ausência constitui-se uma barreira para as produções sobre um fenômeno ou objeto social. Afinal de contas, subentende-se que fazer pesquisa pressupõe fomento e investimentos. Além do mais, os espaços de publicação são territórios demarcados, legitimados pelos sujeitos com maior capital simbólico dentre os que se debruçam sobre certos objetos e definidos pelo foco e escopo que propuseram sua criação.

Posto isso, a escassez da publicação de artigos sobre 'maçonarias'⁴ em revistas acadêmicas brasileiras, até a década de 2010, não é um dado surpreendente. O levantamento realizado para esse estudo em duas bases nacionais de periódicos assinala tal constatação, além de poucas teses e dissertações associadas ao tema. Nesse sentido, podemos propor que a originalidade de um periódico marca bem quando se propõe a superar essas barreiras, lançando luz sobre um universo pouco explorado e ampliando os horizontes de um campo do saber. De fato, havia uma lacuna para a produção específica em relação ao objeto social 'maçonarias' no Brasil.

No entanto, a Revista Ciência & Maçonaria (C&M) vem exercendo um papel de incentivo às pesquisas relacionadas a esse tema no Brasil, ao democratizar a produção acadêmico-científica sobre esse objeto e seu acesso ao público em geral. Portanto, a C&M é um dos periódicos pioneiros na difusão do conhecimento relacionado aos estudos maçônicos, tornando-se uma coluna fundamental para a evolução desse campo.

Sua centralidade se manifesta tanto na contribuição substancial para o avanço do conhecimento, quanto no estímulo à produção e à divulgação de pesquisas científicas relacionadas ao objeto. Assim, a revista se firma como um espaço fundamental na promoção da reflexão acadêmica e do diálogo interdisciplinar sobre 'maçonarias'.

Entretanto, após dez anos de difusão do conhecimento nessa área, urgem algumas questões que carecem de maior investigação para a compreensão desse processo. O que caracteriza a produção acadêmica na C&M nesse período? Que disciplinas, métodos e referenciais têm sido mais explorados pelos estudos que se dedicam ao tema? O que esses estudos apontam sobre o passado, o presente e o futuro desse objeto de estudo?

Qual o estado da arte desse movimento?

Com o propósito de traçar um panorama abrangente das produções científicas dos primeiros dez anos da revista, abrangendo o período de 2013 a 2022, este estudo visa situar sua obra acadêmica e identificar os principais focos que emergiram dentro desse campo. Para tal análise foram consideradas diversas categorias, incluindo temas de concentração, metodologias empregadas, tipos de estudo, referenciais teóricos adotados, além da identificação dos autores que mais contribuíram para o enriquecimento do conhecimento nesse campo.

Entende-se que o diagnóstico dessa produção pode ser um indicativo significativo para a compreensão das tendências e direções de pesquisa sobre o objeto específico. Por meio desses indícios, almeja-se circunscrever o desenvolvimento das inovações emergentes. Além disso, essa investigação pode apontar para caminhos pouco explorados, que carecem de um aprofundamento mais amplo, contribuindo para delinear o futuro dos estudos sobre 'maçonarias'.

Nesse sentido, este estudo se organiza em mais quatro seções além da presente introdução. A seguir, aborda-se uma síntese histórica da revista, elaborada sob o referencial das cartas editoriais de cada edição e de uma entrevista com o editor. Por conseguinte, é feita a descrição do caminho metodológico para a categorização dos dados. Na seção seguinte, são apresentados os resultados da pesquisa, junto com sua análise e discussão. Por fim, são indicadas as considerações propostas pela presente investigação.

2. Mais luz! A consolidação de um *locus* de divulgação de pesquisas sobre maçonaria

Com a primeira edição publicada em 2013, a revista C&M empreendeu sua jornada de disseminar estudos sobre um objeto de pesquisa pouco explorado por periódicos científicos do nosso país. Com a escassez de lugares especializados em estudos sobre 'maçonarias', a revista foi iniciada preenchendo essa lacuna e estabelecendo-se como uma das pioneiras nas publicações sobre o tema. Segundo a palavra do editor-chefe, Kennyo Ismail,⁵ "havia muitas limitações! Porque alguém vai pesquisar sobre 'maçonarias'? Onde irá publicar? Então resolvemos criar uma demanda sobre o tema, porque não havia na academia brasileira um interesse sobre esse objeto".

⁴ No presente texto, assume-se o termo 'maçonarias' dada a pluralidade de ramos e correntes das fraternidades maçônicas em todo o mundo, cada um com suas próprias políticas e definições.

⁵ Entrevistado pelos autores desta pesquisa para os fins do presente estudo, em 2023.

De acordo com o editor-chefe da C&M, “sonhávamos que as Potências investissem em um projeto de educação maçônica que se fundamente em três pilares, similares ao modelo universitário, já que são organizações que se reconhecem como escolas de ética voltadas para o desenvolvimento humano.” Desse modo, o tripé ‘ensino, pesquisa e extensão’ poderia alavancar a produção do conhecimento sobre esse objeto a outro patamar? Em suas palavras sim, já que “se por um lado existe um ‘ensino’ com as instruções dentro das lojas, e alguma extensão (por meio de filantropia ou inserção dessas células em suas comunidades), por outro, seria pertinente se também houvesse pesquisa¹”. Ainda segundo o editor, também era preciso desconstruir outros preceitos: “defendemos que o conhecimento sobre maçonaria não pode ser rotulado ao véu das sessões esotéricas das livrarias, tampouco àquele estático e saudosista, às vezes até fantasioso, gerado no passado. E esse foi o sentido de fundar a revista”.

Nos anos seguintes, houve avanços positivos nessa direção. A revista foi integrada em diretórios e indexadores nacionais e internacionais, abrangendo o DOAJ – Directory of Open Access Journals, a Academic Journals Database, o Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal, o Sumarios.org - Sumários de Revistas Brasileiras e o Diadorim - Diretório de Políticas de Acesso Aberto das Revistas Científicas Brasileiras. Esse crescimento também se refletiu com a ampliação de sua visibilidade, downloads e inserção nas bibliotecas virtuais de instituições de prestígio internacional, como a Harvard University e o Florida Institute of Technology.

Prosseguindo nessa missão de elevar a posição das pesquisas sobre esse objeto de estudo, a C&M foi vinculada institucionalmente ao NP3 da Universidade de Brasília (UnB), em 2014. Esse passo possibilitou a promoção de eventos acadêmicos, culminando em mesas-redondas e no I Congresso Brasileiro de Ciência e Maçonaria. A trajetória da revista igualmente se distinguiu por seu reconhecimento institucional nos anos subsequentes, culminando na qualificação estrato B2 em Ensino segundo os parâmetros do Qualis CAPES. Além disso, sua integração em importantes diretórios, como o ROAD—Directory of Open Access Scholarly Resources, reforçou ainda mais seu compromisso com a excelência e difusão do saber nos anos correntes.

Importa destacar que na passagem de uma década houve um crescimento real nas submissões de artigos na C&M, consolidando-a como espaço referencial para pesquisadores e interessados em estudos sobre ‘maçonarias’. Entretanto, o aumento no número de sub-

missões não refletiu proporcionalmente o crescimento do número de publicações em seus volumes, dado o rigor imperativo adotado pela linha editorial no filtro de publicações que se enquadram em sua proposta acadêmica. Apesar disso, esse crescimento de submissões traduz aspectos positivos, já que indica a capilarização da revista nos diferentes espaços que despertam seu interesse.

Mesmo diante dos desafios suscitados pela pandemia de COVID-19, a C&M manteve-se com o compromisso de fomentar a expansão do conhecimento. Ao longo dessa década, a revista alcançou um marco significativo, ultrapassando 200 mil visualizações, elevando-se como uma referência no domínio das pesquisas maçônicas no Brasil. Ao mesmo tempo, a C&M enfrentou as adversidades decorrentes do cenário acadêmico e científico brasileiro, que foram abalados pelo retrocesso de questões políticas nacionais e o pouco apoio das potências maçônicas para pesquisas, mantendo seus volumes anuais com força e vigor (ISMAIL, 2022).

Nesse percurso, a C&M edifica-se como um canal de comunicação e difusão para os estudos de pesquisadores, mestres e doutores empenhados em compreender as distintas dimensões do objeto social ‘maçonarias’. Através de sua perenidade e qualidade, a revista lança luz, exaltando-se como um farol que ilumina o caminho da pesquisa nesse campo do conhecimento.

3. O método da pesquisa

Dentre os múltiplos caminhos que se aproximam da compreensão do problema do estudo, assumiu-se uma opção metodológica circunscrita em um ângulo de abordagem específico que assente as limitações intrínsecas a esta escolha. Com esse entendimento, seu desenho analítico projeta analisar o conhecimento acumulado na área de interesse, identificar as tendências, lacunas e avanços recentes, além de sintetizar um balanço dos principais temas e desenvolvimentos. Em síntese, se estabelece uma pesquisa bibliográfica do tipo Estado da Arte, exploratória, de caráter qualitativo e que esquadra dados quantitativos em seu empreendimento (FLICK, 2008).

As indagações que provocaram esse movimento partiram das seguintes questões de pesquisa: Quais são os principais autores, referências e tendências observadas nas publicações da C&M? Quais os temas mais abordados e as metodologias predominantes empregadas até o momento? Que lacunas no conhecimento atual desta área podem abrir alternativas para outras pesquisas contribuir para a expansão do conhecimento?

Reconhecendo as questões que justificam o estudo

como uma pedra a ser desbastada, uma pesquisa dessa natureza situa-se como um caminho contributivo para futuros estudos. Sua proposta catalográfica/descritiva é oportuna para discutirmos a produção de uma área do conhecimento e mapear suas transformações ao longo do tempo (CRESWELL, 2014). Desse modo, pretende-se identificar no corpus das publicações da C&M as categorias que caracterizam, em cada unidade e no conjunto de textos, as diversas perspectivas com as quais o objeto/fenômeno social está sendo analisado. Portanto, trata-se de uma metodologia que vai além da identificação da produção da área.

De outra maneira, propõe-se a analisar, categorizar, anunciar sua projeção e aportes consolidados; além de abordar as ideias, métodos e referenciais possíveis e latentes. Ou seja, a busca desse estado da arte é como “um mapa que nos permite continuar caminhando; uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam descontínuos ou contraditórios, nos quais está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática” (MESSINA, 1998, p.1).

Movidos por essas potencialidades, procurou-se dissecar o conjunto de textos publicados na C&M procedendo, inicialmente, a elaboração de um banco de dados dos artigos de todas as edições da revista (2013-2022). Seguindo o desenho do “desvendar crítico” apropriado aos fins deste estudo (BARDIN, 2011), decorreu-se sua leitura flutuante, em uma pré-análise. Seguiu-se a exploração do material para o levantamento de categorias, identificando no corpus textual aquelas que reconhecem, tanto em cada texto individual quanto no conjunto, as diversas perspectivas por meio das quais o objeto/fenômeno estava sendo analisado. Essa etapa antecedeu o processo de classificação dos dados em uma planilha eletrônica, sua posterior leitura e interpretação. Por fim, foi feita a sistematização das informações geradas na forma de gráficos e tabelas para sua sequente discussão.

Previamente, mapearam-se os indicadores dos volumes, números e anos das publicações. Especificamente, para analisar os artigos da C&M, foram consideradas as seguintes categorias: 1.título; 2.autores/formação; 3.resumo; 4.palavras-chave; 5.temática; 6.referenciais bibliográficos; 7.tipo de texto; 8.métodos da pesquisa. Com isso, os autores procederam a leitura profunda de todo o corpus textual e a distribuição de suas informações em uma planilha.

Com o propósito de facilitar a leitura e a interpretação dos dados gerados, usou-se o suporte do programa Alceste, desenvolvido para assistir a análise do conteúdo de categorias textuais (REINERT, 1998). O que o programa faz? Ele não pensa sobre dados. Funciona da se-

guinte forma: ao identificar os padrões de linguagem, a frequência de palavras-chave, as estruturas textuais e as correspondências múltiplas de elementos nos diferentes artigos, auxilia os pesquisadores a organizar e identificar o material analisado de acordo com as similaridades semânticas, permitindo uma análise mais objetiva, além da compreensão das tendências e descobertas na área de estudo (BART, 2011).

Uma análise adicional empregada abordou o impacto da produção da revista sobre suas próprias publicações. Pretendia-se saber se os artigos publicados na C&M estão sendo citados na mesma – um marcador de sua repercussão interna. Tal aspecto é relevante para este estudo, pois a existência de citações da C&M em outros artigos da própria revista também indica a sua relevância na comunicação entre os autores que se dedicam ao tema.

Ancorados na ideia de que os enunciados discursivos são influenciados pelas questões de seu tempo, por seus contextos culturais e pelos sujeitos que os produzem (PÊCHEUX, 1990), realizou-se a leitura do material textual a fim de identificar suas categorias centrais. Vale acentuar que os textos analisados foram aceitos como gêneros de discurso acadêmico, já que possuem condições específicas de produção. Com base no referencial da American Psychiatric Association (APA, 2012) e na classificação sugerida pelo corpo editorial da C&M, foram consideradas quatro categorias de estilos textuais para suas publicações: artigos empíricos e teóricos, ensaios e resenhas.

Precisamente, as resenhas consistem em uma análise crítica e concisa que traz um ponto de vista sobre uma obra literária. Admitiram-se como ensaios os textos que desenvolvem reflexões ou análises pessoais sobre temas específicos, nos quais o autor expressa sua opinião, discorre e argumenta suas ideias com base em suas observações e racionalizações. De outro modo, consideraram-se como artigos teóricos aqueles baseados em análises, interpretações e discussões de teorias existentes. Nesse tipo de estudo, os autores utilizam a literatura do campo para explorar conceitos, desenvolver modelos explicativos, examinar relações causais e propor novas abordagens teóricas.

Por fim, reconheceu-se como artigos empíricos aquelas pesquisas originais, que se debruçam sobre um objeto a partir da geração de dados, pesquisas documentais, estudos de campo, levantamentos, a fim de analisá-los criticamente sob o farol de uma metodologia direcionada. Cabe destacar que as resenhas foram analisadas separadamente, dada sua natureza específica. Os conteúdos das apresentações do corpo editorial de cada número da revista foram considerados apenas na con-

textualização do estudo, não nas análises. Dessa forma, aqui foram priorizados os ensaios e artigos – que, de fato, trazem indícios de produção de conhecimento.

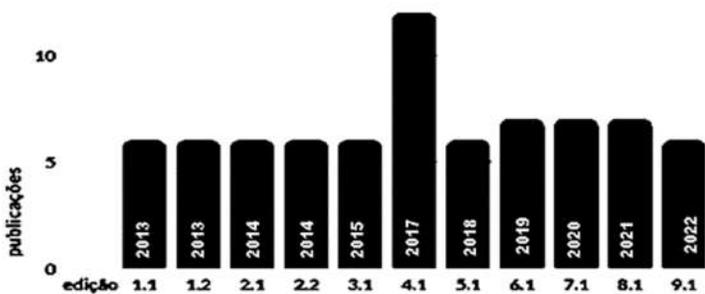
Na seção seguinte, apresentamos a discussão dos resultados das categorias identificadas, os quais possuem atributos capazes de apontar um panorama das tendências, lacunas e progressos no campo, em busca de contribuir com a compreensão e expansão dos estudos sobre esse objeto de pesquisa.

4. Resultados e discussão

Com o objetivo de evidenciar a evolução dos estudos, realçar as tendências que se estabelecem e sinalizar as abordagens com potencial de aprofundamento na C&M, são apresentados os resultados e sua análise, a partir das lentes interpretativas dos autores.

O gráfico 1 descreve a distribuição do número de artigos para cada volume e número da Revista C&M. Nesse período (2013-2022), foram publicados 75 textos sobre diversos temas relacionados a 'maçonarias', distribuídos em nove números e 11 volumes. Observa-se a publicação de dois volumes nos dois primeiros números e somente uma edição em cada volume nos anos subsequentes.

Gráfico 1 – Distribuição de quantidade de artigos por edição da Revista Ciência & Maçonaria (2013-2022)



Fonte: dados da pesquisa.

Ressalta-se que esse resultado não reflete uma diminuição do número de artigos submetidos à avaliação, que aumentaram ao longo dos anos. Do contrário, tal consequência se deve ao rigor aplicado na seleção dos textos submetidos no sentido de manter a qualidade de suas publicações, de acordo com o foco e escopo adotado pelo corpo editorial da revista.

Destaca-se uma lacuna nas publicações em 2016, relacionada a uma baixa quantidade de artigos aprovados naquele ano, apesar do elevado volume de submissões. Embora contraditórios, são da-

dos que enfatizam a necessidade de incentivo à pesquisa, com maior mobilização de intelectuais, que podem aprimorar a metodologia dos textos submetidos. Esse aspecto sugere a demanda de comunidades de pesquisadores e acadêmicos para desenvolver mais pesquisas com qualidade sobre esse objeto social, como já sinalizado há mais de vinte anos por Morel (2001).

A média de publicações por edição é 6.3 e a moda seis (gráfico 1). No entanto, houve um volume maior de textos na edição especial 4.1 (2017), com a publicação dos artigos aprovados para o I Congresso Internacional de Ciência e Maçonaria, realizado naquele ano. Desde então, a revista mantém com regularidade sua tradição de publicar ao menos uma edição anual, apesar da pandemia mundial de Coronavírus ter afetado significativamente a produção científica brasileira desde 2020 (BORI, 2023).

Para esta análise, esquadrinhou-se o conjunto de palavras-chave dos textos, uma informação preciosa da estrutura de um artigo. De acordo com as diretrizes da American Psychological Association (APA, 2012), elas são indispensáveis para a identificação do conteúdo de um texto, já que representam os principais tópicos, conceitos e termos referidos. São dados que aumentam a visibilidade e a acessibilidade das informações específicas do estudo para os sujeitos que procuram determinado tema, como é o caso desta abordagem. Como um todo, elas revelam pistas iniciais sobre o que é mais recorrente em um conjunto de publicações. Que aspectos e diretrizes são revelados pelo conjunto de palavras-chave associadas aos textos publicados na C&M?

Conforme ilustrado na Figura 1, foi possível sugerir a existência de uma pluralidade de temas discutidos ao longo dos anos de publicação a partir do conjunto de palavras-chave.

Figura 1: Nuvem de elementos representados nas palavras-chave dos artigos publicados na revista Ciência & Maçonaria (2013-2022)



Fonte: dados da pesquisa

Na nuvem de palavras, o tamanho dos elementos não reflete proporcionalmente sua frequência, dada a natureza idiossincrática das palavras-chave evocadas pelos artigos analisados.

Dentre esses elementos, merece destaque a expressão "maçonaria", por ser o ponto de convergência que estabelece correlações intrínsecas entre todos os artigos. Predominantemente, os demais termos caracterizam-se por sua idiossincrasia, já que foram mencionados apenas uma única vez nos referidos textos. Essas primeiras pistas aparentam indicar uma tendência multidisciplinar e diversificada de suas publicações.

Destaca-se que todas essas palavras-chave reúnem cognemas primordiais que influenciam a determinação do interesse do leitor em prosseguir ou não na exploração de uma obra, além de ser um precioso recurso em mecanismos de busca e recuperação de informações para pesquisadores. Por esse motivo, sugere-se que sua elaboração seja referenciada por uma análise cuidadosa dos termos mais relevantes para o foco do artigo, sem a ambiguidade da linguagem genérica cotidiana, o que pode ser otimizado com o recurso de ferramentas de pesquisa de palavras-chave de termos técnicos e científicos, como o Thesaurus e o Priberam.

Importa marcar que, dentre os 59 autores que publicaram na C&M, individualmente ou em coautoria, predominam homens, sendo apenas três mulheres. Os dados são singulares, apesar da cienciometria ainda reconhecer uma desproporção de gênero nas publicações, citações e representatividade no campo acadêmico. Contraditoriamente, hoje elas são maioria em muitas áreas do conhecimento, incluindo as ciências humanas, no mundo todo (SAID, 2021). No Brasil, a ampliação da participação feminina no campo científico ainda encontra muitas barreiras e baixa atratividade. No entanto,

o ponto de equilíbrio numérico quanto ao gênero dos pesquisadores registrados no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) foi atingido em 2010, quando os pesquisadores relacionados na base de dados estavam divididos igualmente entre homens e mulheres. Também naquele ano, o número de mulheres (52%) ultrapassou o de homens (48%) como líderes dos grupos de pesquisa registrados no CNPq (BOLZANI, 2017, p.3).

No Brasil, a presença feminina na ciência está em ascensão, abrangendo todas as áreas universitárias: as mulheres são maioria em pós-graduações e beneficiárias de bolsas da CAPES. Contudo, ainda enfrentam de-

safios em ambientes majoritariamente masculinos, com disparidades de gênero em diversas carreiras, campos de estudo e no acesso aos patamares mais elevados das carreiras (KETZER *et al*, 2023).

Nesse sentido, pode-se levantar uma hipótese, segundo a qual as publicações na C&M são predominantemente masculinas devido a um maior interesse e envolvimento com tema por parte de homens. As 'maçonarias' masculinas possuem maior capital simbólico, representatividade e legitimidade em todo o mundo. Além disso, considera-se esse objeto de estudo como um tema distante da centralidade de outras linhas de pesquisa em ciências humanas. Presume-se aqui, maior atratividade pelo tema e envolvimento com o objeto de estudo por parte de pesquisadores homens que têm alguma proximidade com essas instituições.

Os dados da pesquisa também apontam que a maioria dos 59 autores publicaram apenas uma vez na C&M (média:1,2; moda:1). Dentre esses, sobressaem-se os autores Kennyo Ismail e Edgard da Costa Freitas Neto, respectivamente, com oito e quatro publicações ao longo das onze edições da revista.

Os resultados da pesquisa também sinalizam a diversidade de formações acadêmicas dos autores. Denotam a heterogeneidade de linhas de pesquisa associadas ao objeto no espaço da C&M. No tempo das publicações, eram 27 doutores, 13 mestres, 10 especialistas e nove bacharéis/licenciados de múltiplas áreas do conhecimento, o que reflete a ausência de centralidade no campo acadêmico em relação à pesquisa sobre esse tema. E corrobora a ideia de que as 'maçonarias' são um objeto de estudo de natureza e interesse multidisciplinar.

Também foram analisadas as referências bibliográficas que fundamentaram a construção das publicações ao longo da primeira década da C&M. Interessava conhecer quais os principais referenciais teóricos que gravitam em torno dos estudos divulgados no periódico. Assim, a tabela 1 apresenta os autores mais recorrentes nos textos, classificados pelo total de citações e número de artigos que referenciam.

Tabela 1: Classificação dos autores mais citados na revista C&M (2013-2022) por citações e quantidade de artigos.

	Autor	N. artigos em que são citados	Total/citações
1	Kennyo Ismail	23	58
2	José Castellani	18	26
3	Alexandre Mansur Barata	15	21
4	Pierre Bourdieu	9	16
5	Michel Foucault	8	12

Fonte: dados da pesquisa.

Desse modo, Ismail, Castellani e Barata mostram-se relevantes referenciais bibliográficos sobre o objeto de estudo para os textos publicados no escopo da C&M. São autores cuja produção se aproxima dos aspectos do tempo de curta e média duração que perpassam a história sobre o objeto de estudo. Portanto, suas produções prenunciam-se como fundamentais para as discussões no contexto da revista.

Além dos autores que se dedicam a esse objeto de pesquisa, Pierre Bourdieu e Michel Foucault destacam-se como importantes pilares teórico-analíticos para essas publicações. Estes últimos são autores que trouxeram contribuições propositivas ao campo das ciências humanas no século XX, já que aprofundaram questões epistemológicas que constituem significativas matrizes interpretativas dos fenômenos sociológicos (VALLE, 2007; GERALDINI, 2007).

Esse conjunto de autores mais citados também remete a repercussão de suas produções nesse espaço de produção do conhecimento. De certa forma, a visibilidade desses sujeitos nas citações das publicações manifesta as relações de capital simbólico/acadêmico sobre o objeto de estudo na C&M. De outra maneira, também remete a contribuição de sua produção para outros estudos sobre 'maçonarias' nos temas mais abordados pelas publicações analisadas.

Diante desses apontamentos preliminares de potenciais autores com maior centralidade nas publicações da C&M, emergiram algumas questões de pesquisa. Se os referenciais teóricos sinalizam os autores com maior frequência nas publicações, que obras aparecem como principais norteadores para os artigos divulgados no periódico? A tabela 2 descreve os indicativos relativos a essa questão.

Tabela 2: Textos mais citados nos artigos publicados na revista C&M (2013-2022)

Título	Total citações
Maçonaria, sociabilidade ilustrada (Barata)	11
Desmistificando a maçonaria (Ismail)	9
História do Grande Oriente do Brasil (Castellani)	8

Fonte: dados da pesquisa

Não obstante, as obras mais referidas são produções dos autores mais citados nos artigos da C&M. A obra "Maçonaria, sociabilidade ilustrada", de Alexandre Mansur Barata, analisa a inserção da sociabilidade maçônica no Brasil, em especial na transição do século XVIII para o século XIX. Assim, contribuiu com a renovação dos

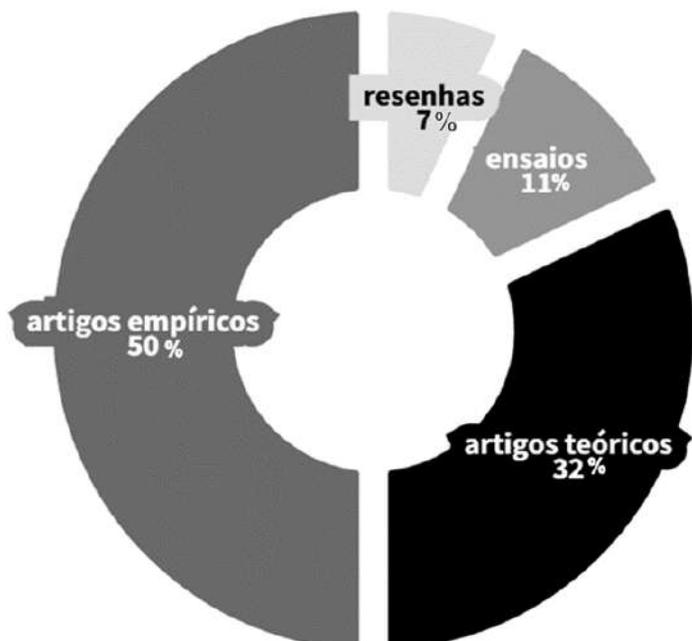
estudos historiográficos do processo de independência do Brasil, aprofundando um assunto pouco abordado sob um enquadramento distanciado de uma visão mítica recorrente.

A obra "História do Grande Oriente do Brasil" de José Castellani, mostra os principais acontecimentos que marcaram a trajetória das maçonarias e a atuação de seu poder central nos principais fatos políticos e sociais do nosso país. Mais contemporâneo, o livro "Desmistificando a Maçonaria" de Kenno Ismail, debate 'o porquê do caráter sigiloso das ordens maçônicas' e 'como esse segredo desperta curiosidade sobre seu funcionamento interno'.

São obras elementarmente distintas que se concentram em diferentes aspectos analíticos, mas que convergem como importantes referenciais porque discutem o papel das maçonarias na história do Brasil e/ou 'abrem a caixa-preta' dessas instituições para desmistificar e ressignificar o imaginário sobre esse objeto social. Eles compartilham a ênfase na importância das 'maçonarias' como um espaço de sociabilidade política e debate de ideias durante momentos cruciais da história brasileira, além da ação de personalidades históricas.

Apesar de esses resultados sugestionarem a valorização de uma literatura brasileira, também apontam para uma baixa apropriação da produção de obras internacionais por parte dos autores da revista, o que é recorrente em muitas áreas do conhecimento, principalmente em função das barreiras linguísticas. Argumenta-se aqui que essa apropriação da literatura estrangeira se mostra como essencial para o enriquecimento da pesquisa acadêmica, aumentar sua qualidade e sua integração com a produção acadêmica global.

O gráfico 2 representa a classificação dos artigos da C&M de acordo com a organização de seus gêneros textuais. Com base no desenho analítico-interpretativo deste estudo, os 75 textos publicados na revista se distribuem em quatro categorias: 7% são resenhas de livros (seis), 11% ensaios (oito), 32% são artigos teóricos (24) e 50% são artigos empíricos (37).

Gráfico 2: Classificação dos textos publicados na revista C&M por tipo de gêneros

Fonte: dados da pesquisa

Posto isso, delinea-se a predominância de pesquisas empíricas no espaço da C&M, resultado coerente com os padrões dos estudos publicados em diversas áreas das ciências humanas. Em geral, esses estudos baseiam-se na discussão de dados gerados pelos autores, seja em pesquisas de campo ou na análise e interpretação de fontes primárias ou secundárias sob as lentes de um referencial teórico-metodológico. São abordagens necessárias porque enriquecem o debate acadêmico com suas perspectivas, interpretações de práticas e teorias. Além disso, compõem uma base para pesquisas futuras.

Seguidamente, destacam-se publicações de artigos teóricos, pertinentes à expansão do conhecimento sobre 'maçonarias', já que constroem análises conceituais e arriscam novas estruturas de compreensão. Ou seja, geram perspectivas atuais sobre o objeto de estudo. Os ensaios representam 11% das produções da revista – reconhecidamente, são um desafio para os autores e, ao mesmo tempo, uma necessidade pujante, dada a complexidade de sua construção que exige o domínio profundo do tema para a elaboração de uma crítica argumentativa que supere os limites do conhecimento sobre um objeto.

Além disso, identificamos um total de seis resenhas de livros nas onze edições da C&M. Todas elas apresentam uma avaliação crítica de obras consideradas relevantes por preservarem registros relevantes sobre o ob-

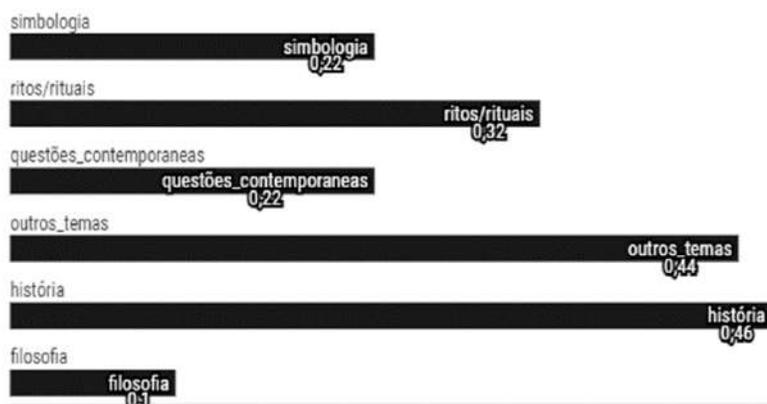
jeto de pesquisa. Em geral, esses textos se debruçam sobre pesquisas autênticas que contextualizam o objeto "maçonarias" na história, exploram a simbologia ou focam em ritos específicos. Nitidamente, essas resenhas se empenham em promover a inspiração de leitura desses livros, estimular maior interesse no debate sobre o objeto de pesquisa, além de cancelar o reconhecimento de autores do passado e da contemporaneidade. Por esse motivo, se anunciam como uma contribuição necessária para fomento da educação maçônica e de novas pesquisas no espaço da C&M. Reforça-se a pertinência de esforços para a publicação de resenhas nesse campo específico, dado a constatação de lacunas na literatura maçônica em língua portuguesa.

A fim de alcançar as grandes temáticas de concentração dos artigos teóricos, artigos empíricos e ensaios publicados, realizou-se sua classificação referenciada por gêneros estabelecidos na análise de conteúdo do material textual. Circunscritos nessas categorias, definiu-se as classes filosofia, simbologia (que inclui símbolos e alegorias), história e maçonaria, ritos e rituais, além das questões do tempo corrente (contemporaneidade). Os estudos idiossincráticos, que não se inserem nessas cinco classes predominantes, foram incluídos na categoria outros temas.

O gráfico 3 apresenta o resultado dessa classificação elaborada para os objetivos deste estudo. Observa-se que a distribuição dos artigos nessas grandes áreas ultrapassa o percentual total (100%) já que muitos textos se enquadram em mais de uma categoria, como é o caso dos estudos de Amarilla (2017) sobre a gênese da maçonaria adonhiramita no Brasil e Ismail (2021), que analisa os cruzamentos históricos no desenvolvimento dos ritos Moderno e Escocês Antigo e Aceito.

Cabe destacar que predominam estudos relacionados ao campo da História (46%), no contexto de uma década da C&M. Embora diversos em seus métodos, temas e objetivos, esses estudos se propõem a explorar a historicidade e a influência das 'maçonarias' na sociedade, política, religião e educação. Alguns focalizam a participação dessas organizações e de seus sujeitos em movimentos políticos e sociais, como a defesa do laicismo e da igualdade. Outros também abordam os conflitos ideológicos com instituições religiosas. A atuação social dessas instituições muitas vezes é enfatizada, incluindo seu papel na modernização, educação e luta pela abolição da escravidão.

Gráfico 3: Grandes temas de concentração das publicações na Revista Ciência e Maçonaria (2013-2022)



Fonte: dados da pesquisa

Embora a história e origens das maçonarias sejam complexas devido à falta de registros precisos, os artigos ressaltam a importância de se nortear por diferentes fontes e desenvolver um olhar crítico não anacrônico para os contextos históricos observados. Além disso, a análise dos aspectos simbólicos e filosóficos das maçonarias também é aprofundada nesses estudos, realçando sua relevância na construção da identidade maçônica e no funcionamento dessas organizações. Ao olhar para o passado dessas instituições, propõem novas interpretações de aspectos muitas vezes controversos, possibilitando aos leitores e pesquisadores o conhecimento e o questionamento dos papéis históricos relativos a esse objeto.

A classe outros temas também aparece como predominante entre os textos publicados na C&M, representando 44% das redações. São estudos relacionados a 'maçonarias' que tratam de questões diversas, como Educação, Biografias, Gestão/Planejamento, Psicologia, Arte, Direito, Economia, Literatura, Ecologia, Mitologia, Museologia e Música. Com tal natureza, reforçam o pressuposto da matriz interdisciplinar associada ao objeto de estudo.

Com efeito, os textos exploram de maneira convergente a interseção entre as 'maçonarias' e os diversos campos do conhecimento. Mais além, se considera esse dado intrigante já que ele sugere a dispersão dos pesquisadores que se dedicam a esse tema, aproximando-o de seus próprios interesses intelectuais, no sentido de não comporem núcleos de pesquisa dedicados estritamente a esse objeto, como já notabilizado. Anuncia-se, portanto, uma demanda acadêmico-institucional de fomento à formação de comunidades de pesquisadores e da promoção de congressos/simpósios regulares no

sentido de consolidar a edificação de um campo de pesquisa perene e efetivo.

Destacam-se também estudos relacionados aos ritos e rituais (32%) e à simbologia (22%), que miram os atributos da natureza epistêmica iniciática dessas organizações, enquanto sistemas de moralidade ilustrados por símbolos e velados por alegorias (MACKEY, 1912). Evidencia-se a importância do aprofundamento dessas questões teórico-subjetivas, principalmente no sentido de promover a difusão de um conhecimento que se aproxime dos objetivos dos ensinamentos propostos pelos diversos ritos/rituais e que se afaste de equívocos interpretativos de uma literatura secundária disponível em muitos espaços de divulgação sobre o tema. Observa-se uma maior produção sobre determinados ritos mais difundidos no país – como o Rito Escocês Antigo e Aceito – e uma carência de estudos históricos, filosóficos e simbólicos voltados para outros ritos e rituais.

Por fim, também foi verificado um conjunto de artigos que tratam de questões filosóficas (10%) e outro sobre questões próprias da contemporaneidade (22%). Esses últimos exploram a relação entre as 'maçonarias' e temas diversos, incluindo direitos fundamentais, igualdade de gênero, modernização, gestão organizacional, representações sociais e educação maçônica. Alguns analisam a questão da igualdade de direitos dentro da organização, abordam a criação e desenvolvimento de lojas universitárias, investigam as relações sociais e suas redes, ou discutem o *ethos* maçônico em relação à sociedade e demandas para mudanças sociais.

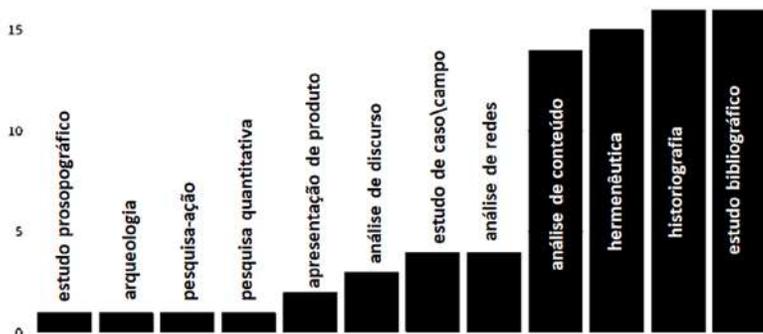
Além disso, olham para dilemas e problemas do presente, como a evasão de voluntários, a expectativa dos membros em relação às reuniões e a percepção sobre a instituição nas mídias sociais. Outros trazem propostas e soluções para uma melhor gestão e planejamento estratégico nessas instituições. Em conjunto, esses artigos enquadram perspectivas diversas, abrangendo aspectos legais, sociais, organizacionais e culturais atuais.

Dessa maneira, a C&M aparece como um espaço que reúne estudos que olham para o passado, para as questões do presente e para as possibilidades de um futuro mais consonante como os novos desafios da contemporaneidade. Sendo assim, embora as pesquisas voltadas para a história desse objeto social sejam relevantes e imperativas, esses últimos aspectos do presente e do passado carecem mais ainda de discussões e investigações, pois são capazes de trazer reflexões e soluções para as questões que pulsam no tempo corrente.

Dessa maneira, a C&M aparece como um espaço que reúne estudos que olham para o passado, para as questões do presente e para as possibilidades de um futuro mais consonante como os novos desafios da contemporaneidade. Sendo assim, embora as pesquisas voltadas para a história desse objeto social sejam relevantes e imperativas, esses últimos aspectos do presente e do passado carecem mais ainda de discussões e investigações, pois são capazes de trazer reflexões e soluções para as questões que pulsam no tempo corrente.

Quanto às diretrizes analítico-processuais, sua categorização é representada no gráfico 4. Atenta-se que a quantidade de metodologias não equivale ao total de artigos porque alguns estudos se utilizaram da combinação desses modelos no desenho de seu traçado.

Gráfico 4: Tipos de metodologias utilizadas nos artigos publicados na Revista Ciência & Maçonaria (2013-2022)



Fonte: dados da pesquisa

Nas pesquisas empíricas, observou-se a predominância de estudos embasados principalmente por métodos bibliográficos (16), historiográficos (16) e de análise de conteúdo (14). Contudo, é importante realçar que carecem pesquisas documentais que se debruçam sobre fontes primárias, como é o caso do estudo de Valadares (2015), no qual a autora analisou processos inquisitoriais sobre padres acusados de envolvimento com a maçonaria. Tais vias afloram um espaço fecundo a ser explorado pelos pesquisadores que se interessam por questões históricas relacionadas a esse objeto de pesquisa. Esse caminho pode ampliar novas perspectivas sobre esse objeto de estudo, abrindo espaço para novas interpretações dos documentos ou materiais históricos em seus contextos originais.

Embora haja materiais disponíveis em acervos e bibliotecas públicas, os diversos registros históricos sobre 'maçonarias' muitas vezes são mantidos pelas próprias organizações e restritos aos seus membros, o que desestimula ou impede o acesso aberto a certas fontes primárias. Essa natureza discreta e secreta das 'maçonarias' pode dificultar os estudos acadêmicos sobre o tema pelas universidades. Desse modo, a produção historiográfica dessas fraternidades, incluindo os temas laterais relativos à sociedade, aparenta ser feita principalmente por estudiosos e entusiastas que fazem parte dessas instituições.

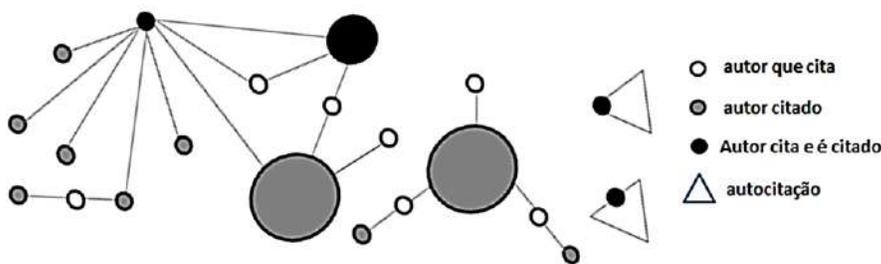
Além disso, também se destaca a proeminência de estudos de natureza analítico-teórica - que se utilizam

da hermenêutica, da lógica e da filosofia para sustentar seus argumentos, uma marca dos artigos teóricos publicados na C&M (14 artigos). De fato, todas essas são abordagens recorrentes nas Ciências Sociais que fundamentam os estudos voltados para compreender a complexidade dos fenômenos de natureza humana, como objeto 'maçonarias'.

Vislumbrando possibilidades além, aqui enfatizamos outras metodologias que foram utilizadas por poucos estudos publicados na C&M. Dentre tantas estratégias possíveis e originais, podem ser opções analíticas para novos estudos, especialmente aqueles que lançam luzes para as questões do presente e do futuro, bem como o uso de entrevistas, os estudos de caso e de redes sociais, as pesquisas quantitativas, a etnografia e outras. Distingue-se, portanto, um vale fértil a ser semeado.

Uma das questões deste estudo era conhecer o impacto da C&M sobre a própria revista. Será que as publicações que compõem o periódico se apresentam dispersas e desconectadas? Ou será que as novas produções estimulam o debate e a comunicação entre os diversos atores do campo? Para esta pesquisa, a compreensão dessa questão se mostra substancial porque pode apontar (ou não) a existência de uma dinâmica de consensos ou debates na comunidade acadêmica além da repercussão dos achados de um estudo sobre os outros. A presença desse diálogo também pode sinalizar as novas tendências que se delineiam com a expansão do conhecimento de uma área. Nesse sentido, o grafo 5 evidencia o desenvolvimento do diálogo entre os diversos autores que publicaram na C&M entre 2013 e 2022.

Gráfico 5: Árvore do impacto de produção da Revista C&M na própria revista pela rede de interação entre autores



Fonte: dados da pesquisa

Na representação gráfica da árvore, o primeiro autor de cada artigo é identificado por um círculo. O tamanho das esferas é proporcional ao número de citações que o referenciam.

Desse modo, ainda em 2014, em sua edição 2.1, os

autores iniciaram um processo comunicativo com os textos publicados no primeiro volume. Por se tratar de uma análise qualitativa da interação entre os diversos artigos ao longo desses dez anos, podemos inferir a emergência de um debate entre os autores e o andamento de discussões entre suas pesquisas. Portanto, desenha-se um campo com potencial de expansão do conhecimento relativo ao objeto 'maçonarias', dada rede dialógica que vem se desenvolvendo nesse período.

Reitera-se que essa interlocução com outros autores imbricados sobre os mesmos temas é um imperativo crucial para aprofundar o entendimento sobre as 'maçonarias'. Essa conversa enriquece as abordagens, estimula o debate crítico e impulsiona o progresso do campo, promovendo uma compreensão mais contextualizada e complexa sobre o objeto de estudo. Isso fortalece a qualidade das publicações e contribui para o avanço das fronteiras no cenário acadêmico.

Aqui, procurou-se mapear os autores centrais, as principais referências do campo de estudo, as temáticas, as metodologias empregadas, bem como as tendências que se desenvolvem nos artigos publicados na C&M. O desfecho desta análise traz apontamentos positivos sobre o caminho percorrido na aproximação dos fenômenos associados ao objeto de estudo dentro do contexto do periódico. Além disso, buscou-se indicar outras possibilidades no sentido de colaborar com a produção de conhecimento sobre 'maçonarias'.

5. Considerações

Partindo da análise proposta por este estudo, constata-se que a Revista C&M vem se consolidando como um espaço de divulgação acadêmica que ilumina com lucidez o debate sobre o objeto de estudo 'maçonarias' em suas diversas dimensões multidisciplinares. Desempenha, portanto, um papel importante nos estudos do campo no Brasil, destacando-se por sua perenidade e regularidade de publicações. No contexto da revista, sobressaem-se publicações dedicadas ao campo da História, cuja robustez analítica pode alcançar maior aprofundamento com a ampliação da exploração de fontes primárias. No entanto, também pulsam um conjunto de estudos que olham para as questões e problemas do presente, bem como pesquisas que buscam estratégias e caminhos para superar os dilemas das maçonarias ante o futuro que anuncia profundas transformações sociais.

Com efeito, a existência desse locus de publicação e divulgação faz o campo de estudos direcionados a 'maçonarias' no Brasil se desenvolver. No entanto, embora a C&M seja uma pedra angular para a expansão do

conhecimento sobre esse objeto social, compreende-se que, isoladamente, tal ação enfrenta algumas limitações. Para a edificação de uma sólida comunidade de pesquisa sobre 'maçonarias', defende-se que são necessários o suporte do pilar acadêmico-universitário e subsídios por parte das instituições maçônicas.

Se no presente, a C&M recebe reconhecimento científico e se aproxima de centenas de milhares de visualizações, isso ocorre sem financiamento e cooperação, contando com os esforços de sua equipe editorial. Desse modo, para ir além e permanecer firme em suas ações, o apoio das diversas potências, que muito têm a ganhar com o enriquecimento de uma educação maçônica de qualidade, promovido pela produção de novo conhecimento, é substancial. Sugere-se que a promoção de congressos e conferências, que valorizem o debate intelectual e incentivem pesquisadores a desenvolverem novos estudos sobre o objeto 'maçonarias', pode ser um caminho oportuno nesse sentido.

Ao analisar a primeira década de publicações da C&M, os autores pretenderam trazer alguma contribuição para os novos estudos do campo, colocando em evidência os temas, a literatura e as abordagens metodológicas. Com isso, procurou-se descrever suas tendências e apontar para as lacunas que podem ser exploradas em novas pesquisas dedicadas a 'maçonarias'. Sem maiores pretensões, buscou-se alcançar uma síntese que possa clarear de alguma forma as futuras investigações, promovendo a busca de inovações em seus estudos, metodologias e demandas emergentes. Enfatiza-se a eminência desse lugar de divulgação e fomento de estudos sobre esse objeto. Congratula-se sua relevância para o desenvolvimento da produção de conhecimento sobre 'maçonarias' no Brasil.

6. Referências

- AMARILLA, Miguel Angel De Marchi. A gênese da maçonaria adonhiramita no Brasil: uma pesquisa bibliográfica antes da criação do Grande Oriente do Brasil. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 4, n. 1, 2017.
- APA. American Psychiatric Association. *Manual de publicação da APA: American Psychological Association*. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.
- BART, Daniel. L'analyse de données textuelles avec le logiciel Alceste. *Recherches en didactiques*, v. 12, n. 2, p. 173-184, 2011.
- BOLZANI, Vanderlan da Silva. Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas? *Ciência e cultura*, v. 69, n. 4, p. 56-59, 2017.

BORI, Agência. Relatório da produção de ciência no BR caiu pela 1ª vez em 2022; queda em número de artigos foi observada em 23 países. *Abori.com*. 26 de julho, 2023. <https://abori.com.br/ciencia/producao-de-ciencia-no-br-caiu-pela-1a-vez-em-2022-queda-em-numero-de-artigos-foi-observada-em-23-paises/>

CRESWELL, John W. *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens*. Penso Editora, 2014.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed editora, 2008.

GERALDINI, Janaina Rodrigues. As ciências humanas na arqueologia de Michel Foucault. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1, p. 123-139, 2007.

ISMAIL, Kenny. O Impacto de um Rito Sobre Outro: três cruzamentos entre o REAA e o Rito Moderno. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 8, n. 1, 2022.

ISMAIL, Kenny. Palavra do Editor. *Revista Ciência & Maçonaria*. 2022.

KETZER, P.; MALDANER, L.; RIBEIRO, S.; Mulheres docentes na pós-graduação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 18, n, p. 1-22, 2023.

MESSINA, Graciela. *Estudio sobre el estado da arte. Organización de Estados Ibero-Americanos para La Educación, La Ciencia y La Cultura*. 1998.

MOREL, Marco. Sociabilidades entre Luzes e sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 28, p. 3-22, 2001.

REINERT, Max. Alceste. *Analyse de donnes textuelles*. Paris, Societé Image, 1998.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações Inversões, Deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.19. Campinas: Unicamp. 1990, p.7-24

VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. *Educação e Pesquisa*, v. 33, p. 117-134, 2007.

VALADARES, Virgínia Maria Trindade. Padres na maçonaria do Portugal setecentista: Prisões e Delações no Santo Ofício: O caso de D. André de Moraes Sarmento. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 3, n. 1, 2015.

O BODE, O ESQUADRO E O COMPASSO: problemas decorrentes do humor na iniciação maçônica

(THE GOAT, THE SQUARE AND THE COMPASS: problems arising from humor in Masonic initiation)

Fernando Rodrigues de Souza ¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o humor presente nas cerimônias maçônicas com enfoque na figura do bode, bem como suas implicações durante o desenvolvimento da instituição. A pesquisa foi realizada através de levantamento bibliográfico sem levar em consideração a data de publicação das obras, mas sim sua relevância sobre o tema. Durante a investigação foi possível constatar a existência do humor na ritualística da maçonaria há pelo menos quatrocentos anos, dos quais envolveram a instituição em diversas polêmicas e que hoje passam por um escrutínio mais rigoroso. Contudo, mesmo com a existência de leis que colocam tais ações como atos indisciplinados, ainda é possível verificar tais práticas nas últimas décadas até a atualidade, de modo a ainda existirem como um dilema a ser superado pela Maçonaria.

Palavras-chaves: Maçonaria; Humor; Rituais; Cerimônias.

Abstract

This article aims to analyze the humor present in Masonic ceremonies with a focus on the figure of the goat, as well as its implications during the development of the institution. The research was carried out through a bibliographical survey without taking into account the date of publication of the works, but rather their relevance on the subject. During the investigation it was possible to verify the existence of humor in the rituals of freemasonry for at least four hundred years, which involved the institution in several controversies and which today undergo a stricter scrutiny. However, even with the existence of laws that place such actions as indisciplinatory acts, it is still possible to verify such practices in recent decades to the present day, so that they still exist as a dilemma to be overcome by freemasonry.

Keywords: Freemasonry; Humor; Rituals. Ceremonies.

¹ Mestrando em Ciências da Religião pela UFS. Graduado em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Internacional (2023). Especialista em História das Religiões pela Universidade Cruzeiro do Sul (2021) e em Filosofia da Religião pela Universidade Dom Alberto (2021). E-mail: fernandordesouza@yahoo.com

1. Introdução

A Maçonaria é uma instituição conhecida por seus mistérios, alegorias, simbolismos e por seus rituais de iniciação que despertam a curiosidade e o imaginário popular, dos quais resultam em lendas nos meios chamados "profanos", ou seja, daqueles que não foram iniciados na instituição.

Dentro do simbolismo, dividido em seus três graus mais populares, aprendiz, companheiro e mestre, exige-se que o candidato ou maçom passem por uma série de atividades e cerimônias para que consiga ascender nos graus seguintes. Contudo, destaque especial se dá para a cerimônia de iniciação, que marca a recepção e introdução do candidato na ordem. Ainda hoje, a iniciação maçônica é objeto de especulações e lendas por parte de muitos grupos da sociedade, em especial os que não veem a maçonaria como algo positivo. Muitos elementos são de conhecimento popular, como o esquadro e o compasso, presentes em obras de arquitetura e que hoje tornaram-se marca registrada daqueles que fazem parte da instituição. Outro elemento bastante popular e controverso é a figura do bode, contudo, essa relação problemática e complexa não é algo recente, sua origem remonta ao século XIX em instituições iniciáticas nos Estados Unidos, antes mesmo de seu aparecimento na maçonaria.

Apesar de estar intimamente ligado aos mistérios da maçonaria, a figura do bode não está presente nos rituais maçônicos das potências regulares do Brasil, contudo, alguns autores maçônicos chegam a mencioná-lo em suas obras, como exemplo, Albert Pike em *Moral e Dogma* (1871). A influência do bode tornou-se tão popular que sua imagem é utilizada por muitos maçons, sendo adotado como animal de estimação da instituição. Por outro lado, sua má fama permanece considerável e permeia o imaginário popular de muitos grupos sociais e religiosos.

Essa relação expressa como parte do humor maçônico, ligado principalmente aos mistérios iniciáticos e as pegadinhas que faziam parte das cerimônias, renderam à ordem uma faceta ocultista e relacionada aos cultos satânicos, entretanto, no aspecto social essas ações por vezes ocasionaram diversos problemas para a instituição, envolvendo casos jurídicos e de morte durante uma iniciação. Diante de tantas problemáticas muitos rituais e constituições maçônicas passaram a adotar uma postura mais severa em relação às brincadeiras durante as cerimônias iniciáti-

cas, ainda assim, a figura do bode permanece popular dentro e fora da Maçonaria.

2. Origem e desenvolvimento do bode nas fraternidades iniciáticas

Historicamente o aparecimento do bode se dá na idade média onde era visto como um símbolo do diabo. Histórias comuns à época mencionavam sua relação com as bruxas, que montadas em bodes iam até a cidade para realizar cultos satânicos e participar de orgias (HODAPP, 2013).

A ideia vulgar de que "montar no bode" faz parte das cerimônias de iniciação em uma Loja Maçônica tem sua origem real na superstição da antiguidade. Os antigos gregos e romanos retratavam seu deus místico Pã com chifres, cascos e pele felpuda, e o chamavam de "pés de bode". Quando a demonologia dos clássicos foi adotada e modificada pelos primeiros cristãos, Pã deu lugar a Satanás, que naturalmente herdou seus atributos; de modo que, para a mente comum, o Diabo era representado por um bode, e suas marcas mais conhecidas eram os chifres, a barba e os cascos fendidos. Depois vieram as histórias de bruxas da Idade Média e a crença nas orgias de bruxas, onde, dizia-se, que o Diabo aparecia montado em um bode. Essas orgias das bruxas, onde, em meio a cerimônias terrivelmente blasfemas, praticavam a iniciação em seus ritos satânicos, tornaram-se, para o vulgo e o iletrado, o tipo dos mistérios maçônicos; pois, como diz o Dr. Oliver, era uma crença comum na Inglaterra que os maçons estavam acostumados em suas Lojas "a adorar o Diabo". Assim, a "montagem no bode", que se acreditava ser praticada pelas bruxas, foi transferida para os maçons; e o ditado permanece até hoje, embora a crença tenha desaparecido há muito tempo. (MACKEY, 2007, p. 315, tradução nossa)

Esse pensamento popular foi representado artisticamente no frontispício da segunda edição de *Bloekes-Berges Verrichtung* (1669), de Johann Praetorius. Na imagem é possível ver uma figura feminina montada em um bode e uma segunda centralizada, representando uma bruxa beijando o ânus de um bode (MOORE, 2007).

Fig. 1. Frontispício de Johannes Praetorius, *Blockes-Berges Verrichtung*, 2ª ed. (Leipzig: J. Scheibe, 1669).



Fonte: *University of Chicago Library, Special Collections Research Center.*

Alguns rituais maçônicos antigos referem-se a Deus através do acrônimo "GOAT", *God Of All Things*, uma palavra que significa bode. Isso serviu para que livros antimaçônicos dedicassem atenção especial a essa questão. Posteriormente os rituais passaram por alterações de modo a evitar essa polêmica, e como resultado disso, Deus passou a ser referido pelo acrônimo "GAOTU", *Grand Architect of The Universe* (HODAPP, 2013).

Outro problema gramatical também fez com que a fama do bode se firmasse cada vez mais na maçonaria. Nas antigas hospedarias e estalagens da Inglaterra, era costume, muitos anos atrás, que suas instalações ostentassem um texto como sinal. Um texto comum usado era "Deus nos envolve", *God encompasseth us*, e é muito provável que com o tempo tenha se corrompido para "Bode e Compassos", *Goat and Compasses*, um sinal ainda utilizado atualmente por muitas pousadas rurais na Inglaterra. "O conhecimento de que os compassos eram um emblema da Arte pode ter levado os profanos a acreditar que o bode também figurava em nossas cerimô-

nias." (ADAMS, 2018, p. 25)

Uma possível influência mencionada por Adams (2018), em suas *Masonic Notes*, é a gravura dos querubins com pernas de bode, sustentadores do brasão que veio a tornar-se um dos símbolos mais utilizados na Maçonaria anglo-saxônica, presente no frontispício da 2ª edição da obra *Ahiman Rezon* (1764).

Outra referência utilizada para justificar a presença do bode em instituições iniciáticas é a menção do texto bíblico do livro de Levítico 16. 7-10, que explana sobre o conceito de bode expiatório no contexto judaico. (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012)

Toma os dois bodes e os põe diante do SENHOR, na entrada da tenda do encontro. Aarão tira sorte sobre os dois bodes: uma sorte 'para o SENHOR', uma sorte 'para Azazel'. Aarão apresenta o bode sobre o qual caiu a sorte 'para o SENHOR', e com ele faz um sacrifício pelo pecado. Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte 'para Azazel', ele é apresentado vivo diante do SENHOR, para fazer sobre ele o rito da absolvição enviando-o a Azazel no deserto. (BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, 1995, p. 136)

As décadas de 1820 e 1830 foram caracterizadas por perseguições de grupos religiosos de vertente cristã protestante e organizações políticas inimigas da maçonaria que realizaram ataques vinculando materiais que acusavam a instituição de práticas ocultistas, transgressoras e que iam de contra aos ideais cristãos. Segundo os apontamentos de Adams (2018), "o bode pode ter se associado à Maçonaria principalmente por meio da instrumentalidade da Igreja Católica Romana, durante o período de sua aberta hostilidade à Maçonaria" (ADAMS, 2018, p. 105).

Essas perseguições ocasionaram diversos problemas, de modo que, muitas lojas pararam de realizar suas reuniões (MOORE, 2007). Apesar de historicamente o bode ter sido associado aos rituais maçônicos de forma pejorativa, havia um considerável esforço para desmistificar essa comum associação. Em dezembro de 1917 foi publicado um artigo sobre o assunto e lido durante reunião na loja Blackmore Vale nº 3625, por um maçom chamado E. Turner, onde o autor buscava demonstrar que o bode, emblema do mal e da lascívia, não tinha ligação com os ritos puros e exaltados da Maçonaria (ADAMS, 2018).

Outros autores percebendo os danos ocasionados por essa lendária associação optaram por uma postura menos misteriosa e em seus escritos deixaram a questão esclarecida de forma bastante objetiva e incisiva. O já mencionado Hodapp (2012), em seu clássico *Freemasons For Dummies*, afirma: "Fique tranquilo: não há bode na loja. Os graus da Maçonaria são um assunto sério para os maçons, e não há brincadeira (ou brincadeira de bode)." (HODAPP, 2013, p. 153)

Mencionando as antigas práticas maçônicas na Europa, Heimbichner e Parfrey (2012) apontam o caráter humorístico do ato de 'montar o bode' durante as cerimônias na maçonaria. Para os autores isso deveria ser sempre lembrado apenas como uma piada existente há séculos. (HEIMBICHER; PARFREY, 2012, p. 50)

Diante de tais disputas e contradições, os responsáveis pelo aparecimento do bode não foram os maçons, mas sim os chamados Odd Fellows, uma instituição sediada na cidade de New Kensington, na Pensilvânia, e assim como a maçonaria, também realizava práticas iniciáticas. Cabe ressaltar que no século XIX diversos catálogos antigos de empresas de suprimentos fraternos ofereciam bodes mecânicos para uso em instituições iniciáticas e fraternidades, ou nos chamados graus "divertidos". É nesse contexto que a instituição inovou suas cerimônias ao adquirir um bode mecânico da loja DeMoulin Bros. & Co., de Greenville, Illinois, empresa mais conhecida por seus elaborados catálogos intitulados "*Burlesco and Side Degree Specialties, Paraphernalia and Costumes*", que carregavam quase 200 páginas de pegadinhas inventivas e sádicas. (HEIMBICHER; PARFREY, 2012 p. 53)

Na década de 1840 eles passaram a receber notoriedade e isso fez com que surgissem as primeiras publicações anti-Odd Fellow, sendo a mais popular a *Odd Fellowship Exposed* (1845), de autor anônimo. Essa publicação descrevia de maneira imprecisa a cerimônia de iniciação, onde o candidato era recebido escutando gritos de 'Prepare o bode!'. O autor do texto ainda menciona ter montado em um grande bode preto e branco, sido instruído a segurar em seus chifres e em seguida caindo no chão. O relato é concluído mencionando que após o ocorrido todos os presentes riram da situação. (MOORE, 2007)

Para Heimbichber e Parfrey, a popularização do bode se deu através da *The Modern Woodmen of the World*, uma fraternidade de notoriedade fundada em 1883, no estado do Iowa, que também fez uso de um bode mecânico. Segundo os autores, "seu eventual

crescimento pode ter encorajado outras fraternidades norte-americanas a adotar práticas semelhantes." (HEIMBICHER; PARFREY, 2012, p. 52)

Apesar das diversas acusações contra as fraternidades sobre a utilização do bode em suas cerimônias, "há relatos de que uma prática comum era que cada candidato montasse um bode vivo ao redor da loja." (HEIMBICHER; PARFREY, 2012, p. 52). Um exemplo dessa prática é o da fraternidade intitulada *A Benevolent and Protective Order of Elks*, que afirmou ter "realmente utilizado um bode em seu ritual de iniciação" (HEIMBICHER; PARFREY, 2012, p. 52)

James Madison, em sua *Exposition* (1848), afirma que "o bode não era mais percebido como uma calúnia maliciosa, perpetrada em um ataque antimaçônico, mas era apenas um eufemismo jocoso, adotado por muitos maçons." (HEIMBICHER; PARFREY, 2012, p. 52). James W. Cook em seu livro *The Arts of Deception: Playing with Fraud in the Age of Barnum* (2001), argumentou que "a preocupação dos Estados Unidos com os segredos tornou o que ele chama de "engano astuto" um modo significativo de diversão durante esses anos." (MOORE, 2007, p. 168)

3. O bode como símbolo adotado pelos maçons

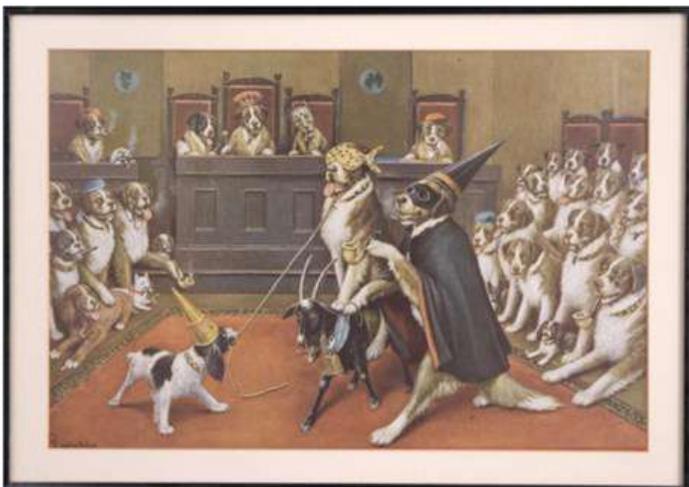
Por muitos anos o bode permaneceu como símbolo maligno associado às diversas fraternidades que surgiam no século XIX, mesmo não havendo conhecimento real do que se passava nas cerimônias por parte daqueles que realizavam tais acusações, contudo, nas últimas décadas do mesmo século, o significado do bode nas lojas foi transformado, de modo que, os membros das fraternidades começaram a celebrá-lo e adotá-lo como fazendo parte dos rituais, sendo agora associado como "símbolo do conhecimento compartilhado" (MOORE, 2007, p. 169).

Além das formas de associação positiva do bode com as iniciações realizadas pelos rituais das fraternidades, outras maneiras de exaltação surgiram em oposição às críticas dos grupos antifraternalistas. Os poemas cômicos *She Wanted to be a Mason* (1881) e *When Father Rode the Goat* (1901), combinavam informações presentes nas cerimônias das fraternidades, como os apertos de mãos e as senhas secretas, com a figura do bode. Esses textos tinham o intuito de criar humor a partir dos segredos presentes dos cerimoniais. Outra maneira de produzir humor relacionado ao bode eram as gravuras e ilustrações presentes em panfletos, convites e revistas ligadas ao

fraternalismo.

Cassius Marcellus Coolidge (1844-1934) foi um artista norte-americano, conhecido por suas pinturas que demonstravam cães de diversas raças realizando atividades humanas. Entre 1894 e 1934, o artista pintou 16 telas e em uma dessas obras, intitulada *Riding the Goat* (1900), foi registrado de maneira antropomórfica cães realizando uma cerimônia de iniciação dentro de uma loja. Na pintura é possível observar em primeiro plano um cão da raça São Bernardo de olhos vendados montado em um bode enquanto três oficiais ao fundo da cena, em local de destaque atrás de uma mesa e portando colares cerimoniais, observam a cena. Também é possível verificar que um cão da raça Spaniel conduz o candidato segurando uma corda presa ao redor do pescoço. Os cães da assembleia estão fumando charutos e cachimbos, e estão usando chapéus utilizados no Rito Escocês da Maçonaria. (MOORE, 2007)

Fig. 2: Cassius Marcellus Coolidge, "Riding the Goat," ca. 1900.



Fonte: Litografia, publicada por Brown & Bigelow; H. 10", W. 15".

Essas produções levaram o bode e as fraternidades iniciáticas a um patamar de popularidade muito grande no início do século XX, de modo que chegaram a alcançar diversas empresas que passaram a produzir "souvenirs, chaveiros para relógios, abotoaduras, e outras peças masculinas decoradas com bodes e cabeças de bodes" (MOORE, 2007, p. 175). Entre as décadas de 1890 e 1900, diversos materiais impressos e convites das festas anuais da organização

dos Veteranos Maçônicos do Brooklyn ostentavam a figura do bode. O anúncio da quinta festa anual de 1893 toma destaque especial por mostrar

um bode interrompendo um banquete maçônico andando sobre a mesa, quebrando pratos, derrubando uma garrafa de vinho e borrifando um homem com uma garrafa de água com gás. Homens, vestindo trajes formais acrescidos de aventais maçônicos, cercam a mesa e olham com horror e descrença para a besta rotulada de "Grande Mestre da Situação". Ao interromper uma ocasião formal e desencadear o caos e a desordem nela, o bode assume o papel do "Senhor do Desgoverno", que simultaneamente inverte e reifica a estrutura social em cerimônias tradicionais do calendário carnavalesco, como o Mardi Gras ou o Natal. A garrafa de vinho sobre a mesa perto do bode sugere o processo pelo qual as restrições da civilização foram relaxadas. (MOORE, 2007, p. 176, tradução nossa)

4. Problemas decorrentes do humor nas cerimônias iniciáticas

Essas ações fizeram com que as fraternidades iniciáticas assumissem o controle da situação, tornando aquilo que outrora foi tomado como objeto de crítica em motivo de orgulho, sendo utilizado de maneira humorística e provocativa diversas vezes. Contudo, a prática de brincadeiras nas cerimônias de iniciação causaram diversos acidentes e problemas notáveis para esses grupos. Em 1902 o *Sovereign Camp of the Woodmen of the World* foi processado em um valor de \$25,000 por Samuel W. Mitchell, que reclamava danos com base nas lesões causadas pelos aparelhos. (MOORE, 2007, p. 187). Em 1906, Charles McAtee pediu \$2.000 em um processo contra a loja *Modern Woodmen* em Arrowsmith, Missouri. Ele sofreu ferimentos quando foi vendado e empurrado por um bode mecânico, tal ato culminou com o bode passando por cima do seu rosto. (MOORE, 2007, p. 187)

Em março de 2004, um homem chamado William James foi morto durante uma cerimônia na loja maçônica Southside em Patchogue, Nova York (TAVERNISE, 2004). A vítima foi baleada na cabeça quando um outro membro disparou uma arma carregada com balas reais em vez de balas de festim. A cerimônia em questão foi descrita como tendo o ob-

jetivo de criar ansiedade e consistia em manter o candidato sentado em uma cadeira em frente a uma plataforma com latas de refrigerante. Em seguida, a arma falsa seria disparada e um outro membro fora do ângulo de visão deveria derrubar as latas com uma vara, criando a ilusão de terem sido atingidas pelas balas. (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012, p. 58)

Em outubro de 2022 durante o segundo turno do pleito eleitoral para o cargo de presidente do Brasil, vídeos e imagens falsas associando o candidato Jair Messias Bolsonaro à maçonaria circularam pelas redes sociais. Nas imagens adulteradas era possível vê-lo posando ao lado de membros da instituição e a figura do bode, associado ao satanismo, ao fundo. Essas publicações relacionando Bolsonaro com a maçonaria e o satanismo tiveram 23,4 mil curtidas e 4 mil compartilhamentos na rede social Twitter. Como forma de reduzir os danos ocorridos pelo alcance das publicações, as três potências da maçonaria regular no Brasil emitiram individualmente e também conjuntamente notas de repúdio contra a difamação ocorrida para com a instituição, em especial, ao associá-la com o satanismo.

Fig. 3: Montagem de Jair Bolsonaro e Augusto Heleno em frente a quadros de Baphomet e de símbolos maçônicos



Fonte: Twitter / Reprodução em Yahoo

O Grande Oriente do Brasil, maior e mais antiga potência maçônica brasileira, demonstrando preocupação com a prática de brincadeiras e do humor em suas cerimônias, menciona em seu Código Disciplinar Maçônico no Título X "Dos atos indisciplinados", art. 48:

São atos indisciplinados aos quais se aplicam a sanção disciplinar de inabilitação para o exercício de cargo maçônico por até dois anos, descrita no inciso II, do art. 24: III – submeter candidato a ser iniciado a qualquer tipo de atitude não prevista em nossa legislação maçônica ou no Ritual, ensejando trote, prova tarefa ou situação que possa gerar constrangimento físico ou moral (GOB, 2016, p. 12).

O trecho supracitado aponta qualquer tipo de humor ou pegadinha durante a iniciação como sendo atos indisciplinados passíveis de sanção disciplinar. Essa atitude parece atuar como forma de extinguir as práticas e vícios antigos que por diversas vezes causaram problemas para a maçonaria. Harry Carr, ex-secretário da primeira loja maçônica de estudos e pesquisas do mundo, chamada Quatuor Coronati, de Londres, afirma que essa prática pode ser verificada em uma série de documentos intitulados "Grupo de Edimburgo", que descrevem os rituais da época e procedimentos de admissão que ocorreram entre 1696 a 1714, e quase certamente por cerca de 50 a 100 anos antes dessa época. Neles é possível verificar a descrição de muitas cerimônias para assustar o candidato, antes de ensiná-lo os sinais, as posturas e toques de maçom. (CARR, 1968, p. 159)

Mendes (2011), em seu livro sobre o ritual de emulação, descreve algumas das práticas modernas realizadas como forma de humor nas iniciações maçônicas. O autor afirma que o candidato "é submetido a um "trote", a brincadeiras infantis, sustos idiotas; muitos são levados e deixados por horas em cemitérios, outros são vendados, encapuzados, e rodam dentro de carros por um tempo exagerado" (MENDES, 2011, p. 66). Além disso, seu livro também apresenta o cuidado tomado pelo chamado Sistema Inglês, em relação ao uso de brincadeiras presente nas cerimônias maçônicas, ele afirma que "o Sistema Maçônico Inglês, neste ponto, traz à lume por literatura consultada que é inadmissível a prática de brincadeiras ou atos que venham a constranger, assustar ou exaurir

qualquer sentido do candidato e/ou que venha lhe causar mal-estar". (MENDES, 2011, p. 66).

5. Considerações finais

Diante do exposto, pode-se verificar que o humor está presente nas cerimônias da maçonaria há pelo menos quatrocentos anos, algo que em diversos momentos causou diversos problemas para a instituição mas também auxiliou sua popularização em todo o mundo. Muito dessa fama historicamente se deu por conta da figura do bode, utilizado por inimigos da maçonaria como os associando ao satanismo. Atualmente, o bode ainda é visto como uma figura que gera estranhamento por parte daqueles que não fazem parte da instituição, essa tradição parece manter-se desde o início de sua utilização pelas instituições do século XIX, em contrapartida, também passou a ser utilizado pelos maçons como símbolo da instituição e dos seus membros em muitos locais. Essa época, tida como a era de ouro do fraternalismo resultou literalmente em centenas de outros grupos surgindo em competição com os maçons, alguns deles eram obviamente menos sérios do que outros, isso serviu apenas para perpetuar o mito de que os maçons e outras fraternidades exigiam um ritual de cavalgada no bode para suas iniciações, contudo, não é possível afirmar que tal prática fazia parte do escopo ritualístico da maçonaria, por não constar em seus rituais e não existirem documentos que registrem tal prática, apesar disso, a instituição ainda vale-se de outras formas de humor em suas cerimônias, das quais resultaram em tragédias que corroboraram para a má fama nos meios populares, como recentemente pôde-se observar o caso das eleições brasileiras de 2022. Por outro lado, é possível observar através de suas leis institucionais esforços em prezar pela seriedade das suas cerimônias e rituais, evitando tais práticas, apontando-as como atos indisciplináveis passíveis de punições. Isso parece demonstrar certa preocupação com o passado problemático dessas práticas, de modo a evitar problemas atuais que exponham de forma negativa a reputação da instituição nos meios não-maçônicos, contudo, ainda permanece como desafio a ser superado, em uma relação complexa entre humor, segredo e responsabilidade, por parte dos organismos que experienciam seus mistérios.

6. Referências Bibliográficas

A BÍBLIA. O dia do Grande Perdão. Tradução Ecumênica

da Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1995.

ADAMS, C. C. *Masonic Notes*, 1918 1919, vol. 1: A Publication to Encourage and Facilitate Intercommunication Between Masonic Students in All Parts of the World. Londres: Forgotten Books, 2018.

CARR, Harry. The Six Hundred Years of Craft Ritual. *Ars Quatuor Coronati*, v. 81. Londres, 1964.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *Código Disciplinar Maçônico*. Brasília: GOB, 2016.

HEIMBICHNER, C.; PARFREY, A. *Ritual America*. Port Townsend: Feral House, 2012.

HODAPP, C. *Freemasons For Dummies*. 2nd ed. Hoboken: John Wiley & Sons, Inc., 2013.

MACKEY, A. G. *An Encyclopaedia of Freemasonry*. New Orleans: Cornerstone Book Publishers, 2007.

MENDES, Fábio. *Ritual de Emulação – O Grau de Aprendiz Maçom*. Joinville: Clube de Autores, 2011.

MOORE, W. D. *Riding the Goat*. Winterthur Portfolio, v. 41, n. 2/3, p. 161–188, jun. 2007.

TAVERNISE, Sabrina. Man Fatally Shot During a Masonic Initiation. *The New York Times*, 2004. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2004/03/09/nyregion/man-fatally-shot-during-a-masonic-initiation.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

ORDEM DEMOLAY NO BRASIL E NO CEARÁ: visão geral e breve histórico

(ORDER OF DeMOLAY IN BRAZIL AND CEARÁ: overview and brief history)

Carlos Ian Bezerra de Melo ¹

Resumo

Com mais de 40 anos de atividade no Brasil, a centenária Ordem DeMolay continua atuando fortemente na formação cidadã de jovens do sexo masculino. Este artigo tem por objetivo discutir aspectos históricos do surgimento dessa instituição paramaçônica, de sua chegada em solo brasileiro e, mais especificamente, no estado do Ceará. Realizou-se, portanto, uma pesquisa bibliográfica, debruçando-se sobre a ainda escassa literatura a respeito do tema, além de fontes histórico-documentais. Como resultados, apontamos que conhecer a história da instituição favorece compreender como seus princípios se configuram um século após sua idealização e quais rumos se apresentam para essa fraternidade.

Palavras-chaves: Ordem DeMolay; Maçonaria; Ceará; História.

Abstract

With more than 40 years of activity in Brazil, the century-old DeMolay Order continues to work strongly in the citizenship formation of young men. This article aims to discuss historical aspects of the emergence of this paramasonic institution, its arrival on Brazilian country and, more specifically, in the state of Ceará. Therefore, a bibliographical research was carried out, focusing on the still scarce literature about the subject, in addition to historical-documentary sources. As a result, we point out that knowing the history of the institution helps understanding how its principles are configured a century after its idealization and what directions are presented for this fraternity.

Keywords: Order of DeMolay; Freemasonry; Ceará; History.

¹ Mestre em Educação e Licenciado em Matemática pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e especialista em Educação Matemática pela UNOPAR. E-MAIL: carlosian.melo@uece.br

1. Introdução

Fundada há mais de um século, nos Estados Unidos da América, a Ordem DeMolay (lê-se “demolei”) é uma entidade paramaçônica voltada a jovens do sexo masculino, com idade de 12 a 20 anos, e dedicada ao aprimoramento moral, pessoal e cívico de seus membros. É considerada paramaçônica por ter sido concebida e ser até hoje patrocinada pela Maçonaria, fraternidade cuja origem remonta à Idade Média, mas que teve sua versão moderna, a qual conhecemos hoje, estruturada no século XVIII, com a fundação da Grande Loja de Londres, em 1717 (SILVA, 2018).

Em seu próprio site, a Ordem DeMolay define-se da seguinte maneira: “Somos a principal organização baseada em princípios atemporais, comprometida em desenvolver e inspirar liderança, na formação de equipes e networking para jovens de 12 a 21 anos” (tradução nossa).² Nas palavras de Oliveira e outros (2010, p. 7), essa instituição, presente em 21 países do mundo,³

É uma organização fraternal, filosófica e filantrópica mundial, que visa o desenvolvimento pessoal de seus membros. Sendo assim, propõe um foco direcionado ao trabalho social e comunitário, na iniciativa de que estes jovens venham a se constituir em importantes papéis dentro de uma sociedade.

Em muito pelo seu vínculo com a Maçonaria, essa instituição juvenil carrega os mesmos estigmas e preconceitos, oriundos de uma época de demonização por parte da Igreja de associações que fugissem ao seu conhecimento e/ou controle. Não à toa, é possível observar ainda hoje, em muitos casos, discriminação e perseguição decorrentes do desconhecimento do real propósito e ação dessas organizações, que carregam princípios, não apenas filosóficos, mas também filantrópicos.

Desse modo, “A Ordem DeMolay, assim como a maçonaria, traz para a modernidade os ensinamentos ritualísticos dos tempos medievais” (MONJARDIN, 1986, p. 68), conservando ideais das antigas ordens de cavalaria, como a dos Cavaleiros Templários e a dos Cavaleiros Hospitalares, entre outras. Desenvolve junto aos seus membros, além disso, um trabalho de formação cidadã voltada à liderança, preparando jovens para o exercício da vida adulta, que pressupõe o desempenho de atividades e responsabilidades.

Tendo isso em vista, e considerando que, mesmo estando em solo brasileiro há mais de 40 anos, pouco

ainda se conhece essa instituição a nível nacional, sobretudo no âmbito acadêmico, faz-se pertinente tratarmos de sua origem, história e atuação contemporânea. Este artigo tem, assim, o objetivo de discutir aspectos históricos do surgimento dessa instituição, de sua chegada em solo brasileiro e, mais especificamente, no estado do Ceará, com vistas na divulgação científica e propagação da história da Ordem DeMolay.

Tal empreitada justifica-se academicamente pela escassa produção científica sobre esse tema. Em busca nas bases de dados, como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, o Portal de Periódicos da Capes e o Google Acadêmico, apenas três produções foram encontradas. A saber: um artigo científico na área de psicologia que investiga a formação da liderança no contexto da Ordem DeMolay (OLIVEIRA et al., 2010); uma dissertação de mestrado na área de administração que investiga as redes sociais e interações pessoais dentro dessa instituição (FOSTINONE NETTO, 2017); e, por fim, um artigo científico, este, sim, tendo como objeto específico a própria Ordem DeMolay e sua história (SILVA et al., 2019).

Investigando em periódicos específicos, voltados à temática maçônica, encontramos também pouquíssima recorrência. Na Revista Ciência & Maçonaria (primeira no Brasil nessa temática), por exemplo, o descritor “DeMolay” não retornou nenhum artigo, e, por se tratar de uma revista cujos trabalhos iniciaram em 2013, contando com apenas 11 números publicados, foi possível fazer uma averiguação em todo seu material publicado e confirmar que nenhum artigo aborda esse tema. Já na Revista Científica Maçônica Ad Lucem obtivemos o mesmo resultado de busca, ou seja, nenhum, embora tenhamos conhecimento do artigo de Castro et al. (2021), o qual não trata especificamente da Ordem DeMolay, mas a menciona ao abordar instituições paramaçônicas, em geral.

Somado a esse material, tomamos como fonte quatro livros de nosso conhecimento, os quais citamos aqui como material que compõe o corpus de análise para a discussão promovida. São eles: “Hi, Dad! Uma história sobre Frank S. Land e a Ordem DeMolay” (1970), de Herbert E. Duncan; “Ordem DeMolay através dos tempos: a maçonaria e a juventude” (1986), de Carlos Monjardim; “Fragmentos da história da Ordem DeMolay na Paraíba” (2008), de Ailton E. Sousa; e o mais recente “Ordem DeMolay no Ceará: entre percursos e memórias” (2022), de nossa autoria.

² Disponível em: <https://beademolay.org/about/>. Acesso em: 8 jan. 2023.

³ Disponível em: <https://beademolay.org/find-a-jurisdiction/>. Acesso em: 8 jan. 2023.

Diante dessa bibliografia, e de fontes histórico-documentais, mencionadas quando pertinente, elaboramos este escrito que se propõe a discutir a Ordem DeMolay em sua expressão de origem e em seu movimento histórico de vinda para o Brasil e, de modo mais específico, para o estado do Ceará. É ao que nos dedicamos a seguir.

2. Do grupo de um homem e nove jovens à chegada da Ordem DeMolay no Brasil

A Maçonaria é, sem dúvida, tema de recorrente interesse, em muito pela aura de mistérios e superstições que a envolvem no imaginário popular. Entretanto, para além da simbologia, ritualismo e ensinamentos próprios da instituição, o que se tem de concreto é sua ampla atuação em movimentos progressistas nos séculos de sua origem – ainda que com algumas exceções e contradições, como aponta Ismail (2014) –, como a Renascença, o Iluminismo, a Revolução Francesa, bem como a independência dos chamados países do novo mundo, como os EUA e o Brasil (AZEVEDO, 1996). No contexto brasileiro, ressaltamos, também, apoiados em Barata (1995), a atuação da Maçonaria no Movimento Republicano.

Pautada a maior parte da sua história no protagonismo masculino, mudanças paradigmáticas fizeram (e continuam fazendo) com que o escopo da Maçonaria se ampliasse a outros núcleos, atendendo às demandas de cada época. Não mexendo inicialmente em sua estrutura principal, desse panorama surgiram as chamadas “ordens paramaçônicas”, destinadas à grupos relacionados à ordem maçônica, mas não necessariamente compostos por maçons. Castro et al. (2021, p. 7) relatam que

Entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, o movimento antimaçônico estava mais acalmado, entretanto esposas e filhos queriam saber o que de fato “o homem da casa” fazia nas Lojas e começaram a surgir grupos de mulheres relacionados à Maçonaria e aos maçons, grupos esses com relativo sucesso. [...] Também nesse finalzinho de século 19 os maçons queriam cada vez mais grupos para participarem, pois no auge do “fraternalismo”, a Maçonaria se tornou o grande centro social das famílias americanas que buscavam eventos, dança, jantares, música ou uma boa conversa.

Foi esse o contexto de surgimento das ordens paramaçônicas, dentre as quais aquela que viria a ser a Ordem DeMolay. O início do século XX foi marcado pelo acirramentos de disputas entre nações, que culminou na eclosão da primeira Grande Guerra, evento que impactou não apenas às condições sociais concretas dos países relacionados, direta ou indiretamente, mas que implicou em uma mudança cultural e de mentalidades nas gerações que se seguiram. Essa conjectura encontrou eco nos anseios do jovem maçom idealista Frank Sherman Land (21 de junho de 1880 – 8 de novembro de 1959), culminando na criação do que seria uma das maiores ordens juvenis do mundo.

Desde muito novo, F. S. Land interessou-se por assuntos cívicos e de cuidado ao próximo, até que, graças a sua rápida ascensão e diligente atuação no seio da Maçonaria, teve contato com sua primeira fonte de inspiração, o jovem Louis Gordon Lower (02 de fevereiro de 1902 – 18 de julho de 1943). Ao ficar órfão de seu pai, que era maçom, e ter que passar a contribuir com a renda da casa, Lower foi colocado em contato com Land, que, além de lhe conseguir um emprego viu naquele jovem a oportunidade de fazer algo a mais (DUCAN, 1970).

Desse contato, pensou-se na criação de um grupo de jovens homens, que servisse de apoio ao seu desenvolvimento cívico e moral. Essa rede de apoio se daria através da interação entre os membros e os maçons envolvidos, a fim de reduzir os possíveis impactos da ausência masculina, visto que muitos dos jovens americanos daquela época perderam seus pais na guerra ou em suas reverberações (CASTRO et al., 2021). Todavia, o plano de Land, inicialmente, não era, de modo algum ambicioso: a ideia era juntar Lower – que seria considerado o primeiro DeMolay – e seus amigos em um grupo dedicado a interagir descontraidamente e aprimorar a si mesmo. Uma das primeiras atividades do grupo no âmbito da cidade de Kansas City foi, por exemplo, montar um time de beisebol.

Em 19 de fevereiro de 1919, reuniram-se Land, Lower e outros oito jovens, na sede do Rito Escocês da cidade de Kansas City, no Missouri. Fundou-se, assim, um clube de amigos, que viria a receber o nome de Clube DeMolay (posteriormente Conselho DeMolay e, só depois, Ordem DeMolay). O nome escolhido deveu-se às histórias e lendas que fazem parte do universo maçônico que *Dad*⁴ Land contava nos encontros rotineiros do grupo, dentre as quais uma chamou a atenção dos jovens: a história de DeMolay (DUNCAN, 1970).

⁴ “Dad”, que, em inglês, significa “papai”. Foi a expressão adotada pelos jovens para se referir não só à F. S. Land, mas aos maçons envolvidos com o grupo desde então (disponível em: <https://beademolay.org/the-title-dad/>. Acesso em: 8 jan. 2023). No Brasil, por questões culturais, o termo popularizado foi “tio”.

Jacques DeMolay (ou de Molay), nascido muito provavelmente em meados do século XIII, foi o 23º e último Grão Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários. Liderou essa famosa ordem em seu apogeu, enfrentando a cobiça e investida de Felipe IV, rei da França, com o apoio da própria Igreja, que culminou na derrocada dos Templários. A história de DeMolay foi marcada pela lealdade à sua ordem e seus companheiros, havendo recusado, mesmo sob tortura, a entregar as riquezas de sua fraternidade à coroa francesa. Em martírio, esse soldado foi levado à fogueira, em 18 de março de 1314 (HAYWOOD, 1925). Desse modo, “[...] pareceu de bom tom que o grupo carregasse o nome desse herói e mártir, que simbolizava, através dos tempos, o poder da amizade, retidão e de todos os bons ensinamentos dos anos da cavalaria” (MELO, 2022, p. 22).

Um dos diferenciais pensados por Frank Land para a Ordem DeMolay foi a criação de uma ritualística própria, bem como símbolos que representasse a identidade visual do grupo, tais como seu emblema. Assim como a Maçonaria, essa instituição juvenil apostou em rituais e simbolismos específicos, que ficaram ao encargo do escritor e jornalista Frank Arthur Marshal (DUNCAN, 1970). Cumpre ressaltar que, distante do estigma empregado a essa palavra, muitas vezes associadas a coisas obscuras e/ou satânicas, um ritual nada mais é do que um conjunto de atos e práticas próprias de um cerimonial.

Desse modo, a ritualística DeMolay foi elaborada a fim de propagar os preceitos e ensinamentos elencado por Dad Land para a melhor formação cívica e moral dos jovens. Dentre os princípios DeMolays está a observância e cumprimento das Sete Virtudes Cardeais, que são: Amor Filial; Reverência Pelas Coisas Sagradas; Cortesia; Companheirismo; Fidelidade; Pureza e Patriotismo. Além disso, o DeMolay também se empenha na garantia e manutenção das Liberdades Civil, Religiosa e Intelectual, tendo como inspiração princípios maçônicos.

Embora tenha enfrentado percalços no âmbito da Maçonaria desde sua criação, pela influência de Land e pelo apoio do Grande Capítulo Geral de Maçons do Real Arco do Missouri a recém criada instituição logo ganhou notoriedade na maçonaria local. De um pequeno grupo de jovens e maçons, em menos de dois anos já haviam 52 Capítulos (nome atribuídos às células DeMolays locais) espalhados pelos EUA, e já em 1923 foi fundado o primeiro Capítulo internacional, no Canadá. Em crescimento exponencial, em 1924 já haviam quase 1.200 Capítulos fundados, e, a essa altura, uma organização a nível nacional e internacional tornou-se necessária, sendo fundado, assim, o Grande Conselho da Ordem DeMolay, que viria a ser, futuramente, o Supremo Conselho Internacional (DUNCAN, 1970).

A semente plantada por Frank Sherman Land germinou e prosperou, deixando bons frutos para a posteridade. Seu falecimento, em 1969, não implicou no fim dos trabalhos da Ordem. Havendo dedicado toda sua vida à instituição, estando ativamente presente desde o primeiro momento até as maiores decisões, sua partida insuflou nos membros o desejo de levar adiante o sonho desse homem, que se tornou sonho de milhares de jovens espalhados pelo mundo, dentre os quais o maior deles era ver a Ordem DeMolay em todo o globo.

Melo (2022, p. 29-30) nos ajuda a compreender esse cenário de expansão, inclusive no que compete a sua chegada ao Brasil:

Havendo chegado no Havaí ainda em 1928, no Alaska em 1946, na Austrália em 1959, e no ano seguinte na Alemanha (Berlim) e Japão (Tóquio), foi a vez das sementes de nossa Ordem serem plantadas, nos anos 1970, em terras brasileiras. Ainda no final da década de 1960, o maçom Alberto Mansur [...] conheceu a Ordem DeMolay, através da revista “The New Age”, edição de junho de 1969, comemorativa do cinquentenário da fraternidade paramaçônica.

O citado maçom brasileiro, Alberto Mansur (07 de setembro de 1922 – 17 de julho de 2012), de ascendência libanesa, foi uma renomada liderança no contexto da Maçonaria nacional. Foi Soberano Grande Comendador (SCG) do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para a República Federativa do Brasil, de 1974 a 1988, e tão logo ouviu falar sobre a Ordem DeMolay interessou-se pela ideia de aumentar a família maçônica, atraindo jovens para os templos.

Embora tenha tomado conhecimento ainda no final dos anos 1960, todavia, somente em 1980 concretizou seu sonho de, após as devidas autorizações vindas do exterior, fundar o primeiro Capítulo DeMolay brasileiro, na cidade do Rio de Janeiro, tornando-se também Oficial Executivo dessa instituição em nosso país (MELO, 2022). Menciona-se, ainda, que foi Mansur, com seu incontestável interesse pelas ordens paramaçônicas, que trouxe ao Brasil também a Ordem Internacional das Filhas de Jó, em 1993, a Ordem da Cavalaria (grupo interno à Ordem DeMolay, voltado para o aprimoramento filosófico dos membros mais velhos), também em 1993, e a Ordem da Estrela do Oriente, em 1997 (CASTRO et al., 2021).

Assim como nos EUA, no Brasil a Ordem DeMolay enfrentou desafios, sobretudo de natureza preconceituosa, relacionados ao ingresso e presença de jovens em

templos maçônicos. Contudo, também a exemplo do caso americano, a figura de liderança de Alberto Mansur e seu trabalho no âmbito do Supremo Conselho do Grau 33 fizeram com que a difusão dessa fraternidade juvenil fosse irrefreável. Assim,

Após cinco anos de trabalho, a Ordem DeMolay em solo brasileiro já expressava sua magnitude, com 26 Capítulos em atividade e mais de 3.300 membros iniciados. Em abril de 1985, devido ao sucesso que expressava, o Supremo Conselho Internacional autorizou a criação e instalação de um Supremo Conselho no Brasil, chamado Supremo Conselho da Ordem DeMolay para o Brasil (SCODB), através de Carta Constitutiva [...], assinada e trazida pelo próprio Grande Mestre Internacional do período, Don W. Wright, em visita ao nosso país. O documento atribui, ao SCODB, independência soberania e exclusividade no que concerne aos assuntos da Ordem em terras brasileiras, sendo esse o terceiro Supremo Conselho independente do mundo, vindo em seguida ao dos Estados Unidos e Canadá (MELO, 2022, p. 33).

Em outras palavras, o expressivo trabalho de Mansur na propagação da Ordem DeMolay no Brasil conquistou a confiança e admiração do Supremo Conselho internacional, fazendo com que, diante da efervescência e demanda por uma direção nacional, fosse criado um Supremo Conselho brasileiro, o SCODB, em 1985. A primeira década de atuação da Ordem em nosso país transcorreu bem, mas a partir de então, devido à permanência com duração indefinida de Mansur no cargo de Grande Mestre Nacional e a alegações de abuso de poder, um sentimento de insatisfação tomou conta de parte da instituição (SOUSA, 2008).

A mescla entre assuntos e relações DeMolays e maçônicos, assim como a disputa de poder e reivindicação de legitimidade, deu a tônica do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 para a Ordem DeMolay no Brasil (SOUSA, 2008). Até que, em 2003, após desgastantes embates entre maçons e lideranças vinculadas a diferentes potências maçônicas, o SCODB foi destituído de sua legitimidade enquanto representante dos interesses DeMolays em nosso país. Em 2004, por sua vez, com o reconhecimento do DeMolay Internacional, criou-se o Supremo Conselho da Ordem DeMolay para a República Federativa do Brasil (SCODRFB), nova instância máxima nacional dessa instituição, sob os auspícios não mais do

Supremo Conselho do Grau 33, mas da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) (MELO, 2022).

A demanda pela dissolução do SCODB, que, por sua vez, reivindicava legitimidade e soberania nacional enquanto dava prosseguimento aos seus trabalhos, deu início a um longo e desgastante processo jurídico, que se resolveria apenas 15 anos depois, conforme abordamos mais adiante. Assim, durante a segunda metade da década de 2000 e a década de 2010, operou-se, no Brasil, dois Supremos Conselhos, ainda que somente um reconhecido pela instância internacional (MELO, 2022).

Naturalmente, a história da Ordem DeMolay brasileira, por si só, é matéria de ampla discussão, sobretudo pelas perspectivas e pontos de vistas que podem ser lançados sobre a questão. Contudo, para nosso propósito com este escrito, consideramos esta uma síntese satisfatória sobre o panorama geral dessa instituição no mundo e em nosso país, de modo que, a seguir, discorreremos sobre sua chegada no estado cearense, também conhecido como Terra da Luz.⁵

3. Na Terra da Luz, em duas frentes: a chegada da Ordem DeMolay no Ceará

Diferentemente do surgimento da Ordem DeMolay no Brasil, que se deve essencialmente à figura emblemática e centralizadora de Alberto Mansur, a principal marca do despontar dessa instituição no estado cearense é a multiplicidade de agentes e contextos que, praticamente de maneira simultânea, se mobilizaram para que fosse possível isso ocorrer. De modo que não é possível contar tal história a partir de uma única origem, de maneira linear. Nas palavras de Melo (2022, p. 39),

A trajetória da Ordem DeMolay cearense é marcada pela dinamicidade e pela inserção no estado a partir de dois polos geograficamente distintos: um ao norte, vinculado às iniciativas maçônicas da Grande Loja cearense na capital do estado; outro ao sul, relativo a mobilizações particulares de um maçom e de uma Loja do interior.

Havendo chegado no Brasil em 1980, a primeira manifestação dessa instituição no Nordeste brasileiro não tardou a ocorrer. Já em 1981 foi fundado o Capítulo Príncipe do Seridó n.º 4, em Caicó/RN, e até a fundação do SCODB já haviam 11 Capítulos DeMolay nordestinos. Os documentos escritos apontam que o provável pri-

⁵ O Ceará ficou conhecido como Terra da Luz por ser a primeira província brasileira a abolir a escravidão, mais especificamente em 1884, antes de a princesa Isabel assinar a Lei Áurea, em 1888.

meiro contato direto de lideranças maçônicas cearenses com essa instituição juvenil deu-se em 1984, por meio da II Reunião dos Inspetores Litúrgicos do Nordeste, realizada em Campina Grande/PB, evento no qual foi realizada uma apresentação da Ordem DeMolay e iniciação de novos membros pelo Capítulo Deus, Pátria e Família n.º 8, primeiro da Paraíba e segundo do Nordeste (SOUSA, 2008).

Conforme dito, a difusão rápida e assertiva da Ordem DeMolay no Brasil deu-se graças à influência de Alberto Mansur no Supremo Conselho do Grau 33 e, conseqüentemente, em suas células nos estados da federação, as Inspetorias Litúrgicas. No caso do Ceará não foi diferente: estavam presentes no referido evento os maçons José Ramos de Vasconcelos César, Inspetor Litúrgico do Ceará – e Past Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará (GLMECE) –, e Onildo Nunes Gusmão, Grão-Mestre Adjunto da GLMECE (SOUSA, 2008). Ambos se tornariam, respectivamente, Oficial Executivo e Delegado, isto é, lideranças máximas da Ordem DeMolay no estado.

Não há registros formais, mas evidências de que a partir desse contato foram lançadas as bases sobre as quais seria edificada a Ordem DeMolay cearense, o que viria a se concretizar apenas em 1987. O ato n.º 01/87 da Loja Obediência e Justiça n.º 18, assinado pelo Venerável Mestre (liderança maçônica) da época, comunica a fundação no dia 11 de maio desse ano do Capítulo Cidade de Fortaleza n.º 59, primeiro do Ceará. Dentre a lista de maçons que acompanhariam os trabalhos, ficaria à frente o maçom Hamilton Sampaio Cavalcante (MELO, 2022).

Devido ao contexto da época, contudo, o sonho da célula DeMolay cearense não saiu do papel. Embora fundado, o Capítulo de Fortaleza não efetivou suas atividades nos anos que se seguiram, e alguns dos motivos são indicados por Melo (2022, p. 47):

A cultura maçônica do estado ainda não compreendia muito bem a proposta e o formato da Ordem DeMolay, confundindo, muitas vezes, com os já existentes Lowtons. Além disso, nem todos os maçons possuíam filhos com a idade para iniciar, e a tradição conservadora, que não permitia o ingresso de jovens sem parentesco maçônico, dificultava o acesso e o desenvolvimento das atividades da Ordem.

Decorre daí o porquê de a instituição no Ceará ter duas frentes de origem: enquanto parecia que a empreitada DeMolay cearense não avançava na capital, uma

movimentação na pequena cidade de Ipaumirim, no interior do estado, culminou na fundação do Capítulo Deus e Ipaumirim n.º 102, em 1989. Diferentemente do outro processo, não havia aqui ação das lideranças maçônicas estaduais, mas, sim, de um maçom ipaumiricense chamado Damião Dãozinho de Melo, que articulou uma apresentação na cidade realizada pelo Capítulo Príncipe da Paz n.º 38, de Cajazeiras/PB (cidade vizinha a Ipaumirim). Além disso, pela proximidade entre as células DeMolay e pela adesão da ideia por parte dos envolvidos, o Capítulo 102 foi fundado e instalado no mesmo ano.

Somente após a instalação desse que viria a ser o primeiro Capítulo da Ordem DeMolay a efetivamente funcionar no estado do Ceará, foi possível dar prosseguimento à ação iniciada anos antes em Fortaleza, instalando com a ajuda dessa nova célula, em setembro de 1990, o Capítulo 59. Assim, no contexto dessa instituição, segundo Melo (2022), o ano de 1990 se encerrou com dois Capítulos em funcionamento e uma nova liderança: com a saída de João R. V. César, por motivos que desconhecemos, Onildo N. Gusmão assume o cargo de Oficial Executivo. Essa mudança, permeada por disputas internas no âmbito da maçonaria cearense, ocasionou rupturas e tensionamentos na organização.

Uma delas, de caráter positivo, foi a fundação da terceira célula, logo em 1991: o Capítulo Juazeiro n.º 155, na terra do Pe. Cícero Romão, Juazeiro do Norte. Assim como o Capítulo de Ipaumirim, esse começou suas atividades de maneira efetiva e impactante, mas não resistiu às tribulações que se abateram sobre a Ordem DeMolay cearense entre os anos de 1993 e 1994. Conflitos no âmbito da maçonaria, representados por disputas de liderança, recusa em determinados atos de apoio, entre outros, acabou arrefecendo o movimento, fazendo com que nesse período, por falta de uma liderança organizada e centralizada, as células passassem a funcionar de maneira fragmentada e interrompida (MELO, 2022).

Esse cenário, todavia, não perdurou muito tempo, pois ainda em 1994, com a mudança das lideranças da GLMECE, um processo de retomada fez com que, no ano seguinte, o Capítulo da capital fosse reativado, desencadeando um movimento que culminou na fundação do Capítulo Cidade de Iguatu n.º 279, em 1996, e na retomada das atividades das células de Ipaumirim e Juazeiro do Norte. Após isso, até o início do novo milênio outros Capítulos foram fundados, tais como os das cidades de Nova Russas, em 1997, Mombaça, em 2000, e outro na capital, também em 2000. Além desses, novas organizações da Ordem DeMolay surgiram no Crato (2002), Sobral (2004), Senador Pompeu e Campos Sales (2006)

(MELO, 2022).

Cumpramos ressaltar que até o ano de 2004 a estrutura organizadora da Ordem DeMolay no Ceará operava, assim como o Supremo Conselho do Grau 33 e suas Inspeções Litúrgicas, com Oficialarias Executivas. Havia o poder nacional centralizado – o SCODB – e Oficialarias Executivas, com Oficiais Executivos e Delegados espalhados pela nação. O Ceará contou inicialmente com um foco de liderança, na capital, mas em 2004 já possuía quatro Oficialarias, estando elas localizadas em Fortaleza, Nova Russas, Iguatu e Crato.

Com a cisão do SCODB e a fundação do SCODRFB, assistida pela CMSB e suas Grandes Lojas, o formato adotado passou a ser outro. O Supremo Conselho passou, então, a ser composto por Grandes Conselhos Estaduais (GCE), esses liderados por Grandes Mestres Estaduais e Grandes Mestres Estaduais Adjuntos. O GCE do Ceará, sétimo em ordem de fundação, foi criado também em 2004, e, como todos os Capítulos em funcionamento à época eram patrocinados por Lojas da GLMECE, sob orientação do Sereníssimo Grão-Mestre (o qual teve papel de protagonismo na cisão dos Supremos), dissolveram-se as lideranças vinculadas ao antigo Supremo e a Ordem DeMolay cearense, em sua totalidade, passou a compor os novos GCE e SCODRFB. Essa manobra política, naturalmente, causou dissidências, isto é, Capítulos vinculados ao SCODB sob patrocínio de Lojas de outras potências cearenses (MELO, 2022).

Com esse novo aparato burocrático e organizacional, que pretendia aproximar as bases das lideranças DeMolays, novos municípios cearenses puderam ser alcançados pela instituição. Além disso, um evento datado de 2012 foi, afirma Melo (2022), um divisor de águas na história da Ordem DeMolay no Ceará: a criação do Fundo das Ordens Paramaçônicas da GLMECE. Encabeçado por lideranças DeMolays adultas do estado, nomeadamente o maçom César Moraes e o demolay/maçom Leandro Feitosa, um projeto foi encaminhado ao Grão-Mestre no qual destinava-se à Ordem DeMolay um valor simbólico das taxas pagas pelos maçons.

Cumpramos ressaltar que, embora o preconceito de outrora tivesse, em suma, sido superado, um grande empecilho se apresentava à expansão DeMolay pelo Ceará: a questão financeira. O custo para se fundar e colocar em funcionamento uma célula dessa instituição era fator preponderante na desistência de patrocínio por parte das Lojas Simbólicas. Assim, uma pequena quantia de cada maçom representaria um valor considerável a nível estadual, que seria revertido à causa da Ordem, financiando fundações de novos Capítulos. Para que fosse apro-

vado, todavia, o texto do projeto foi alterado, ampliando o escopo do Fundo para todas as ordens paramaçônicas vinculadas à GLMECE, como a Ordem Internacional das Filhas de Jó e a Ordem da Estrela do Oriente.

Ainda assim, tal ideia foi exitosa a ponto de impulsionar um crescimento nunca antes visto na Ordem DeMolay do Ceará. Foram fundados na década de 2010 – muitos dos quais graças ao referido Fundo – Capítulos nas cidades de Mauriti (2010), Mineirolândia (Pedra Branca, 2010), Várzea Alegre (2010), Tauá (2010), Pacajus (2010), São Benedito (2011), Canindé (2012), Crateús (2013), Barbalha (2013), Milagres (2014), Brejo Santo (2014), Tabuleiro do Norte (2014), Quixadá (2014), Barro (2015), Pereiro (2015), Jaguaribe (2015), Independência (2015), Boa Viagem (2015), Aurora (2015), Cedro (2015), Icó (2015), Cariús (2017), Cascavel (2017), Fortaleza (Gaal, 2017), Acopiara (2018), Monsenhor Tabosa (2018), Russas (2018), Camocim (2018), Morada Nova (2018), Quixeramobim (2019) e Itapipoca (2019) (MELO, 2022).

Contudo, nem todos esses Capítulos fundados estão em funcionamento, havendo alguns fechados no decorrer dos anos e outros, mais novos, ainda não sendo instalados efetivamente. O fato é que a Ordem DeMolay no Ceará entrou no ano de 2022, em que completa 35 anos de fundação do primeiro Capítulo, com cerca de 40 instituições e mais de 3 mil membros vinculados, dentre DeMolays ativos e seniores, maçons, escudeiros e membros dos Clubes de Mães e Amigos.

Ao longo dessas décadas de funcionamento, grande feitos foram realizados pela, como costumamos chamar, DeMolay Ceará. Dentre os quais citamos a realização de um Congresso Nacional, em 2014, e Congressos Estaduais, a cada ano; a aprovação de uma lei estadual que instituiu o dia do DeMolay (CEARÁ, 2016) e dezenas de leis municipais com o mesmo propósito. Além disso, mencionamos as ações filantrópicas, principais responsáveis pela inserção da Ordem DeMolay no seio da sociedade, realizadas em pequena, média e larga escala, muitas vezes em parceria a outras instituições juvenis, como o LEO Clube (vinculado ao Lions Clubs), o Rotaract (clube parceiro do Rotary) e outros.

4. Considerações Finais

A Ordem DeMolay, não apenas no Ceará, mas no Brasil e no mundo, ingressa, sem dúvidas, em uma nova etapa de sua história. Sabemos, com efeito, que essa instituição já enfrentou outros momentos de crise desde a sua fundação (a qual se deu ainda no contexto da Pri-

⁶ Disponível em: <https://sis.demolaybrasil.org.br/login> (acesso restrito a membros). Acesso em: 20 de dezembro de 2021.

meira Guerra Mundial), como a crise da 1929, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, e outros. Todavia, a pandemia de Covid-19, deflagrada em 2020, em um momento do ápice da globalização e desenvolvimento da instituição, certamente abalou suas estruturas e as formas de se fazer Ordem DeMolay.

Isolados em suas casas, diante de novas e antigas questões, os jovens membros, que tinham na Ordem um apoio e sustentáculo, tiveram que reaprender a promover a irmandade, dessa vez através de telas e tecnologias. As chamas das Sete Virtudes Cardeais foram postas à prova, desafiando a criatividade juvenil e adulta em não deixar os ideais DeMolay fenecerem. No Brasil, esse desafio foi ainda maior, visto que se havia recentemente superado uma cisão de 15 anos, que deixou cicatrizes profundas na história da instituição.

O evento conhecido como Reunificação do Supremo Conselho Brasileiro, concluído em 2019, ano do centenário da Ordem DeMolay, simbolizou a superação, institucional e jurídica, mediante anos de negociação, dos desajustes e desavenças entre os antigos Supremo Conselho da Ordem DeMolay para o Brasil e o Supremo Conselho da Ordem DeMolay para a República Federativa do Brasil. Estes fundiram-se em um só, compondo a atual organização máxima, única e soberana em nosso país, o Supremo Conselho DeMolay Brasil (SCDB).

Hoje, ainda lidando com a reaproximação e com as lacunas e desarranjos caudados pela pandemia, nos reerguemos, a fim de encarar as novas demandas do século XXI. Cabe a nós DeMolays, e, de modo especial, às lideranças adultas e juvenis, refletir sobre o papel dessa instituição nos dias atuais, cem anos após a época para a qual ela foi idealizada. Longe de envolvermo-nos numa visão romântica e ingênua da instituição, temos que compreender suas benesses e contradições, a fim de prosseguirmos formando jovens nos princípios da cidadania, democracia e liberdade.

Concordamos com Oliveira et al. (2010, p. 10), quando dizem que “[...] a Ordem DeMolay é um propensor ao desenvolvimento pessoal, pois é capaz de formar e constituir a identidade de seus membros”. Concordamos ainda mais com esses autores, ao afirmarem que no contexto dessa fraternidade, a liderança é constituída mediante a categoria Afetividade, a qual é fortalecedora da identidade. Em outras palavras, um indicativo do sucesso da Ordem DeMolay, mesmo depois de 100 anos, é a relação interpessoal, são as histórias criadas em seu âmago, e os ensinamentos vivenciados, pois “[...] os preceitos erguidos pela Ordem DeMolay possibilitam aos seus membros, por meio da metodologia dos afetos, serem líderes” (OLIVEIRA et al., 2010, p. 14).

Encerramos este escrito, na convicção de que o

resgate histórico aqui promovido contribui no esclarecimento do real propósito dessa instituição, combatendo o obscurantismo e preconceito derivado do desconhecimento, além de colaborar na difusão da Ordem DeMolay a nível acadêmico. Afirmamos, ainda, a importância de conhecer e conservar a história dessa fraternidade, pois, somente “[...] conservando a lembrança do que já trilhamos e de quem esteve junto e à frente do caminhar, poderemos, então, compreender o que experienciamos hoje e nos projetar em direção ao futuro” (MELO, 2022, p. 11).

5. Referências

- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, São Paulo, SP, n. 32, p. 178-189, 1996.
- BARATA, Alexandre Mansur. Os Maçons e o Movimento Republicano (1870-1910). *LOCUS: Revista de História*, Juiz de Fora, MG, v. 1, n. 1, p. 125-141, 1995.
- CASTRO, Ilan Kelson de Mendonça; PORTELA, Lúcio Flávio Dias Lopes; ALVES JÚNIOR, Luiz Carlos de Castro; MIRANDA, Marcus Rafael Araújo. A maçonaria regular e as entidades paramaçônicas: conceitos básicos e breve histórico. *Revista Científica Maçônica - Ad Lucem*, São Luís, MA, v. 1, n. 1, p. 4-9, jan./abr. 2021.
- CEARÁ. *Lei n.º 16.072, de 26 de julho de 2016*. Institui o dia estadual do Demolay, a ser promovido, anualmente, no dia 18 de março. *Diário Oficial do Estado do Ceará*, Fortaleza, 28 de julho de 2016, série 3, ano VIII, nº 142, p. 2.
- DUNCAN, Herbert Ewing. *Hi, Dad! Uma história sobre Frank S. Land e a Ordem DeMolay*. Tradução de Antônio Jaimar Gomes. Kansas City: The Lowell Press, 1970.
- FOSTINONE NETTO, Luiz. *Relações em rede: um estudo de caso da Ordem DeMolay*. 2017. 82 f. *Dissertação (Mestrado em Administração)* - Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- HAYWOOD, Harry LeRoy. *A história da vida e da época de Jacques DeMolay*. Kansas City, Missouri, 1925.
- ISMAIL, Kenyo. A colonização maçônica inglesa: na contramão dos princípios maçônicos. *C&M - Ciência & Maçonaria*, Brasília, DF, v. 2, n. 2, p. 97-104, jul./dez. 2014.
- MELO, Carlos Ian Bezerra de. *Ordem DeMolay no Ceará: entre percursos e memórias*. Quixadá, CE: Ed. do Autor, 2022.
- MONJARDIM, Carlos. *A Ordem DeMolay através dos tempos: a maçonaria e a juventude*. Londrina, PR: Editó-

ra Maçônica A TROLHA Ltda., 1986.

OLIVEIRA, Marília Holanda de; CAVALCANTE, Francisco Leonildo Braga; DOMÍCIO, Aline Maria Barbosa; VASCONCELOS, Stânia Nágela Carneiro. Ordem DeMolay e liderança: um novo conceito na perspectiva da afetividade e da identidade – paradigmas e paradoxos. Trabalho de curso. Documento produzido em 17 set. 2010. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0194. Acesso em: 18 out. 2022.

SILVA, Estevan Goettems da; THEIS, Matheus Bernardo; BRESSAN, Francisco Luis Diello; JUNG, Bruno Seibert; OLIVEIRA, Lucas Didoné de; PEREIRA, Josei Fernandes. Ordem DeMolay: sociedade discreta paramaçônica. In: *MOSTRA INTERATIVA DA PRODUÇÃO ESTUDANTIL EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA*, 5., 2019. Anais [...], 2019.

SILVA, Marcos José Diniz. História da Maçonaria: memória coletiva, escrita histórica e legitimação de uma potência no Ceará. *Opsis*, Catalão, GO, v. 18, n. 2, p. 286-303, jul./dez. 2018.

SOUSA, Ailton Elisiário de. *Fragmentos da história da Ordem DeMolay na Paraíba*. Campina Grande, PB: Edições Renascença, 2008.

IGREJA CATÓLICA E MAÇONARIA: novas abordagens sobre uma antiga questão

(CATHOLIC CHURCH AND FREEMASONRY: new approaches to an old question)

Kleber Cavalcante de Sousa ¹

José Roberto Santhiago ²

Resumo

O presente artigo analisou e discutiu a posição da Igreja a respeito da participação de fiéis e religiosos católicos na Maçonaria. A partir da análise de documentação do Vaticano, este estudo buscou entender os fundamentos das decisões que determinam que os maçons não podem ser católicos, principalmente quanto ao fundamento doutrinário que estabelece que qualquer católico que seja publicamente conhecido por ser membro de qualquer Associação Maçônica, que participe ativamente no seu programa e atividades, promova os seus pontos de vista, que exerça qualquer cargo nela existente e que se recuse a renunciar a essa filiação, deve ser punido. Ao término, o estudo indica que a pesquisa do tema merece mais aprofundamento para que a Maçonaria, em seus diversos níveis e abordagens doutrinárias, possa enfrentar a questão visando manter seus princípios de existência enquanto instituição que participou e vem participando da construção do destino no país.

Palavras-chave: Maçonaria; Igreja Católica; Vaticano; Interditos.

Abstract

This article analyzed and discussed the Church's position regarding the participation of Catholic faithful and religious in Freemasonry. Based on the analysis of Vatican documentation, this study sought to understand the foundations of the decisions that determine that Freemasons cannot be Catholics, mainly regarding the doctrinal foundation that establishes that any Catholic who is publicly known to be a member of any Masonic Association, which who actively participates in its program and activities, who promotes its must be punished. At the end, the study indicates that research on the topic deserves more in-depth research so that Freemasonry, at its different levels and doctrinal approaches, can face the issue with a view to maintaining its principles of existence as an institution that has participated and has been participating in the construction of destiny in the country.

Keywords: Freemasonry; Catholic Church; Vatican; Interdicts.

¹ Especialista em Gestão e estratégia de negócios, Gestão Públicas e Maçonologia. Mestre em Engenharia da Produção com enfoque em Estratégia e Inovação; Doutorando em História. *E-mail: ksnat@hotmail.com*

² Advogado e historiador. Especialista em Perícia em Crimes Digitais. *E-mail: joserobertosanthiago@gmail.com*

1. Introdução

É necessária uma boa dose de perspicácia para perceber quando um evento noticiado tem o condão de propiciar uma reflexão sobre o presente vivido a partir de continuidades históricas. Assim foi com a notícia do Vatican News de 15 de novembro de 2023 com o singelo, apesar de bem direto, título "A maçonaria continua proibida para os católicos" (VATICANO NEWS, 2023).

Trata-se de matéria que analisa a resposta do Dicastério para a Doutrina da Fé de 13/11/2023, aprovada pelo Papa Francisco, referente a uma consulta do bispo de Dumaguete, nas Filipinas, sobre como lidar adequadamente, do ponto de vista doutrinário, com o fato de que tem havido o aumento de fiéis filiados à maçonaria.

O Dicastério confirmou que "a filiação ativa de um fiel à maçonaria é proibida, devido à irreconciliabilidade entre a doutrina católica e a maçonaria (cf. a Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé de 1983, e as mesmas Diretrizes publicadas pela Conferência episcopal em 2003)" (VATICANO NEWS, 2023). A nota esclarece que os maçons e aqueles que seguem os princípios maçons estão abrangidos pelas normas da Declaração acima referida.

Com efeito, a Declaração (CBCP, 2023) conjunta do CBCP sobre sanções para os católicos que aderem à maçonaria, datada de 6 de julho de 2002, emitida pelo Bispo Orlando B. Quevedo, dispõe que:

Qualquer católico que seja publicamente conhecido por ser membro de qualquer Associação Maçônica e participe activamente no seu programa e actividades, ou promova os seus pontos de vista, ou exerça qualquer cargo nela existente, e se recuse a renunciar a essa filiação apesar de pelo menos uma advertência (Cf. Cânon 1347) deve ser punido com um interdito (Cf. Cânon 1374), Isto é:

- a) não deve ser admitido à Santa Comunhão e a outros sacramentos (Cf. Cânon 1332);
- b) é proibido atuar como padrinho no Batismo e na Confirmação;
- c) não ser admitido como membro de estruturas paroquiais ou diocesanas;
- d) devem ser negados ritos fúnebres, a menos que tenham sido demonstrados alguns sinais de arrependimento antes da morte (cf. cânon 1184, §1, n. 3);
- e) quando os ritos fúnebres da Igreja forem permitidos pelo bispo, não serão permitidos cultos maçônicos na Igreja ou cemitério imediatamente antes ou depois dos ritos da

Igreja, a fim de evitar escândalos públicos (Cf. Cânon 1184, §1, n. 3, e Cânon 1374).

Assim, qualquer católico que seja membro convicto da Maçonaria será considerado excomungado e sofrerá todas as punições pertinentes, dentre elas o seu afastamento da vida religiosa e sacramental, isto é, será proscrito no sentido amplo do termo: exilado, banido, degradado da vida da igreja.

A questão que merece nota e justifica essa pesquisa se refere a necessidade de se entender a posição da Igreja a respeito da participação de fiéis e religiosos católicos na Maçonaria. Foi consultada documentação do Vaticano em busca de se perceber como se fundamentou a decisão eclesial do Dicastério que confirmou que a filiação ativa de um fiel à maçonaria é proibida, devido à irreconciliabilidade entre a doutrina católica e a maçonaria, sujeitando o fiel à penalidades canônicas.

Como toda pesquisa sobre um tema tão complexo, não se pretendeu esgotar o assunto em debate, ficando desde já esclarecido que a investigação merece mais aprofundamento. Ao cabo, é salutar afirmar que, para a Maçonaria - em seus diversos níveis e abordagens doutrinárias - se faz mister enfrentar a questão posta pela Igreja Católica, pois unicamente dela se originou a chamada incompatibilidade doutrinária com a Maçonaria.

A Maçonaria, instituição imbuída de princípios elementares, dentre os quais a crença na democracia que propugna pela existência de diferentes formas de pensar, projeta-se na reflexão do tema, consciente de que historicamente participou e vem participando da construção do destino no país.

2. As bulas papais do século XIX e a Maçonaria

Contudo, a fim de que se possa entender o percalço do presente se faz necessário relembrar do passado. Para tanto, não é despidendo conhecer as bulas papais que trataram da relação entre a Igreja Católica e a Maçonaria ao longo dos anos, em passagens de séculos, demonstrando a importância da celeuma.

Será, pois, necessária uma avaliação que extrapole o limiar lógico das normas recentes e alcance a História (enquanto ciência que estuda as relações no passado) do conflito entre maçons e católicos. Para tanto, devemos recuar no tempo e buscar como a Igreja Católica se posicionou frente à Maçonaria já no século XVIII, em documentação acessível através de pesquisa em websites oficiais da Igreja, através do Vaticano.

Em 1738, o Papa Clemente XII, regulando a relação com os maçons, expediu a Carta Encíclica denominada *In Eminentí Apostolatus Specula*, que tratou das sociedades secretas. Tal edito demonstrou a preocupação da Igreja Católica quanto às organizações secretas e em especial a Maçonaria. A alegação da Carta baseou-se na ideia de que a organização maçônica ameaçava a integridade da religião católica e poderia gerar perturbação nos fiéis católicos. Segundo o papa, as organizações maçônicas não estavam de acordo com as leis civis e canônicas e agiam como raposas assaltando as casas católicas, roubando os fiéis. Para a Igreja da época, era dever do Papa proteger a fé católica e a Igreja desses ataques.

Em 1751, quase duas décadas após a Carta de Clemente XII, o papa Bento XIV expediu a bula papal denominada de *Provida Romanorum Pontificum* que confirmou o entendimento anterior sobre a relação da Igreja com a Maçonaria. Os maçons eram considerados como um perigo e o crescimento e expansão da maçonaria no mundo eram vistos com um problema grave. O Papa ratificou as sanções e proibições anteriormente decretadas sobre a participação de católicos na Maçonaria.

Na bula de Bento XIV estão enumerados os motivos que justificaram sua decisão:

- filiação de pessoas dos diversos credos, gerando um perigo à pureza da religião católica;
- a obrigação estrita do segredo indevassável, pelo qual se oculta tudo que se passa nas assembléias secretas;
- o juramento pelo qual se comprometem a guardar inviolável segredo;
- que tais sociedades são reconhecidamente contrárias às sanções civis e canônicas;
- que em muitos países as ditas sociedades e agregações foram proscritas e eliminadas por leis de príncipes seculares;
- que tais sociedades e agregações são reprovadas por homens prudentes e honestos e, no pensar deles, quem quer que se inscreva nelas merece o ferrete da depravação e perversidade.

Da leitura dos motivos é possível inferir que a Igreja, já naquela época, percebia a Maçonaria com um perigo à sua existência, especificamente baseada na crença de que a pluralidade de credos seria um atentado à pureza da religião católica e de sua missão.

Na Encíclica *Ecclesiam a Jesu*, de 1821, o Papa Pio VII, evidenciou que as sociedades secretas, especialmen-

te a Maçonaria e a Carbonária (esta ligada a Ordem Maçônica pelo entendimento da Igreja), eram organizações que propagavam a liberdade religiosa e desprezavam os ritos e sacramentos da Igreja Católica. Assim posto, tais sociedades representavam uma séria ameaça à fé cristã, até pelo fato (segundo o Vaticano) de que eram responsáveis por tramar e influenciar rebeliões e conspirações por toda a parte. A Encíclica indica que essas sociedades ameaçavam a paz e a harmonia nos principados e reinos que adotaram o cristianismo católico.

A bula papal *Quo Graviora*, de 1825, do Papa Leão XII, abordou novamente a questão das sociedades secretas e da Maçonaria, enfatizando que - apesar de todos os esforços dos Papas que lhe antecederam, com medidas punitivas - a instituição maçônica continuava a crescer e atuar em diversos reinos da Europa, procurando causar revoltas e rebeliões. Segundo a bula, tais movimentos buscavam derrubar príncipes e causar danos a Igreja e a todos os homens de bem. Desse modo, a Maçonaria estaria envolvida em desordens e representava uma séria ameaça ao mundo ocidental.

Em 1829, o Papa Pio VIII editou a Encíclica *Traditi Humilitati*, que conclamava toda a comunidade católica a envidar esforços contra as sociedades secretas de homens facciosos, inimigos de Deus e dos Príncipes, que estariam dedicados a provocar a ruína do Igreja, minar os Estados, subverter a ordem universal e, quebrando as restrições da verdadeira fé, abriam caminho para todos os tipos de maldade. Segundo a Igreja, esses homens facciosos tentavam esconder nas trevas dos ritos arcanos a iniquidade dos seus conselhos e das decisões que neles eram tomadas. A ação das sociedades secretas representava uma suprema ofensa contra a sociedade religiosa - leia-se: Igreja Católica - e civil.

Pio VIII destacou que não era o primeiro papa a agir contra essas organizações inimigas da Igreja e citava os Sumos Pontífices Clemente XII (com a constituição *In eminentí Apostolatus Specula*), Bento XIV (com a constituição *Provida Romanorum Pontificum*), Pio VII (com a constituição *Ecclesiam a Jesu Christo*) e Leão XII (com a constituição *Quo Graviora*). De fato, esses pontífices já haviam atuado e excomungado essas sociedades secretas através de cartas apostólicas públicas que não deixavam dúvida de que cabia ao papa o poder apostólico de zelar pelos preceitos católicos e cuidar da observância escrupulosa dos mesmos.

Em 1884, A Encíclica *Humanum Genus* sobre a Maçonaria foi emitida pelo Papa Leão XII. Tal documento evidenciava, novamente, que o Vaticano continuava preocupado com o crescimento e expansão do movimento maçônico no mundo ocidental. Esse documento papal reforçava a denominação da Maçonaria como um inimi-

go da Igreja e da fé católica. Há nesta Encíclica a expansão doutrinária da missão de combate à Maçonaria, que além de ser um dever do Papa passava a ser também obrigação de todos os cristãos, notadamente pelo fato de que a Maçonaria passou a ser denominada de seita maçônica.

Essa breve síntese histórica das bulas papais emitidas no século XIX dão conta de que, para a Igreja Católica, a Maçonaria era vista como uma sociedade inimiga dos preceitos eclesiais católicos, sob diversas alegações, desde a afirmação de que os maçons eram promovedores da desordem religiosa e civil até ao ponto em que a Maçonaria deveria ser condenada por aceitar em suas fileiras diversos credos religiosos, fato este que atentava contra a pureza católica.

3. O Código Canônico Católico e a Maçonaria

Contudo, para o historiador, é natural questionar se onde se apresentam continuidades ou permanências das instituições também não se apresentam rupturas ou descontinuidades, muitas vezes escamoteadas através de abordagens temáticas minimamente diferenciadas.

Assim, chamou a atenção do pesquisador o texto incluído na Declaração conjunta do CBCP sobre sanções para os católicos que aderem à maçonaria emitida pela Conferência Episcopal Católica das Filipinas em 6 de junho de 2023.

Figurando como uma lágrima de crocodilo, o documento arremata que:

Como os maçons católicos são membros da Igreja, eles merecem as orações e a caridade que os cristãos devem uns aos outros. Embora as diretrizes da Igreja não devam ser diluídas, a situação pessoal e individual de um maçom católico deve ser considerada, para que gradualmente ele possa seguir livremente essas diretrizes. Recomenda-se que um maçom consulte seu pároco ou bispo para receber orientação pessoal e espiritual sobre este assunto. (CBCP, 2023)

A declaração afirma que os maçons católicos merecem as orações e caridade que os cristãos devem uns aos outros, mesmo que em dado momento sua situação esteja em desacordo com os regramentos da Igreja. Para tanto, deverá ser levada em conta a situação pessoal e individual do maçom católico para que o mesmo possa aos poucos seguir livremente os regramentos eclesiais.

A Declaração CBCP de 2023 indica a existência de uma dualidade de aspectos: de um lado, há a assunção oficial de que um problema existe (há fiéis maçons que são católicos e que merecem atenção) e deve ser enfrentado. De outro lado, não há indicação exata de qual é a intransponível "incompatibilidade entre o cristianismo e os princípios da maçonaria que toca em questões importantes da vida cristã" (CBCP, 2023).

Para entender melhor tal incompatibilidade doutrinária será, ainda, necessário buscar no passado (algumas vezes não tão remoto) as indagações pertinentes.

A *Dichiarazione Sulla Massoneria* (Declaração Sobre A Maçonaria) (VATICANO, 1983), promulgada pela Congregazione Per La Dottrina Della Fede (Congregação Para A Doutrina Da Fé) estabeleceu que:

DECLARAÇÃO SOBRE A MAÇONARIA

Pergunta-se se o julgamento da Maçonaria pela Igreja mudou porque não é expressamente mencionado no novo Código de Direito Canônico como no Código anterior.

Esta Congregação é capaz de responder que esta circunstância se deve a um critério editorial também seguido para outras associações que também não são mencionadas por estarem incluídas em categorias mais amplas.

Portanto, o julgamento negativo da Igreja em relação às associações maçônicas permanece inalterado, uma vez que seus princípios sempre foram considerados inconciliáveis com a doutrina da Igreja e, portanto, a pertença a eles permanece proibida. Os fiéis que pertencem a associações maçônicas estão em estado de pecado grave e não podem receber a Santa Comunhão.

Não cabe às autoridades eclesiais locais pronunciarem-se sobre a natureza das associações maçônicas com um juízo que implique derrogação ao acima estabelecido, e isso está de acordo com a Declaração desta Sagrada Congregação de 17 de Fevereiro de 1981 (Cf. AAS 73, 1981, pp. 240-241).

O Sumo Pontífice João Paulo II, no decurso da audiência concedida ao abaixo assinado Cardeal Prefeito, aprovou a presente Declaração, decidida na reunião ordinária desta Sagrada Congregação, e ordenou a sua publicação.

Roma, da Sé da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, 26 de novembro de 1983.

Joseph Card. RATZINGER - Prefeito

Irmão Jérôme Hamer, O.P. - Arcebispo titular de Lorium - Secretário

A Declaração estipula que os fiéis - caso estejam filiados à Maçonaria - estão em pecado grave perante a Igreja Católica Romana, pois "o julgamento negativo da Igreja em relação às associações maçônicas permanece inalterado, uma vez que seus princípios sempre foram considerados inconciliáveis com a doutrina da Igreja e, portanto, a pertença a eles permanece proibida".

Constata-se que é decisão da Igreja Católica entender que os princípios maçônicos são inconciliáveis com a doutrina da Igreja. Contudo, não está claro na Declaração quais princípios são esses.

Necessário, pois, buscar um pouco mais no passado as normas e textos que possam iluminar a questão, a fim de esclarecer ao público e ao jovem maçom em que campo doutrinário se situa a querela. Pesquisou-se, assim, a fonte documental indicada pela própria missiva: Declaração desta Sagrada Congregação de 17 de Fevereiro de 1981 (Cf. AAS 73, 1981, pp. 240-241):

De acordo com o L'Osservatore Romano (Edição semanal em Português, Número 10, de 8 de Março de 1981, pág. 2) a declaração de 17 de fevereiro de 1981 assim estabelece:

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ

DECLARAÇÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE CATÓLICOS ÀS ASSOCIAÇÕES MAÇÓNICAS

(Declaratio de canonica disciplina quae sub poena excommunicationis vetat ne catholici nomen dent sectae massonicae aliisque eiusdem generis associationibus)

Em data de 19 de Julho de 1974, esta Congregação escrevia a algumas Conferências Episcopais uma carta reservada sobre a interpretação do cân. 2335 do Código de Direito Canônico, que veta aos católicos, sob pena de excomunhão, inscreverem-se nas associações maçônicas e outras semelhantes.

Dado que a citada carta, tornada de domínio público, deu margem a interpretações errôneas e tendenciosas, esta Congregação, sem querer prejudicar as eventuais disposições do novo Código, confirma e precisa quanto segue:

1. não foi modificada de algum modo a actual disciplina canônica que permanece em todo o seu vigor;

2. não foi, portanto, ab-rogada a excomunhão nem as outras penas previstas;

3. quanto na citada carta se refere à interpretação a ser dada ao cânone em questão, deve ser entendido, como intencionava a Congregação, só como um apelo aos princípios gerais da interpretação das leis penais para a solução dos casos de cada pessoa, que podem ser submetidos ao juízo dos Ordinários. Não era, pelo contrário, intenção da Congregação confiar às Conferências Episcopais o pronunciar-se publicamente com um juízo de carácter geral sobre a natureza das associações maçônicas que implique a derrogação das mencionadas normas.

Roma, da sede da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, 17 de Fevereiro de 1981. (VATICANO, 1981)

Neste documento, a Sagrada Congregação Para A Doutrina Da Fé afirmou que enviou uma carta reservada a algumas Conferências Episcopais sobre a interpretação do Cânone número 2335 do Código de Direito Canônico, que veta aos católicos, sob pena de excomunhão, inscreverem-se nas associações maçônicas e outras semelhantes. Contudo, o teor da carta tornou-se público, o que exigiu esclarecimentos quanto a interpretações errôneas. A Declaração supra reafirma que as Conferências Episcopais não poderão se pronunciar publicamente com um juízo de carácter geral sobre a natureza das associações maçônicas que implique a derrogação das mencionadas normas penais canônicas sobre o tema.

Tal restrição imposta às Conferências Episcopais explica por que, depois de tão longo período, o bispo de Dumaguete (Filipinas) se viu na condição de solicitar orientação de como lidar adequadamente, do ponto de vista doutrinário, com o fato de que tem havido o aumento de fiéis filiados à maçonaria.

Afinal, o que preceitua o Cânone número 2335 do Código de Direito Canônico?

O Código de Direito Canônico foi promulgado pelo Papa João Paulo II em Roma, no Palácio Vaticano, no dia 25 de Janeiro de 1983, quinto ano do seu Pontificado. Sua Versão Portuguesa é a 4ª edição, revista pela Conferência Episcopal Portuguesa, em Lisboa, por António Leite, Serafim Ferreira e Silva, Samuel Rodrigues e Melícias Lopes. Esta edição pode ser encontrada no website do Vaticano.

Logo na introdução do Código, o Papa João Paulo II informa que:

As Leis Da Disciplina Sagrada teve a Igreja Católica, no decurso dos séculos, o costume de as reformar e renovar para que, conservando sempre a fidelidade ao seu divino Fundador, correspondessem adequadamente à missão salvífica que lhe foi confiada. Movidos por este mesmo propósito e satisfazendo finalmente a expectativa de todo o orbe católico, determinamos neste dia, 25 de Janeiro de 1983, a publicação do Código de Direito Canónico já revisto. Ao fazê-lo, o Nosso pensamento volta-se para o mesmo dia do ano 1959, quando o Nosso Predecessor João XXIII, de feliz memória, anunciou pela primeira vez ter decidido a reforma do Corpus vigente das leis canónicas, que tinha sido promulgado na solenidade de Pentecostes do ano 1917. (VATICANO, 1983)

Ao tratar da extensão das decisões presentes na revisão de 1983, a nova norma se apresenta alterando a vigência de outros regramentos. Assim é que o Cân. 6 do Código Canónico determina que:

Cân. 6 —

§ 1. Com a entrada em vigor deste Código, são ab-rogados:

1.º o Código de Direito Canónico promulgado no ano de 1917;

2.º as outras leis, quer universais quer particulares, contrárias às prescrições deste Código, a não ser que acerca das particulares se determine outra coisa;

3.º quaisquer leis penais, quer universais quer particulares, dimanadas da Sé Apostólica, a não ser que sejam recebidas neste Código;

4.º as outras leis disciplinares universais respeitantes a matéria integralmente ordenada neste Código.

§ 2. Os cânones deste Código, na medida em que reproduzem o direito antigo, devem entender-se tendo em consideração também a tradição canónica. (VATICANO, 1983)

Ao entender-se o termo ab-rogado (cuja etimologia pode ser encontrada no latim como abrogare) no sentido de anular ou abolir uma lei ou um decreto (o mesmo que revogar a validade de algo obrigatório ou instituído como um benefício ou privilégio) é consequente entender que as normas ab-rogadas tornaram-se obsoletas,

obrigando a todos os obediente da normas a não mais usá-las, pois seus ditames foram suprimidos.

Quanto à vigência e eficácia do novo Código não há dúvida, mormente frente à leitura do Cân. 7 que determinou que: "A lei é instituída quando se promulga".

Assim é que o Código de Direito Canónico promulgado no ano de 1917 foi juridicamente suprimido.

Eis que, como consequência direta da revisão, o Cân. 2335 (que conforme a carta de 19 de Julho de 1974 da Congregação para a Doutrina da Fé vetava aos católicos, sob pena de excomunhão, inscreverem-se nas associações maçônicas e outras semelhantes) foi abolido.

Convém destacar que, pesquisando-se o texto do novo Código Canónico de modo literal, não se encontram em todo o arcabouço normativo sequer uma vez os termos "maçom" ou "maçonaria" na versão em língua portuguesa. Acredita-se que efetivamente tais termos não constem do documento em vigor.

Assim, a inconciliável compatibilidade entre ser fiel da Igreja Católica Apostólica Romana e ser membro da Maçonaria deve se originar de uma interpretação da nova norma, isto é, do Código promulgado em 1983. Mas qual dispositivo pode esclarecer a questão?

Com efeito, pode-se encontrar no novo Código o Cân. 1374, que assim estabelece:

Cân. 1374 — Quem der o nome a uma associação, que maquine contra a Igreja, seja punido com pena justa; quem promover ou dirigir tal associação seja punido com interdito. (VATICANO, 1983)

É interessante conhecer o Cân. 750 do novo Código que estabelece certos requisitos mínimos para que a fé católica possa ser percebida como pertencente à doutrina católica, e por conseguinte detentora de direitos e deveres canónicos, nos seguintes termos:

Cân. 750 —

§ 1. Deve-se crer com fé divina e católica em tudo o que se contém na palavra de Deus escrita ou transmitida por Tradição, ou seja, no único depósito da fé confiado à Igreja, quando ao mesmo tempo é proposto como divinamente revelado quer pelo magistério solene da Igreja, quer pelo seu magistério ordinário e universal; isto é, o que se manifesta na adesão comum dos fiéis sob a condução do sagrado magistério; por conse-

guinte, todos têm a obrigação de evitar quaisquer doutrinas contrárias.

§ 2. Deve-se ainda firmemente aceitar e acreditar também em tudo o que é proposto de maneira definitiva pelo magistério da Igreja em matéria de fé e costumes, isto é, tudo o que se requer para conservar santamente e expor fielmente o depósito da fé; opõe-se, portanto, à doutrina da Igreja Católica quem rejeitar tais proposições consideradas definitivas. (VATICANO, 1983)

Conclui-se que a fé deve estar inserida no contexto de aceitação da fé nos exatos termos determinados pelo Cân. 750, pois em contrário se aplicará o preceituado no Cân. 1371 que estabelece punição da seguinte forma:

Cân. 1371 — Seja punido com pena justa:

1.º quem, fora do caso previsto no cân. 1364,

§ 1, ensinar uma doutrina condenada pelo Romano Pontífice ou pelo Concílio Ecumênico ou rejeitar com pertinácia a doutrina referida no cân. 750,

§ 2 ou no cân. 752, e, admoestado pela Sé Apostólica ou pelo Ordinário, não se retratar;

2. quem, por outra forma, não obedecer à Sé Apostólica, ao Ordinário ou ao Superior quando legitimamente mandam ou proíbem alguma coisa e, depois de avisado, persistir na desobediência. (VATICANO, 1983).

Posto que as normas (mesmo as mais recentes) são reticentes ou lacunosas em especificar quais as partes das doutrinas católica e maçônica são incompatíveis, constata-se que o problema dentro da análise lógico-jurídica, persiste no sentido de se entender que a hermenêutica limitada aos regramentos e às suas justificações não é bastante para explicar o porquê dos maçons não poderem ser aceitos como fiéis na Igreja Católica, na medida em que no tempo presente não há indicativo de que os maçons estejam promovendo a desordem, destronando reinos ou enfraquecendo a pureza da religião católica.

4. A Igreja Católica e os Maçons

Terá sido sempre assim na História do Brasil: católicos não podiam ser maçons? Maçons não podiam ser católicos? É possível entender a origem de tal dicotomia inconciliável?

Como um fato verificável historicamente, é possível afirmar que a historiografia nacional (BARATA, 2002, 2006; CARVALHO, 2019, COLUSSI, 1998) do século XIX comprova a forte presença de católicos na maçonaria brasileira, inclusive sacerdotes e religiosos, que exerceram cargos de liderança nos campos religioso e político do período. Destaca-se que alguns desses religiosos maçons foram protagonistas em momentos marcantes da história nacional, como a revolução de 1817 em Pernambuco, em que padres participaram ativamente desse movimento (DE SOUSA, 2023), ou na chamada Questão Religiosa, "durante os anos de 1872 a 1875, que foi uma série de acontecimentos envolvendo a Igreja Católica, a Maçonaria e o Governo Imperial em seu centro, mas que envolveu indiretamente outros elementos em voga" (CARVALHO, 2018, p. 105).

É possível fazer uma síntese da Questão Religiosa no Brasil como sendo um efeito da confrontação que se verificava na Europa entre a Maçonaria e a Igreja Católica Romana. Várias autoridades eclesiásticas se envolveram na Questão que ditava, entre outros pontos, a autonomia da hierarquia e da estrutura da Igreja frente ao poder estatal da Monarquia. Houveram intensos choques entre religiosos, com retaliações e penalidades eclesiásticas. Uma das consequências mais destacadas refere-se à expulsão de religiosos que pertenciam também à Maçonaria por ordem de Dom Vital e de Dom Antônio de Macedo Costa.

Avançando-se na pesquisa, por conseguinte, para participar da Maçonaria é necessário primeiro saber o que ela representa. Vamos direcionar a pesquisa para melhor entender. Apesar de haver diversas definições sobre o que vem a ser a Maçonaria, uma definição mais geral e mais utilizada é a que lhe define como sendo um belo sistema de moralidade velado em alegoria e ilustrado por símbolos (ZELDIS, 2011). Alegorias e símbolos que precisam ser decifrados e ensinados a seus membros, a fim de que a sua tradição seja permanente, nesse sentido, William Preston, a definia como sendo um sistema regular de moralidade, concebido em uma tensão de interessantes alegorias, que desdobra suas belezas ao requerente sincero e trabalhador (PRESTON, 1867).

Outrossim, percebe-se que a ordem maçônica é uma organização iniciática, de caráter fraternal, regida por normas e princípios próprios, que acolhe pessoas do sexo masculino em seu seio, com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos por meio de um sistema baseado em símbolos, lendas e mitos, a fim de buscar o aprimoramento moral e intelectual.

A Maçonaria é uma instituição universalista, filosófica, espiritualista, filantrópica e humanitária fundamenta-

da nos postulados da liberdade, igualdade, fraternidade, paz, justiça e democracia (SOUSA, 2017, p. 20).

Segundo a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, a Maçonaria tem como preceitos fundamentais: acredita na existência de um princípio criador, o Grande Arquiteto do Universo; proclama o trabalho como direito e dever do homem; respeita as leis do País e defende a livre manifestação do pensamento e da dignidade da pessoa humana. A maçonaria combate o fanatismo e as paixões que tornam o homem cego e incapaz de tomar decisões justas, que o conduz ao caminho do mal.

Em seus rituais, estão contidas lições e ensinamentos que - durante as suas cerimônias - são decifrados e possibilitam aos participantes vivenciarem experiências que os levam a refletir sobre as questões da vida cotidiana, de modo a contribuir com o seu aperfeiçoamento moral.

A lei moral da maçonaria, presente nas Constituições de Anderson de 1723 (primeiro documento normativo maçônico aprovado pela Grande Loja Maçônica da Inglaterra, que foi a primeira potência maçônica) destaca que "um Maçom é obrigado, por sua Condição, a obedecer à Lei moral; e se compreende bem a Arte, não será jamais um Ateu estúpido, nem um Libertino irreligioso" (THE CONSTITUTIONS FREEMASONRY, 1755).

No Rito Escocês Antigo e Aceito, a Bíblia está no centro do altar e, em todas as reuniões, há a leitura de passagens da bíblia sagrada que enaltecem a existência humana, a fé e a importância de uma conduta reta e moral. Em seus graus simbólicos, são retratadas passagens da história do antigo testamento, em que a construção do templo de Salomão é um dos principais enredos abordados.

Entretanto, os atritos entre Igreja Católica e Maçonaria existentes durante o período da Revolução Francesa não podem ser olvidados, pois da sua compreensão se pode auferir lições importantes para a análise da situação presente.

Na França, durante o período que se convencionou chamar de Revolução Francesa - de maio de 1789 a novembro de 1799 - segundo Simon Schama (1989, p. 421) que analisou continuidades e discontinuidades e o papel que coube à nobreza no processo de aceleração do fim do Antigo Regime,

A fusão de velho e novo repetia-se por toda a França. No papel as transformações não poderiam ter sido mais abruptas ou radicais. Como organismos jurídicos os parlamentos simplesmente foram substituídos pelo fiat

legislativo da Assembléia Constituinte e a velha jurisdição dos baillages pelos dos juízes de paix eleitos e dos tribunais dos distritos e departamentos. Da mesma forma, a natureza caótica do governo com fronteiras superpostas e entrecruzadas que diferiam da administração civil ao governo militar e à diocese eclesiástica desapareceu na unidade do departamento. [...] A presença de "homens novos" — médicos, engenheiros, numerosos advogados, ocasionais comerciantes — na primeira leva de instituições criada pela Revolução certamente resultou, em parte, da maciça expansão de cargos eleitos. Pelo menos no atendimento às reivindicações por mais governo, formuladas nos cabiers, os notáveis revolucionários cumpriram amplamente seu dever. [...] Um exame mais profundo dos novos regimes em muitas cidades, grandes e pequenas, da província francesa revela que muitos desses remanescentes do Ancien Régime estavam estrategicamente colocados.

Schama atenta para o fato de que socialmente não havia muita diferença entre esses "homens novos" e aqueles tipificados como sendo da nobreza, especialmente quando viviam no ambiente de uma cidade ou centro comercial. De fato, "todos pertenciam ao mesmo ambiente cultural: o mundo das academias e das lojas maçônicas. Todos endossavam o projeto otimista do final do Iluminismo segundo o qual as ciências necessariamente levariam a uma prosperidade maior e a um governo mais perfeito". SCHAMA (1989, p. 422).

Se, de um lado o discurso radical dos "homens novos" punha na escrita dos decretos revolucionários toda uma narrativa de mudanças e rupturas, de outro lado os mesmos homens - aos quais tanto se criticava por fazerem as vezes do Antigo Regime - de fato continuavam no poder, porém agora com o apoio popular da turba mobilizada. "Assim, foram exatamente os homens dos quais tanto se queixavam os cabiers rurais - abastados coqs de village e outros proprietários, alguns deles nobres — que se apoderaram dos bens da Igreja quando estes foram colocados no mercado". SCHAMA (1989, p. 423).

É possível, pois, afirmar com base em forte documentação histórica que a relação da Igreja com a Maçonaria estava - a partir dos idos do fim do século XVIII - definitivamente posta em termos de conflito aberto de interesses, igualmente em intensidade nos campos político, cultural e ideológico.

Ainda quanto ao século XIX, base histórica para essa reflexão, ainda há que se debater o fato da Maçonaria

Brasileira ter sido uma instituição que apoiou o fim do regime do padroado patrocinado pela Monarquia portuguesa e a laicidade do estado, assim como a acolhida aos protestantes em seu seio. Tal atuação pode ter causado a decisão pela incompatibilidade naquela época em terras nacionais.

Outro aspecto que merece nota é que durante a Questão Religiosa, no século XIX, o conflito entre Igreja e Maçonaria pode ter se acirrado a partir do advento da chamada Maçonaria Especulativa de cunho iluminista (iniciado no século XVIII), com forte apelo filosófico-racionalista, cujo pendão de encadeamento de raciocínio lógico extremado pode não ter sido devidamente compreendido à época, exatamente em um contexto cultural europeu em que o raciocínio lógico se punha como um discurso científico contra a metafísica, o espiritual e o divino.

5. O Cristianismo e as Religiões

De início, é de se considerar que a Ordem Maçônica não é uma religião, mas uma instituição de cunho iluminista. Sua organização filosófico-racionalista baseia-se nos antigos mistérios e está harmonizada com as religiões monoteístas de seus integrantes. Dessa maneira, não há qualquer tipo de afronta à Igreja Católica ou aos seus dogmas. Por isso, é substancial o entendimento de que proibir, conforme imposto pela alta hierarquia da Igreja Católica, que os católicos sejam também maçons é desnecessário e ineficaz tendo em vista que, mesmo que na aparência se difunda que se quer proteger o católico da influência maçônica, de fato não se está a respeitar um dos preceitos básicos do cristianismo que é o de aceitar a pluralidade de caminhos que visam a salvação.

A respeito deste tema relativo à salvação do Cristão, em 1997, a Comissão Teológica Internacional do Vaticano, em análise do tema "O Cristianismo e as Religiões", redigiu estudo sobre as relações da Igreja com outras religiões, cujo objeto de pesquisa se fundamentou nos seguintes termos:

Numa época em que se aprecia o diálogo, a compreensão mútua e a tolerância, é natural surgir tentativas de elaborar uma teologia das religiões a partir de critérios aceitos por todos, isto é, que não sejam exclusivos de determinada tradição religiosa. Por isso, nem sempre se distinguem claramente as condições para o diálogo inter-religioso e os pressupostos básicos de uma teologia cristã das religiões. Para fugir dos dogmatismos procuram-se padrões exteriores, que permitam

avaliar a verdade de uma religião. Os esforços realizados nessa direção não chegam a convencer. Se a teologia é *fides quaerens intellectum*, não se vê como se pode abandonar o "princípio dogmático" ou refletir teologicamente prescindindo das próprias fontes. (VATICANO, 1997)

Como se vê no trabalho de 1997, pouco mais de uma década após a promulgação do novo Código Canônico de 1983, a compreensão doutrinária da Igreja ampliou-se em busca do diálogo e compreensão mútua, da qual espera-se tolerância e a elaboração de uma teologia das religiões a partir de critérios de consenso.

Tal ampliação da visão doutrinária católica está explicitamente definida nos itens 62 e 63 do Capítulo II.4. - *Ecclesia Universale Salutis Sacramentum* do texto referido anteriormente, como segue:

62. Não se pode desenvolver uma teologia das religiões sem levar em conta a missão salvífica universal da Igreja, testemunhada pela Sagrada Escritura e pela tradição de fé da Igreja. A valorização teológica das religiões foi impedida durante muito tempo por causa do princípio "extra Ecclesiam nulla salus", entendido em sentido exclusivista. Com a doutrina sobre a Igreja como "sacramento universal da salvação" ou "sacramento do Reino de Deus", a teologia trata de responder à nova apresentação do problema. Tal ensinamento, também acolhido pelo concílio Vaticano II, se concilia com a visão sacramental da Igreja no Novo Testamento.

63. Atualmente, a questão primária já não é se os homens podem alcançar a salvação ainda que não pertençam à Igreja Católica visível; tal possibilidade é considerada como teologicamente certa. A pluralidade das religiões, da qual os cristãos são cada vez mais conscientes, o melhor conhecimento dessas mesmas religiões e o necessário diálogo com elas, sem deixar em último lugar a mais clara consciência das fronteiras espaciais e temporais da Igreja, nos interrogam sobre se se pode ainda falar da necessidade da Igreja para a salvação e sobre a compatibilidade desse princípio com a vontade salvífica universal de Deus. (VATICANO, 1997).

De fato, para a Igreja Católica - de acordo com a Comissão Teológica Internacional do Vaticano - não se trata mais de saber apenas se os homens podem se salvar, inclusive os que não pertencem à Igreja Católica. Tal

possibilidade é certa do ponto de vista doutrinário. Discute-se, agora, se apenas a Igreja será considerada o único caminho da salvação eis que há uma "vontade salvífica universal de Deus".(VATICANO, 1997).

Atenta ao desenvolvimento globalizado das relações interculturais, a Comissão Teológica do Vaticano refletiu sobre a questão da verdade teológica, indicando que é necessário reconhecer a alteridade da verdade das diferentes religiões, de modo a levar o cristianismo a aprender a conviver respeitosamente com outras religiões. Aos poucos, mesmo que de modo relutante, vai expandindo a noção doutrinária de que é necessário ao católico aprender a conviver com outros tipos de religiosidades tendo em vista que se pode observar uma mudança da consciência do homem atual, nos seguintes termos:

102. A crescente inter-relação das culturas na atual sociedade mundial e sua constante interpenetração nos meios de comunicação fazem com que a questão da verdade das religiões tenha passado ao centro da consciência cotidiana do homem de hoje. As presentes reflexões consideram alguns pressupostos dessa nova situação; nelas, porém, não se entra na discussão de conteúdos com as diferentes religiões. Esta deveria realizar-se na teologia dos diferentes lugares, ou seja, nos diferentes centros de estudo que estão em contato cultural direto com as outras religiões. Ante a situação de mudança da consciência do homem atual e a situação dos fiéis, é claro que a discussão com a pretensão de verdade das religiões não pode ser um aspecto marginal ou parcial da teologia. A confrontação respeitosa com essa pretensão deve representar um papel no centro do trabalho cotidiano da teologia, deve ser parte integral dessa mesma teologia. Com ela o cristianismo de hoje deve aprender a viver, no respeito pela diversidade das religiões, uma forma da comunhão que tem seu fundamento no amor de Deus pelos homens e se funda em seu respeito para com a liberdade do homem. Esse respeito pela "alteridade" das diferentes religiões está por sua vez condicionado pela própria pretensão de verdade (VATICANO, 1997).

É perceptível que a doutrina católica está buscando se adequar à atualidade, ampliando a visão de alteridade de seus fiéis, indicando que a salvação não está limitada a apenas um caminho doutrinário e clamando aos católicos para absorver espiritualmente o novo clima global de diversidade cultural.

Ainda se pode falar da necessidade exclusiva da Igreja para a salvação frente à compatibilidade desse princípio com a doutrina que prega que a vontade de salvação do fiel é universal desde que direcionada à busca de Deus?

6. A ação maçônica no Brasil do século XXI

A Maçonaria, enquanto instituição iniciática, filosófica e social conseguiu evoluir e se expandir pelo mundo todo. Nos últimos trezentos anos, sobreviveu a diversas transformações culturais, políticas e sociais e, atualmente, é considerada como sendo uma instituição universal e de amplo alcance social.

Não obstante todos os desafios e obstáculos enfrentados, a Maçonaria tem sua História. Para entendê-la, faz-se necessário refletir sobre quais foram os fatores que contribuíram para o seu êxito enquanto instituição, donde se destaca a continuidade de sua própria existência como uma organização ativa e influente no mundo moderno. Esta reflexão se impõe especialmente frente à permanência da celeuma com a Igreja Católica, cuja origem no século XVII foi possível rastrear sucintamente neste estudo, conforme se observou nos documentos papais referidos.

Uma das hipóteses que aqui evidencia-se é que ela vem conseguindo sensibilizar homens que buscam ingressar em uma organização fraternal. Buscam benefícios pessoais, novos conhecimentos filosóficos, reconhecimento social, ajuda mútua tanto quanto a possibilidade do exercício de diferentes micro-poderes.

E, ao se analisar de modo crítico o contexto atual da instituição, faz-se história também reconhecer que - apesar de permanecer ativa - não demonstra mais a força e o protagonismo social e político que teve no passado. Vivemos em um outro momento histórico, em que a Maçonaria se apresenta mais cumprindo um papel social do que propriamente de protagonismo político e social, e em muitos casos a formação maçônica, está em segundo plano.

No caso da Maçonaria Brasileira, alguns pesquisadores maçônicos evidenciam o momento crítico, que a instituição vem vivenciando. Tal assertiva se evidencia por pesquisas recentes conduzidas pela CMSB e CMI que apontaram a evasão maçônica e o fechamento de lojas em diversos países, como um sinal de um momento crítico para a Ordem Maçônica no mundo ocidental. Essa é uma realidade que pode impactar a maçonaria brasileira, que já vivencia o problema da evasão maçônica, em virtude de conflitos internos, desmotivação, e falta de

conteúdo nas reuniões, que foram evidenciados por De Moraes (2017).

Kennyo Ismail (2013), avaliando os motivos da crise da Maçonaria brasileira, destacou que ela precisava assumir uma vocação, assim como a maçonaria americana já o tinha feito, sobre o risco de vir a perder a sua importância.

Seguindo princípios mais filosóficos do que práticos, a Maçonaria brasileira, assim como toda a Maçonaria latina, parece enfrentar uma crise de identidade, ou melhor, uma crise de obsolescência, ao sustentar vocações tão úteis em outros momentos históricos, mas menos necessárias no atual cenário mundial do Ocidente (ISMAIL, 2013, p. 20).

A análise de Kennyo parece ser sensata e prudente. Contudo, é preciso destacar que a Maçonaria Brasileira, apesar de ser uma das mais populosas do mundo, enfrenta desafios e sofre com problemas crônicos, que necessitam ser enfrentados pelas lideranças maçônicas. Destaca-se o alto índice de turnover nas lojas maçônicas brasileiras, quando muitos iniciados, ao alcançar o grau de mestre, de alguma forma, se afastam dos trabalhos de sua loja. Esse é um fator preocupante. Necessário buscar soluções mais eficazes já que se demonstrou que tal problema não será resolvido apenas com incentivos ao aumento de iniciações, ou flexibilização ou facilitação nos processos de sindicância.

A tese defendida pelo Maçom Albert Mackey (1869) advertia sobre o problema da formação maçônica e da valorização das vaidades na Ordem. Essa advertência se mantém vigente, em especial quando se constata que muitas lojas maçônicas têm dificuldades para cumprir o seu principal papel, que é a formação do homem.

Compasso (2020) destaca que nessa formação é importante que os mestres maçons compreendam o seu papel, que é o de zelar pelo futuro da instituição, de modo a garantir que os aprendizes e companheiros sejam formados com qualidade e que tenham o mínimo de conhecimento maçônico necessário para manter a tradição.

O autor destaca que:

A base da filosofia maçônica tem por objetivo restabelecer seu antigo e verdadeiro caráter indelével e apostolado da mais alta moralidade, da prática das virtudes, da Liberdade debaixo da Lei, da Igualdade segundo o mérito, com subordinação e disciplina e, da Fra-

ternidade com deveres mútuos (COMPASSO, 2020, p. 51).

Há sem dúvida necessidade urgente de melhor formar os obreiros, a fim de construir o futuro da instituição. Caminhos são válidos como valorizar quem estuda e dar oportunidade a quem sabe e deseja formar os novos maçons. O despeito dessa constatação pode gerar, já no curto prazo, uma situação em que a instituição pereça por falta de qualidade doutrinária e por desconhecimento da sua força social, do seu simbolismo e de suas tradições. O risco real é que acabe por tornar-se simplesmente um clube social ou teatral, no qual pessoas se reúnem periodicamente apenas para praticar determinado ato teatral, sem significado e entendimento algum.

Enfim, não se pode esquecer o que a Ordem é. O irmão, pesquisador e escritor Ailton Elisiário concebeu o entendimento de que:

A Maçonaria é o centro de união e o meio de conciliar uma amizade sincera, entre as pessoas que nunca haveriam de poder, sem isto, chegar a ela. Seu fundamento é a fraternidade. Portanto, o futuro da Maçonaria no restante do Século XXI está para o Brasil e para o Mundo no trabalho maçônico, que se exprime na lapidação da pedra bruta e em tornar feliz a Humanidade. Os maçons não podem ser mais apenas coadjuvantes, mas efetivos participantes da vida pública. Daí, as discussões para o erguimento das colunas da Maçonaria Executiva (ELISIÁRIO, 2020, p. 49).

Portanto, a Maçonaria brasileira deve direcionar seus esforços para melhor formar seus quadros e priorizar a qualidade dos processos seletivos, evitando a massificação no ingresso, o que isoladamente não garante a melhoria dos quadros de filiados.

Não é tarefa simples. Mas medidas simples podem ser adotadas: É preciso formar melhor, qualificar as reuniões, ter projetos e principalmente criar um propósito para que as pessoas permaneçam na instituição.

Desse modo, por meio de

Maçons mais conscientes e dotados de mais conhecimentos sobre a ordem estarão mais comprometidos e engajados nas atividades da instituição, pois serão mais capazes de contribuir na construção de uma Maçonaria mais forte e atuante (SOUSA, 2020, p. 30).

Além disso, é essencial que só sejam eleitos para os cargos de direção da organização homens comprovadamente qualificados para as funções e comprometidos com os ideais da Maçonaria. Que estejam dispostos a servir à instituição, oferecendo mais que dela possam se beneficiar, seguindo a esteira do pensamento de Albert Mackey (1869).

Tal situação se apresenta tanto mais difícil quanto mais contundente for a questão apresentada pela Igreja Católica no sentido de declarar a irreconciliável incompatibilidade entre maçons e católicos.

7. Considerações finais

Não basta esperar por novos entendimentos por parte da Igreja, em uma atitude reativa. Espera-se que os maçons se tornem agentes de seus próprios ideários, e construam seu tempo histórico. Para isso, será necessário estudar o assunto e enfrentar os desafios. Não há como negar que há pela frente grandes embates doutrinários e filosóficos.

Argumenta-se que tal tema abordado neste estudo não seja tão importante para o maçom no seu cotidiano. Parece que, à primeira vista, a sociedade de modo geral não está muito preocupada com tal questão, tanto que não houve grande repercussão na imprensa nacional. Espera-se mesmo que a decisão publicada no Vatican News, em 15 de novembro de 2023, sob o título "A maçonaria continua proibida para os católicos" (VATICANO NEWS, 2023) não repercuta muito na vida dos católicos.

Entretanto, do ponto de vista da Maçonaria Brasileira, é de se considerar que tal decisão é um fato importante, que necessitará ser enfrentado com a devida atenção pelas lideranças maçônicas, principalmente visando orientar seus membros, com destaque para os que são responsáveis pelas milhares de lojas maçônicas existentes no Brasil.

Se for levado em consideração o fato de que nosso país é o maior território nacional cristão e católico do mundo ocidental, a decisão ganha dimensão quase continental, eis que a imagem da Maçonaria Brasileira está sendo afetada, inculcada na mente da população como sendo uma instituição anti-cristã, o que obviamente compromete todos os esforços doutrinários e de ação social de interesse dos maçons.

É certo que a Maçonaria, por suas próprias condições intelectuais e de formação cidadã, tem as ferramentas que podem ser utilizadas para melhor educar e formar cidadãos que compõem e comporão seus qua-

dros. Contudo, algumas práticas necessitam ser reavaliadas no sentido de se evitar a mitificação de pessoas, concessão de medalhas com propósitos diminutos, construção de templos desnecessários e atividades sociais sem proveito efetivo para a instituição. De fato, há que se defender com vigor que é necessário investir na formação moral do homem maçom, não se admitindo com leveza que as disputas políticas entre Potências e Lojas diminuam o papel histórico da Maçonaria.

Por fim, já com o devido alerta sobre a recente incursão da Igreja Católica na definição de um "inimigo institucional", faz-se mais que necessário que os líderes maçônicos compreendam a importância de seu papel como representantes legítimos de seus irmãos.

De se concluir, pois, que a Maçonaria pode estar es-corregando para uma série crise ainda não percebida por suas lideranças, situação esta que não deriva necessariamente da declaração da Igreja Católica, mas que em função dela pode se agravar. A proibição da Igreja Católica que impede católicos de serem maçons está a esperar uma tomada de posição da Maçonaria Brasileira, e esta pode se dar com certeza através de mudanças de atitude da própria Ordem no sentido de enfrentar o debate doutrinário, melhorar a formação do quadro maçom e aprimorar a ação social da instituição.

8. Referências

8.1. Fontes

BENTO XIV, 1751. *Provida Romanorum Pontificum* - Bula Papal. Roma: Santa sede. Disponível em : <https://www.vatican.va/content/benedictus-xiv/it/documents/bolla--i-providas-romanorum--i---18-marzo-1751--il-pontefice-con.html> Acesso: 16 Dez 2023

CLEMENTE XII, 1738. *In Eminentí* - Carta Encíclica. Roma: Santa Sede. Disponível em: <https://www.papalencyclicals.net/clem12/c12inemengl.htm> Acesso: 20 Dez 2023.

LEÃO XII, 1825. *Quo Graviora* - Bula Papal. Roma: Santa sede. Disponível: <https://www.vatican.va/content/leo-xii/it/documents/bolla-quo-graviora-13-marzo-1825.html> Acesso: 20 Dez 2023

LEÃO XIII, 1884. *Humanum Genus: sobre a maçonaria* - Carta Encíclica. Disponível em: http://www.vatican.va/content/leoxiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html . Acesso: 20 Dez 2023.

PIO VII, 1821. *Eclesian Jesu*. - Bula Papal. Disponível em:<https://www.vatican.va/content/pius-vii/it/>

documents/bolla-ecclesiam-a-jesu-13-settembre-1821.html Acesso: 20 Dez 2023.

PIO VIII, 1829. *Traditi Humilitati* - Carta Encíclica. Roma: Santa Sede. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-viii/it/documents/enciclica-traditi-humilitati-24-maggio-1829.html> Acesso: 20 Dez 2023.

MACKEY, A. G.. *A Lexicon of Freemasonry: containing a definition of all its communicable terms, notices of its history, traditions, and antiquities, and an account of all the rites and mysteries of the ancient world*. Moss & Company, 1869.

PRESTON, William. *Illustrations of Masonry*. New York: Masonic Publishing and Manufact., 1867

VATICANO NEWS. *A maçonaria continua proibida para os católicos*. Vaticano News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-11/maconaria-para-catolicos-continua-proibida.html>. Acessado: 16 de nov. 2023.

CBCP - Conferência Episcopal Católica das Filipinas. *Declaração conjunta do CBCP sobre sanções para os católicos que aderem à maçonaria*. 6/6/2023. Disponível em: <https://cbcpcnews.net/cbcpcnews/pastoral-guidelines-in-dealing-with-individual-catholics-members-of-masonry/>. Acessado: 16 de nov. 2023.

Congregação Para A Doutrina Da Fé. *Declaração Sobre a Maçonaria*. 2/11/1983. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19831126_declaration-masonic_it.html. Acessado: 16 de nov. 2023.

_____. *Declaração Sobre a Participação de Católicos à Associações Maçônicas*. 17/2/1981. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19810217_massoni_po.html. Acessado: 16 de nov. 2023.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Código de Direito Canônico*. 25/1/1983. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf. Acessado em: 16 de nov. 2023.

Comissão Teológica Internacional do Vaticano. *O Cristianismo e as Religiões*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1997_cristianesimo-religioni_po.html. Acessado em: 16 de nov. 2023.

The Constitutions of the Freemasons. versão facsimile. Republished in Masonic Publishers, New York, 1855. Disponível em :<https://albalodge.org/resources/>

Constitutions(Anderson-1723).pdf Acessado: 10 de dez 2023.

8.2. Bibliografia

AZEVEDO, CÉLIA M. MARINHO DE. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, n. 32, p. 178-189, 1996.

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência do Brasil 1790-1822*. São Paulo: Annablume/EDUFJF-FAPESP, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 12ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

CARVALHO, Thais da Rocha. *Liberdade religiosa no Brasil do século XIX: uma análise a partir do jornal ultramontano O Apóstolo (1866-1891)*. Campinas: PUC-Campinas, 2018.

COLUSSI, Eliane Lucia. *A Maçonaria Gaúcha no Século XIX*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

COMPASSO, Pedro Ricardo Souza de. A sobrevivência da Maçonaria tradicional em um mundo moderno: ensino maçônico e a mudança de paradigmas. In: DE MORAIS, Cassiano. *Maçonaria perspectivas para o futuro*. CMSB, Brasília, 2020.

DE MORAIS, Cassiano Teixeira. *Evasão Maçônica: causas e consequências*. 1a. Ed. Brasília: DMC, 2017.

ISMAIL, Kenno. *Relatório de pesquisa: — CMI – Maçonaria no século XXI*, 2018. Disponível em:

SCHAMA, Simon. *Cidadãos: uma crônica da Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUSA, Ailton Elisiário de. A maçonaria em tempos de pós-modernidade. In: DE MORAIS, Cassiano. *Maçonaria perspectivas para o futuro*. CMSB, Brasília, 2020.

SOUSA, Kleber Cavalcante de. *A Maçonaria em 24 lições: introdução ao estudo maçônico*. Natal: AMRA, 2017.

SOUSA, Kleber Cavalcante de. A educação maçônica e o futuro da maçonaria. In: DE MORAIS, Cassiano. *Maçonaria perspectivas para o futuro*. CMSB, Brasília, 2020.

SOUSA, Kleber Cavalcante. O seminário de Olinda e a participação de Padres-Maçons na Revolução de 1817. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 9, n. 1, 2023

A MAÇONARIA NO DIVÃ: as perspectivas e as contribuições dos não maçons

(FREEMASONRY ON THE DIVAN: the perspectives and contributions of non-Masons)

Ivan Antonio Pinheiro ¹

Lucas Vieira Dutra ²

Jorge Antônio Mendes ³

Resumo

O objetivo principal deste trabalho foi o de avaliar se as diferenças provenientes das fontes consultadas (livros vs periódicos acadêmicos, Iniciados vs não-Iniciados e gênero da autoria) são potentes o suficiente para criar percepções capazes de alterar a primeira etapa dos estudos prospectivos: a formulação do diagnóstico em estudos prospectivos na Maçonaria. Como estratégia, os autores confrontaram as percepções formulados por dois grupos: pesquisadoras acadêmicas (não-Iniciadas) vs maçons que responderam ao Edital I da CMSB, 2020. A resposta foi afirmativa. Todavia, o achado de pesquisa mais relevante foi que as diferenças estão antes relacionadas ao uso do método acadêmico-científico do que a outros fatores.

Palavras-chaves: Maçonaria; estudos prospectivos; método acadêmico-científico.

Abstract

The main objective of this study was to assess whether the differences arising from the consulted sources (books vs academic journals, Initiated vs non-Initiated and authorship gender) are powerful enough to create perceptions capable of altering the first stage of prospective studies: the formulation of the diagnosis in prospective studies in Freemasonry. As a strategy, the authors confronted the perceptions formulated by two groups: academic researchers (non-Initiated) vs Freemasons who responded to the CMSB Edict I, 2020. The answer was affirmative. However, the most relevant research finding was that the differences are rather related to the use of the academic-scientific method than to other factors.

Keywords: freemasonry; prospective studies; academic-scientific method.

¹ Graduado em Estatística pela ENCE (1979) e em Economia pela UCAM/FCPERJ (1980); Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (1989), Mestre (1994) e Doutor (2000) em Administração pela UFRGS. É professor associado do Departamento de Ciências Administrativas da UFRGS. E-mail: ivan.pinheiro@ufrgs.br

² Graduado em Psicologia pela PUC de Campinas (1976), Mestrado em Ciências da Motricidade pela UNESP (1997) e Doutorado em Psicologia pela PUC de Campinas (2003). E-mail: dutralucas@aol.com

³ Pós-graduado em Maçonologia pela Uninter (2018). Email: jorgemendes2017@hotmail.com

1. Introdução

A motivação preliminar para este texto surgiu das evidências trazidas por Pinheiro (2023), quais sejam: a de que os livros (nacionais) têm larga preferência como fonte de consulta dos autores-pesquisadores-maçons: com 150 citações superam com larga margem os periódicos (37) e os relatórios de pesquisa (12), e mesmo estes possuem um viés, a forte concentração em poucos autores. Chama ainda a atenção a autoria dos livros: em sua maioria escritos por maçons. É importante ter em consideração que a fonte de dados utilizada por Pinheiro (op. cit.), grosso modo, possuía a intenção prospectiva: tecer considerações sobre o futuro da Maçonaria que, já há tempos é diagnosticada como em estado de crise, recentemente agravada pelas circunstâncias decorrentes da epidemia Covid-19 e pela crescente intolerância e intransigência no seio das sociedades que, no limite, levaram ao estado de beligerância que se estende às Nações. Encapsuladas pelos grandes temas, emergiram então as questões que, no entendimento dos autores, assolam a Ordem: indicação e seleção equivocada de membros, conflitos geracionais, docência errante e claudicante, falta de motivação dos quadros, falta de gestão, de financiamento, entre outras que a leitura dos textos pode complementar; tudo isso em meio a um saudosismo melancólico. E ainda que as condições de partida importem, o que mais releva é a qualidade do diagnóstico, de fundamental importância para delinear não apenas os prognósticos - eventuais futuros rumos -, mas sobretudo para estabelecer os objetivos, as metas e identificar as estratégias, bem como as melhores formas para implementá-las à luz das condições, como é o caso da união em torno de uma forte liderança. Erros no diagnóstico, com grande probabilidade, poderão comprometer o sucesso do empreendimento.

Isso posto, uma das primeiras questões levantadas foi: as fontes de consultas majoritariamente utilizadas pelos autores-pesquisadores-maçons, tendo como amostra o estudo de Pinheiro (op. cit.), poderiam, de algum modo, ter incorporado algum viés na formulação do diagnóstico e nos seus desdobramentos? Encetada a pesquisa bibliográfica com o intuito a respondê-la, outras questões emergiram.

Para responder à primeira questão, ao acervo já disponível os autores reuniram novas fontes submetidas à seguinte condição: a autoria não poderia ser de maçons; todavia, considerando que algum autor masculino poderia ser Iniciado mas não ter se identificado como tal, optou-se por privilegiar os textos de autoria exclusivamente feminina, o que de imediato remeteu à produção intelectual proveniente da Academia – teses, disserta-

ções, trabalhos de conclusão de curso e os seus desdobramentos na forma de artigos. Para que se tenha mais claro a inversão promovida, um dos textos utilizados neste trabalho, a tese de Colussi (1998), logrou somente uma citação na amostra de Pinheiro (op. cit.), a mesma frequência de uma das fontes utilizadas pela pesquisadora, e reconhecida de grande relevância na área, a dissertação de Alexandre M. Barata⁴ que, segundo a autora, à época o “único estudo acadêmico específico sobre a maçonaria brasileira”. De imediato, quase que de modo inconsciente, surgiu uma curiosidade, mas não uma nova questão de pesquisa: haveria alguma particularidade na visão feminina acerca da Maçonaria?

E em que pese a Maçonaria estar presente no Brasil já há mais de 2 (dois) séculos, enquanto objeto de estudo nas Universidades ela ainda é recente, o que sinaliza não só para a existência de um amplo e fértil campo para o desenvolvimento de estudos e pesquisas, como também para a formação de parcerias individuais ou institucionais – Lojas, Potências e Federações. Ademais, como subproduto inesperado, foram identificados periódicos que embora não tenham como foco específico o trato de temas maçônicos, são receptivos à avaliação e publicação de textos porque a Maçonaria, como subtema de interesse, encontra-se ao abrigo de grandes áreas como é o caso da História, das Ciências Sociais, das Ciências Políticas e outras; e com uma vantagem sobre as publicações maçônicas: enquanto estas resistem à publicação de textos com mais de 5 páginas, e raramente se entre 10/15, aquelas, em razão dos critérios de avaliação, são mais flexíveis e receptivas aos textos maiores. Ademais, enquanto na literatura maçônica é raro encontrar trabalhos que reportem as iniciativas assistenciais e filantrópicas da Ordem, a literatura acadêmica, em rápida pesquisa disponibilizou o de Alves (2023) e o de Silva e Monteiro (2018). Finalmente, a Ordem parece ainda não ter se dado conta ou, se é ciente não tem interesse: a abertura para a Academia ampliaria as suas conexões com a sociedade, levaria o tema Maçonaria a ser conhecido e debatido em outros ambientes e pelos mais diversos públicos, não maçons, como se verifica nos Congressos, nos Seminários, nas Amstras Técnicas, Científicas e Profissionais (nacionais e internacionais).

E para que se tenha uma ideia (insuspeita) da importância dos trabalhos acadêmicos como fontes de pesquisa para a Maçonaria, 2 (duas) citações de Costa (1998, 2001) extraídas da coletânea de textos reunidos em “A Trolha na Universidade”:

⁴ “Luzes e sombras: a ação dos pedreiros-livres brasileiros (1870-1910)”, Universidade Federal Fluminense, 1992.

Procurar conciliar os estudos maçônicos com o **método** acadêmico, tem sido a nossa maior preocupação nestes dois anos de publicações. Preocupa-nos os “achismos”, assim como a falta de hermenêutica com relação aos textos que procuram historiar a Maçonaria. No lugar da interpretação, temos adornos sem maiores significados (1998, p. 85).

O exemplo mais dramático foi o conjunto de toda uma literatura a respeito da participação maçônica na Conjuração Mineira. Isto faz com que a história maçônica se pareça com ficção sem o **método** que nos permita fazer a ficção se transformar em história (1998, p. 91).

Conforme pode ser observado, a maior preocupação de Costa diz respeito à utilização do método (científico) enquanto ferramenta para dar sustentação (validade, credibilidade, continuidade, avanço no estado da arte, etc.) aos textos maçônicos, sem o que não passam de ficção, não raro na forma de manifestações apaixonadas; em linguagem mais contemporânea: textos de maçons para maçons, todos dentro da mesma bolha, daí o mútuo encantamento. Infelizmente essa realidade não é exclusiva do Brasil como se depreende das palavras introdutórias de Cooper ao seu próprio livro:

Escritores modernos sobre a Francomaçonomia frequentemente reivindicam algum tipo de visão exclusiva sobre a Ordem, que ninguém ofereceu anteriormente. Na verdade, esse é o caso raro, e muitos desses autores meramente reproduzem ideias oferecidas por gerações anteriores de escritores sobre o assunto. Não tenho dúvidas de que todos eles adicionaram seus estilos pessoais, mas raramente qualquer uma das últimas teorias sobre a Francomaçonomia é verdadeiramente original. Essa é uma das razões de a Ordem não ser amplamente estudada no mundo acadêmico, no qual é considerada um tema estranho. E isto é triste, porque, como foi demonstrado pelo professor David Stevenson, a Francomaçonomia como um fenômeno cultural e social tem muito a oferecer ao estudante de História (COOPER, 2009, p. 15-6).

Essa realidade não passou despercebida aos olhos de Colussi (op. cit.) que, então, descreveu 3 (três) conjuntos historiográficos:

1. o composto de obras com teor de uso interno da Ordem (administração, doutrina, simbolismo, etc.);
2. o constituído de obras relacionadas com a história

da maçonaria, escritas por historiadores descomprometidos ideologicamente com a instituição; e,

3. aquele que reúne historiadores preocupados com a história da maçonaria em razão de um comprometimento ou engajamento ideológico favorável ou contrário à instituição.

São notáveis as diferenças (abordagem, argumentação, fundamentação, fontes e referências, discussão, análise crítica, autocrítica, reconhecimento de que determinado fenômeno ainda é uma conjectura e que merece mais estudos, etc.) entre os três conjuntos quando o(s) autor(es) emprega(m) o método científico:

1. a título de ilustração, logo de pronto Cooper (2009, p. 15) avisa: “[...] vivo e trabalho na Escócia como franco-maçom “profissional””; um efetivo alerta para que o leitor tenha em consideração esta condição pessoal ao apreciar cada juízo encontrado no texto que inicia – um caso raro de sinceridade e honestidade intelectual, pois poucos declaram os seus comprometimentos. Não obstante, o se segue é uma dissertação repleta de citações, fontes, diálogos com os autores, discussões de alternativas e a indicação de fartas referências caso o leitor deseje esclarecer ou aprofundar sobre este ou aquele tópico abordado; portanto, um representante do grupo (1). Entre os autores nacionais, cabe menção aos trabalhos desenvolvidos por Ismail (2021) e Castellani (2000, 1989);
2. já Stevenson (2009, p. 11), em que pese a declarar “não sou maçom, nem pretendo ser”, segue estrutura análoga a de Cooper, pelo que pode ser considerado um representante do grupo (2); e, por fim,
3. Rizzardo da Camino, um dos mais aclamados autores nacionais, pode ser tomado como representante do grupo (3) a partir da amostra ora consultada porque a única disponível (2013, 2011, 2007, 2007a). De regra inexistente argumentação, princípio-meio-fim, proliferam coletâneas de frases ou períodos desconectados, algo que se aproxima dos aforismos típicos das reflexões sobre a ética no período pré-socrático. O leitor leigo (não-Iniciado) não consegue distinguir as vastas citações (certamente dos rituais e provavelmente de outros textos) porque elas não estão devidamente destacadas; assim, também não consegue distinguir quando é o autor (Rizzardo) que se pronuncia e se posiciona ou quando dialoga (para contestar ou corroborar) com as fontes consultadas, as quais, por sua vez, também não estão referenciadas. Ao leitor desavisado – um curioso ou estudioso, “marinheiro de primeira viagem” – tudo se passa como se toda a produção intelectual que tem em mãos fosse fruto de uma só mente, a do

autor, o que não é justo e tampouco perfeito.⁵ Por oportuno, cabe esclarecer: nada impede e tampouco é incorreto que um autor relate e exponha a sua visão pessoal sobre o fenômeno em tela, mas isto deve ficar absolutamente claro, bem como os termos (foi um sonho, são as expectativas do autor, tem amparo nas suas crenças, na sua vivência, etc.) a fim de que o leitor possa decidir pelo uso ou não da respectiva informação também em razão da sua representatividade.

O leitor-pesquisador deve, pois, ficar atento às fontes consultadas, notadamente as obras enquadradas no terceiro grupo, pois as análises tendem a ser ideologicamente comprometidas (francamente a favor ou visceralmente contrárias), eventualmente distorcidas porque subtraídas ou adicionadas de elementos estranhos aos fatos, razão pela qual são reconhecidas como “obras de caráter simplista, fantasioso e caricatural”, não obstante, são as preferidas por muitos.

A realidade do estudo e da pesquisa maçônica no Brasil deveria ser merecedora de maior atenção. Ismail (2017, p. 155) em estudo sobre a geração de maçons da segunda metade do séc. XX, concluiu que:

de forma geral: têm pouca escolaridade; sem cultura de estudo, estudam pouco a Maçonaria; sem hábito de leitura, muito do que sabem sobre a Ordem é de “ouvi falar”; e mesmo a parcela que desenvolveu o hábito de leitura, sem um conhecimento acadêmico básico, consumiram, principalmente, livros sem qualquer fundamento ou referências; eles vivem maçonicamente do “passado glorioso” da Ordem, incluindo a crença de que Tiradentes era Maçom, dentre outras [...]

Qual seja, o maçom tipo brasileiro é consumidor dos produtos que na classificação de Colussi se encontram no grupo (3). E se desde então ocorreram mudanças, elas ainda não foram clara e indiscutivelmente detectadas por novos estudos e pesquisas. Assim, em meio a esse cenário há ainda o risco referido no trabalho de Pinheiro (2021a), cujo título é autoexplicativo quanto ao teor, “O Homem (maçom) de um Livro Só”, e de onde se extrai a seguinte citação: “Há quem diga que um pouco de conhecimento é mais perigoso do que nenhum, porque quem sabe um pouco não sabe o bastante para saber que só sabe um pouco”. São inúmeras as consequências, em geral adversas, tanto pessoais quanto para a Ordem, do leitor de um único livro; todavia, são essas as condições de fundo e em meio as quais a Maçonaria

tem formado os Mestres orientadores (Luzes) dos seus Aprendizes e Companheiros. E de outro lado, o inverso (o acúmulo de leituras) tende a ser um diferencial positivo, e também tanto para os indivíduos quanto para a Ordem.

Mas por que essa enfática defesa do texto-pesquisa “padrão acadêmico”? Em primeiro lugar porque os autores (quando estudantes – graduandos, mestrandos ou doutorandos) são treinados no chamado “método científico”; em segundo, porque orientados e supervisionados por pelo menos um profissional de graduação superior à sua (se graduando, por um Especialista ou Mestre; se mestrando ou doutorando, por um Doutor ou Pós-Doutor); em terceiro, porque para ser aprovado, previamente necessita ser escrutinado por examinadores de grau superior (ou mais experientes) do que o do(s) orientador(es); finalmente, se veiculado em um periódico ou apresentado em Congressos e afins – pelo que constarão dos anais –, é porque foi submetido a mais uma Comissão de Avaliação, as quais habitualmente obedecem ao critério double-blind peer review para evitar que questões pessoais (de afeto ou desafeto) interfiram no processo de avaliação e seleção. Tudo isso assegura “qualidade 100%”? Se é certo que não, também certamente é melhor do que a ausência de filtros, critérios e transparência, bem como tende a evitar os posicionamentos aprioristicamente definidos e pelos mais diversos motivos, a favor ou contra, pois antes e acima de tudo o que se objetiva são contribuições e conclusões fundamentadas.

Feitas essas considerações preliminares em defesa da importância da abordagem acadêmica-científica nos estudos em geral e nos relativos à Ordem em particular, bem como quanto à motivação, à questão de pesquisa e a estratégia justificada dos autores, o objetivo principal deste trabalho foi o de avaliar se as diferenças provenientes das fontes consultadas (livros vs periódicos acadêmicos, Iniciados vs não-Iniciados e gênero da autoria) são potentes o suficiente para criar percepções capazes de alterar a primeira etapa dos estudos prospectivos: a formulação do diagnóstico – a visão do ambiente, de si mesmo (no caso, da Maçonaria), das suas forças, fraquezas e das suas relações com os demais agentes.

Conforme já sugerido, entende-se que essa é uma questão fulcral para as proposições e os encaminhamentos subsequentes. À guisa de contraponto, como “grupo de controle” às percepções das pesquisadoras, sugere-se a leitura dos textos selecionados a partir do Edital I do Concurso Literário da CMSB (MORAIS, 2020). Note-se que a proposta transita pelo confronto das per-

⁵ Em outros termos: plágio.

cepções provenientes de duas fontes (“grupo de controle” vs pesquisadoras) e como estas repercutem na formulação dos diagnósticos indispensáveis às formulações prospectivas.

Admitindo-se que determinadas afirmações são lugares-comuns na Maçonaria, o que a seguir se destaca, em razão da natureza e dos objetivos do próprio estudo, são as manifestações das fontes consultadas, especialmente quando contrárias ao senso hegemônico na Ordem.

Na sequência, alguns tópicos que, acredita-se, permitirão ao leitor formar juízo acerca, entre outras, das questões levantadas.

2. A Fraternidade Fraturada

Em brevíssima retrospectiva histórica, já nos anos imediatamente após o surgimento da Maçonaria Moderna surge a primeira grande divisão – vá lá, se não foi divisão, como afirmado por alguns, uma nova vertente, o que em nada difere porque o resultado se assemelha: a quebra da unidade pretendida pela Grande Loja Mãe. Se a explosão e a fragmentação dos Ritos, seguida da expansão continental da Maçonaria, de um lado correspondeu à expansão da Ordem, do outro trouxe uma nova ordem à divisão que não chegou, posteriormente, a ser eliminada a partir da união dos Antigos com os Modernos. Hoje, grandes escolas de maçonaria são consideradas irregulares não por deficiências, limitações ou impropriedades, mas simplesmente pelo afastamento da ortodoxia emanada (imposta?) pela Grande Loja Mãe; por vezes decisões meramente políticas passíveis de reversão ao sabor dos interesses e das conveniências.

A Maçonaria brasileira não foge à regra: a matriz francesa antecedeu a vertente portuguesa – a do colonizador –, assim, esta teve que disputar espaços com aquela, de modo que desde a origem não se observa a unidade. No período do Império a divisão estava presente no seio das Lojas, ora pela presença dos republicanos que se opunham aos monarquistas, mas também do grupo dos abolicionistas que antagonizavam os escravocratas, mais adiante, a divisão maior: o Grande Oriente do Lavradio vs o Grande Oriente dos Beneditinos. A questão do Grande Oriente do Brasil vs Supremo Conselho, que já estava em gestação, eclodiu em 1927 e trouxe nova dissidência – o surgimento das Grandes Lojas Estaduais; e em 1973 uma nova crise deu origem aos Grandes Orientes Independentes. Resulta que a maçonaria brasileira, junto à comunidade internacional, hoje é uma instituição singular.

Sempre será possível encontrar exceções; todavia, e de regra, no imaginário de muitos autores nacio-

nais a Maçonaria é uma sólida organização monolítica, o que, por consequência, lhe conferiria poder e influência desde idos tempos. Assim, os diagnósticos, as propostas e as estratégias são elaboradas como se passíveis de aplicação extensiva a toda capilaridade organizacional porque submetida a um comando único. Embora todos saibam que não é e nunca foi assim, os discursos e as propostas sugerem o oposto.

A realidade, entretanto, aponta para a diversidade política, social e religiosa como marcas no interior da Organização; Colussi (op. cit.) é categórica: “[...] sobressaiu-se a tendência permanente de cisões no seio da maçonaria, não se podendo falar de uma *única* maçonaria brasileira”, conclusão também endossada por Francisco (2022, p. 2) que, da primeira destaca: “a homogeneidade da instituição e de seus integrantes foram muito mais frutos da própria difusão da literatura maçônica e antimaçônica do que de estudos acadêmicos específicos”. Maçons que escrevem para maçons e que têm por base a literatura maçônica, autorreferente, criam narrativas ilusórias de uma unidade inexistente. Isso, em última análise, decorre da falta do método (científico) referido por Costa (op. cit.). Ademais, Colussi esclarece que o que em meio à diversidade ainda conferia homogeneidade ao grupo maçônico era a defesa de princípios genéricos do liberalismo e do cientificismo, aspecto este que também criava um inimigo comum: a Igreja católica.

E considerando que na origem deste texto se encontram as reflexões prospectivas, cabe então a pergunta: qual a atualidade dessas bandeiras no estado laico, democrático e de direito, como é o caso do Brasil contemporâneo? É verdade que nem uma conquista pode ser assegurada como definitiva, o que então demanda esforços para a manutenção, pois por vezes em um átimo (em uma eleição, em uma legislatura ou ciclo de governo) ocorrem retrocessos e tudo pode ser posto a perder; mas teriam elas (as bandeiras) a mesma força aglutinadora apresentada no passado? Assim, em complemento: na atualidade, quais são as bandeiras que, se não unificam, poderiam catalisar a reunião dos esforços dos Irmãos?

Portanto, tudo aponta para a cizânia, não obstante, reitera-se, os planos são traçados como se unidade e universalidade houvesse. Enquanto Colussi estudou a realidade gaúcha, Francisco se deteve sobre o ambiente paulista, mas ambas constataram a presença de grandes diferenças internas à Ordem. A primeira salienta as diversidades regionais:

Chamou a atenção também, e esse tema mereceria também um estudo específico, a

receptividade da instituição maçônica nas regiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul. O número de lojas maçônicas que realizavam seus trabalhos em língua alemã foi muito superior ao daquelas lojas que trabalhavam em língua italiana ou que eram formadas por italianos e descendentes. Imigrantes alemães ou descendentes de maioria protestante estiveram, assim, mais próximos do discurso liberal maçônico; em oposição, no caso dos italianos e seus descendentes, entre os quais o catolicismo predominou, a maçonaria enfrentou muitas dificuldades.

Já a segunda, ressalta o ambiente *interna corporis* a partir da realidade encontrada em duas Lojas "tipo", pois exerceram influência sobre outras:

Pertencentes a obediências diferentes, as Lojas Piratininga e América trataram o tema da abolição de formas distintas: a Piratininga envolveu os setores mais conservadores e escravistas na sua loja, enquanto a América contou com a participação de integrantes mais progressistas, parte deles com envolvimento direto com o movimento abolicionista (FRANCISCO, 2022, p. 3).

Prevaleceu na loja Piratininga [vinculada ao Grande Oriente do Vale do Lavradio] a presença de maçons escravocratas, posição ideológica que prevaleceu notadamente e foi registrada nas atas maçônicas. Por diversas vezes, a discussão levantada sobre a iniciativa de barrar a entrada de maçons escravistas na organização foi vedada. Em contrapartida, a loja América, vinculada à ordem dos Beneditinos, considerada mais liberal, envolveu maçons preocupados com as questões sociais e políticas correntes fora do círculo maçônico (*op. cit.*, p. 5).

Dessarte e em primeiro lugar, ao invés de difundir e celebrar o papel pró-abolicionista da Maçonaria, tão típico dos autores (independentemente se maçons) comprometidos e engajados – criadores de ficção –, o mais justo e perfeito é referir que a luta social e política que havia no seu entorno, também ocorreu internamente à Ordem, das Potências às Lojas. Situação análoga, mas sobre a qual não se adentrará em detalhes, se verifica quando analisados os posicionamentos políticos: Conservadores (monarquistas) vs Republicanos (liberais) ainda que admitidas combinações matizadas. Fica patente também, contrariamente ao discurso oficial e às

Constituições de Anderson, a efervescência política no seio da Maçonaria. Incoerências internas?

Em estudo sobre um período mais recente da História brasileira, Alméri (2007, p. 45) constatou que a fragmentação só adquirira novas formas e motivações:

Apesar do formal apoio à ditadura e da não existência de perseguições explícitas à instituição maçônica, alguns homens da Maçonaria, dessa época, como o secretário da cultura, sofreram pressões do grupo, foram denunciados pela própria Ordem e julgados como "pessoas de esquerda", portanto inadequados a pertencerem à Maçonaria. Fica, consequentemente, claro que a Maçonaria como Instituição apoiou a ditadura militar formalmente, como será visto a seguir; porém, isso não quer dizer que todos os membros da Maçonaria tinham uma opinião unânime.

Por oportuno, achados de pesquisa semelhantes aos de Alméri podem ser encontrados também em Ismail (2017, 2021); em comum a ambos, o recurso às fontes documentais e acessíveis - uma imposição do método.

Independentemente de alguma pesquisa formal e estruturada, será que passadas as duas últimas campanhas para as eleições presidenciais no Brasil é possível ainda haver dúvidas quanto às divisões existentes na Maçonaria, a mais evidente a distribuição dos seus quadros ao longo do espectro político e com representantes (bem) posicionados nos extremos? É concebível, só porque a Loja está aberta, que os Irmãos fiquem ao largo dos acirrados debates do entorno que opõem os criacionistas aos evolucionistas (versão atualizada da fé vs ciência – matéria que repercute na educação dos filhos), notadamente em um país católico (pelo menos na formalidade estatística)?

A bem da verdade não surpreendem as divisões internas à Ordem, mas antes a crença difundida, explícita ou tacitamente, como se ela unitária fosse. Essas são apenas algumas das questões que atualizam e mantêm em xeque a problemática da unidade maçônica, ora visto como ponto fulcral às considerações que organizam, desde as bases históricas, os delineamentos dos planos para o futuro.

Em segundo lugar, é razoável depreender das entrelinhas das citações que as amostras analisadas pelas pesquisadoras⁶ obedeciam a uma estratégia (se deliberada ou emergente é questão em aberto) para a indicação e a seleção de novos quadros, sem o que não teri-

⁶ Colussi e Francisco, mais esta do que aquela.

am reunidos pessoas tão afins em cada grupo. Resultado: maior unidade interna, maior facilidade de reunião e cooperação de esforços no sentido ao objetivo comum (e isto é importante: o texto sugere que as Lojas possuíam objetivos bem definidos, o que levava aos compromettimentos individuais) e, não menos importante, é provável que o nível de conflitos (tão ressaltados nos estudos contemporâneos) fosse menor. Quantas Lojas, hoje, têm claro os seus objetivos, estratégias e ações alinhadas para, por exemplo, evitar o tão propalado conflito de gerações? Ou vige a indicação por amizade, ou ainda para a formação de grupos de apoios ao(s) “Dono(s) da Loja”?

Como foi dado a notar, a perspectiva das autoras, no que tange à unidade, difere da tradicional literatura maçônica que, reitera-se, ora tem como amostra o levantamento de Pinheiro (2023). Ocorre que é essa tradicional literatura maçônica (difundida nos livros) que, de regra, subsidia os planos, as decisões, os projetos e as iniciativas em curso.

3. Referências, Homenageados ou Alianças Estratégicas?

Por oportuno, resgata-se, em parte, a citação de Ismail (2017, p. 155): “[...] eles vivem maçonicamente do “passado glorioso” da Ordem, incluindo a crença de que Tiradentes era Maçom, dentre outras”. A referência ao passado glorioso, de hábito, traz associada, senão heróis, figuras notáveis, como é o caso de Tiradentes citado pelo autor, não obstante inexistas evidências empíricas (registros) que comprovem a condição de maçom do herói e mártir da Inconfidência. Algo diferente, mas semelhante no propósito, é o caso de Voltaire, cuja condição de maçom é sempre exaltada; entretanto, em recentemente análise, Pinheiro e Rocha (2023) chamaram a atenção para o fato de que a Iniciação de Voltaire foi, antes e acima de tudo, uma homenagem, pois a sua vida, obra e legado nada têm a ver com a Maçonaria, sem falar que sob determinados aspectos a homenagem chega mesmo a ser questionável.

Já os gaúchos, anualmente e durante os festejos em celebração à Revolução Farroupilha prestam homenagens ao General Bento Gonçalves, maçom-comandante dos revolucionários. Entretanto, Colussi esclarece que

Em relação à primeira fase, a que coincide com o decênio farroupilha, entendemos que não existiu uma relação direta entre maçonaria e Revolução Farroupilha. Acreditamos, sim, que as origens do movimento maçônico

no Rio Grande do Sul estiveram, de fato, vinculadas à difusão embrionária do pensamento liberal nessa parte do país. A primeira loja maçônica foi organizada a partir de um gabinete de leitura, o Continentino, espalhando-se depois para os principais centros urbanos do período [...] Durante a fase farroupilha, a maçonaria gaúcha dava seus primeiros passos, por isso ele não pode ter sido um agente influenciador da revolução; ao contrário, a revolução atrasou em muito a organização da instituição no Rio Grande. Desse modo, a presença de maçons entre os líderes farrapos não é argumento suficiente para estabelecer um vínculo entre a instituição e o movimento farroupilhas, isso por duas razões: a primeira, pelo fato de existirem maçons farrapos e maçons legalistas; segundo, por terem algumas lideranças farroupilha sido iniciadas na Ordem nos anos finais do conflito, o que impossibilitaria uma influência maçônica anterior à eclosão da revolução. Foi somente no período posterior ao final da revolução que a instituição encontrou condições para uma efetiva e mais permanente expansão no Rio Grande do Sul.

As ponderações da autora, certamente, vão de encontro ao *mainstream* da literatura e da cultura maçônica,⁷ habituada a associar e amplamente divulgar os eventos julgados positivos à sua conveniência, comportamento compreensível desde que não contrarie a realidade histórica documentada.

Ademais, não se pode perder de vista que as celebrações das façanhas farroupilhas só vieram a acontecer após o êxito da Proclamação da República; assim, por quase meio século a história farroupilha foi mantida em ostracismo, e não poderia ser diferente pois, afinal, os revoltosos contra o Império foram os derrotados – a historiografia mais romantizada prefere a expressão “paz honrosa”, largamente referida. A chegada da República, cujos ideais em parte correspondiam ao dos Farroupilhas, possibilitou, então, o revisionismo histórico que, hoje, beira à ficção, como é o caso da cidade de Porto Alegre, cujo brasão ostenta a frase: “Leal e Valerosa Cidade de Porto Alegre” - título que D. Pedro II do Brasil, em 1841, outorgou a Porto Alegre pela sua constância e fidelidade ao trono brasileiro durante a Revolução Farroupilha. As citações abaixo não deixam margem a dúvidas:

Se entre os revolucionários muitos obedeceram às inspirações das ideias federativas e,

⁷ De regra, a do tipo “grupo 3” conforme a tipologia apresentada.

mesmo, republicanas, e pelas quais esperavam lutar, é certo que a maioria se contentava em derrubar o presidente da Província e o comandante das Armas, substituindo-os por homens mais esclarecidos e tolerantes. É esse o pensamento transparente no manifesto de Bento Gonçalves. Depois a revolução tomou outros caminhos [...] (FERREIRA FILHO, 1965, p. 77).

Os fatos históricos se juntaram à ficção, e o episódio passou a ser narrado conforme a conotação político-ideológica de cada época. Com o passar do tempo, os farrapos começaram a ser reverenciados como heróis, o que perdura até hoje [...] Na época, o termo gaúcho era pejorativo, designava os gaudérios que vagavam pela Província [...] (URBIM, 2003, p. 171).

Já em relação a Luiz Gama, celebrado maçom-abolicionista, Francisco (2022a, p. 7) informa que:

Além disso, vale ressaltar que o trabalho realizado nos tribunais por Luiz Gama já era praticado pelo abolicionista antes da criação da Loja América. Desde 1865 [a Loja foi instalada em 1868], o abolicionista já oferecia gratuitamente seus serviços de advogado provisionado aos africanos ilegalmente escravizados, ser-vindo, ao mesmo tempo, de intermediário nas transações nos processos de alforriamento, agenciando os menores preços a fim de beneficiar os cativos no encaminhamento da liberdade.

O mais adequado seria, pois, afirmar que o abolicionista foi convidado a ser maçom, a integrar os quadros de uma Loja já comprometida com a causa.⁸ E, com efeito, desde que ingressou na América, a ampla rede de apoio interno, somada a de proteção aos libertos (que também contava com o auxílio externo), possibilitaram a Luiz Gama ampliar o espectro e o impacto da sua atuação. Assim, “Luiz Gama soube articular como ninguém os seus interesses abolicionistas e republicanos com seus compromissos maçônicos na Loja América, na qual figurava desde 1870”. (op. cit., p. 26) De qualquer modo, nesse caso parece ter havido uma efetiva relação simbiótica-pragmática, uma aliança estratégica porém distante de qualquer ensinamento, apreciação e extensão simbólica ou doutrinária exclusivas à Ordem.

Ademais, a autora (FRANCISCO, 2022, p. 7) informa que:

Os estudantes formavam um grupo bastante representativo, mas que estava sempre de passagem pelas lojas maçônicas da cidade de São Paulo. Muitos alunos iniciados durante o curso de Direito partiam para suas cidades de origem após concluírem o bacharelado. Joaquim Nabuco e Rui Barbosa são exemplos de maçons iniciados quando frequentavam a faculdade e que acabaram abandonando a organização maçônica. Joaquim Nabuco, nascido em Recife, mudou-se para a cidade de São Paulo em 1866 para cursar Direito, permanecendo no local até 1870. Nesse intervalo de tempo, o abolicionista foi iniciado na Loja América, em 1º de abril de 1869, afastou-se da maçonaria em decorrência de seu retorno a Pernambuco, no ano seguinte. Em sua terra natal, Nabuco concluiu o bacharelado na Faculdade de Direito de Recife e “adormeceu em loja”. Caso semelhante ocorreu com o baiano Rui Barbosa. O estudante cursou os dois primeiros anos (1866-1867) em Recife, mudando-se depois para São Paulo para concluir o curso jurídico. Em 1º de julho de 1869, tornou-se maçom da Loja América, mas, no ano seguinte, após a formatura, desligou-se da organização, regressando à Bahia. Barbosa, contudo, não se reintegrou à maçonaria.

Ambos, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, figuram em todas as listas de maçons famosos, notadamente quando pretendido ressaltar o que Ismail denominou de “passado glorioso”; todavia, à luz das citações acima e, a bem da verdade, não têm correspondência histórica no que tange ao papel e à grandiosidade que se pretende, por associação, conferir à Ordem e, por extensão, aos seus quadros.

E Castellani (2000, p. 3) sintetiza o papel da Ordem nos dois grandes eventos:

O que é importante destacar é que, conforme mostra uma farta documentação, só agora resgatada, o Grande Oriente do Brasil, como instituição, não participou das campanhas da abolição da escravatura e da implantação da República. Essa participação foi de Lojas e de maçons, que se empenharam em ambas as campanhas, sob a égide e os princípios da instituição, mas sem que esta tomasse, oficialmente, partido, como aconteceu em 1822, por ocasião da independência do Brasil.

⁸ A autora esclarece que há indícios de que ele tenha sido Iniciado antes, em outra Loja.

Finalmente, a manifestação de Alméri (2007, p. 38):

Cabe aqui uma indagação: se José Bonifácio e D. Pedro não fossem maçons, realizariam a proclamação da independência do Brasil? Certamente. Mesmo a Maçonaria não existindo, a Proclamação da Independência teria sido realizada; provavelmente ela seria uma pouco diferente do que foi, mas, pela comparação com acontecimentos históricos em outros países que possuem estruturas semelhantes a do Brasil, torna-se possível analisar e constatar que as proclamações foram uma tendência que obedeceram a estruturas políticas, econômicas e sociais.

O conjunto de citações suscitam reflexões: primeiro, no sentido à humildade (valor-virtude tão caro à Ordem) quanto ao efetivo papel e densidade histórica da Maçonaria nos mais diversos acontecimentos; segundo, porque claramente a escolha e a difusão dos heróis (arquitetos do “passado glorioso”) sugere casuismo – não se alarde, por exemplo, à condição de maçons dos ex-presidentes Jânio da S. Quadros e H. Castelo Branco; fossem outras as circunstâncias políticas-ideológicas seriam lembradas as respectivas condições de maçons?

Não obstante esses fatos, largamente documentados, muitos escritores, notadamente maçons, persistem em contribuir, sem as devidas ressalvas, para o imaginário do “passado glorioso”, bem como alimentam expectativas de que ele venha a ser resgatado e quiçá revigorado.

Mas qual a relevância de, hoje, trazer à exata medida esses fatos? Em primeiro lugar, resgatar a verdade dos fatos. Em segundo, chamar a atenção, dos estrategistas da Ordem, para os novos tempos, aonde uma das principais características é a disponibilidade e o acesso amplo e irrestrito às informações. E em terceiro, como corolário das anteriores, é a expectativa de que o cidadão médio, eventual candidato à Fraternidade, seja bem mais informado do que o maçom dos séculos XIX e XX, bem como também daquele retratado por Ismail. Portanto, é de esperar que tanto os novos, quanto dentre antigos, os estudiosos, todos se sintam desapontados quando se defrontarem com as contradições internas à Ordem; afinal, do maçom também se diz que é um buscador da verdade (PINHEIRO, 2021).

Aos neófitos e aos desatentos (“O Homem (maçom) de um Livro Só”) as incoerências e mesmo as contradições podem escapar (o que dizer, por exemplo, da Maçonaria Prince Hall?),⁹ mas quando a Ordem é dada a conhecer mais a fundo e desde dentro, cresce aos olhos mais atentos e desapaixonados, a visão crítica que não escapa ao olhar dos que a analisam desde fora. À citação anterior de Alméri, e ora em parte reproduzida (“[...] sofreram pressões do grupo, foram denunciados pela própria Ordem e julgados como ‘pessoas de esquerda’, portanto inadequados a pertencerem à Maçonaria”), devem ser acrescidas as seguintes linhas:

Logo que se constataram as reais intenções dos militares, várias camadas populacionais voltaram-se contra as atuações autoritárias, porém isso não ocorreu com a Maçonaria. Ela continuava a elaborar ofícios que consentiam as atuações decorrentes naquele momento [...] O grande problema era que a própria instituição servia de chave para apontar ao governo maçons que possuíam um pensamento que se divergia do aceito no momento [...] de apoio a uma situação governamental que contraria os seus princípios (ALMÉRI, *op. cit.*, p. 110).

Fugiria ao escopo do trabalho o aprofundamento de determinadas questões, mas a oportunidade convida trazê-las à reflexão: hoje, como pode Ordem falar em fraternidade, liberdade de expressão e busca da verdade sem trazer à luz, debater e esclarecer o passado de traições aos princípios e aos quadros?

E mais uma vez se torna imperativo perguntar e ressaltar: por que Ismail, um Iniciado, e Alméri, uma acadêmica “profana”, chegaram a conclusões tão semelhantes entre si quanto diferentes das de outros tantos autores maçons? Por hipótese, em razão do recurso ao método acadêmico-científico (analítico-crítico-documentado) ao invés do mero automatismo da reprodução de ideias cegas pela visão apaixonada ou comprometida ideologicamente.

É preciso, pois, evitar que a realidade factual esteja submetida, como chama a atenção Urbim, à “conotação político-ideológica de cada época”, cujo limite, que levaria ao duplificar orwelliano (ORWELL, 2005), parece estar cada vez mais próximo no chamado mundo profano. Em suma, em resposta à crise da (e na) Maçonaria é preciso antes refletir e atuar sobre os fundamentos, os

⁹ Na mesma linha, segue-se que: “Em 1873, um grupo formado por maçons, que se apresentava como dissidente do Grande Oriente do Brasil, do vale do Lavradio, colocou em circulação o periódico A Semana Maçônica, com o intuito de manifestar seu descontentamento ante as iniciações, que consideravam sistemáticas, de indivíduos oriundos das camadas menos abastadas da sociedade” (FRANCISCO, 2022, p. 18).

princípios, atitudes e comportamentos com vistas a se antecipar aos homens que um dia acordarão e concordarão com a criança: “Coitado do rei, está nu! O rei está nu!”

4. O Dinamismo do Contexto

Além da questão já levantada acerca de quais são as bandeiras atualmente defendidas pela Maçonaria (ou maçonarias?), é por demais importante considerar o contexto ampliado e com o devido recorte (Loja, Potência, Obediência, unidade federada ou Estado). Embora muito se fale, acertadamente, que a Ordem em essência é conservadora, a mera passagem da fase Operativa à Especulativa é, em si mesma, reveladora da capacidade e da plasticidade necessárias à adequação aos novos tempos e à espera de líderes catalisadores cujos interesses, senão necessariamente idênticos, convergentes no que é relevante para constituir a massa crítica. A explosão dos Ritos segue a mesma linha, enquanto que a sobrevivência de relativamente poucos sugere a existência de mecanismos (deliberados ou espontâneos) de seleção natural. É necessário, pois, estar receptivo às mudanças, sensível ao *zeitgeist*.

Da seção anterior restou claro que é mais adequado referir às maçonarias ao invés de à Maçonaria, bem como que o chamado “passado glorioso” deve ser, pelo menos em parte, relativizado. Que outras considerações podem ser tecidas se o intuito é qualificar o diagnóstico, a partir da análise do passado e do presente com vistas a subsidiar os estudos prospectivos? No ambiente contemporâneo, qual é o efetivo espaço que cabe à Maçonaria e, neste perímetro, a missão institucional que efetivamente vem desempenhando? Ademais, quais são os agentes relevantes, os jogos de interesses (de onde virão as resistências, quais os possíveis aliados), as forças (os recursos) e as fraquezas de cada um, as tendências (tecnológicas, valores, usos e costumes, etc.) quando os olhares se projetam para o futuro?

Francisco (2022a), por exemplo, sublinha a importância e a grande contribuição da imprensa - à época impressa, pulverizada, com alcance restrito e geograficamente bem delimitado - à luta abolicionista e através da qual a Maçonaria mantinha a sua imagem positivamente associada (no contexto da luta pelos direitos individuais e coletivos) junto à sociedade, daí a sua força. E hoje, em tempos de grandes grupos corporativos de mídias comprometidas com os mais diversos interesses geopolíticos-econômicos-culturais-usos e costumes, e em permanente e acirrada disputa de espaços nos corações e mentes do mercado secularizado, especialmente ilimitado e quantificado aos milhões, qual o papel e a relevância da imprensa para a Maçonaria? E se essa alia-

da foi perdida, quem teria ou poderia ocupar o seu lugar? E o que dizer das redes sociais e da sua capilaridade atuante em tempo real? Jogam a favor ou contra vis-à-vis à emergência dos novos valores, usos e costumes?

A mesma autora, mas já em Francisco (2022, p. 9) aponta que

Muitos estudantes acreditavam que ingressar na maçonaria poderia ser uma boa oportunidade para a construção de laços de proteção e uma possibilidade de alavancar suas carreiras após a formatura [...] A rede de influência construída em torno de Joaquim Ignácio Ramalho estabelecia uma ponte direta entre a Faculdade de Direito e a Loja Piratininga. Ramalho foi um personagem importante dentro da loja por ter assegurado a iniciação de muitos estudantes [...].

E na atualidade, que atrativos tem a Maçonaria para despertar o interesse dos jovens adultos, qual o *approach* e os argumentos para convencê-los? A Maçonaria, tanto por Colussi quanto por Francisco, foi considerada como um espaço de sociabilidade e relacionamentos capazes de “abrir portas” e alavancar oportunidades. E hoje, nesse aspecto, qual é o espaço para a atuação da Maçonaria à luz das novas profissões e competências exigidas no mercado de trabalho globalizado (que não opõe obstáculos, ao contrário, oferece estímulos à migração), bem como das formas de acesso que, exceto para os mais altos cargos, quase tudo passa, primeiro, por um filtro virtual-impessoal? Portanto, antes de se pensar em resgatar as glórias do passado é preciso avaliar se as condições que conferiram algum status e poder à Maçonaria ainda hoje se mantêm presentes; e se não mais, em que medida e como as mudanças afetam os planos para o futuro da Ordem.

As pesquisas de Colussi e Francisco trazem recortes e análises com elementos de perfil (profissão, faixa etária, estado civil, religião, etc.), mas para evitar que este texto se torne demasiado extenso sugere-se a leitura, na íntegra, das mesmas.

Ademais, mas ainda no âmbito do contexto, ao planejar o seu futuro, parece ser forçoso reconhecer que a Maçonaria hoje enfrenta inúmeros concorrentes, pois também no que tange ao que pode(ria) ofertar enquanto Escola Iniciática ela tem ficado muito aquém do seu passado e das expectativas que cria nos (ou “vende” para?) recém Iniciados; isto, s.m.j., devido ao efeito combinado dos problemas de “indicação-seleção” com os relativos à docência. Já há tempos, e a cada dia mais e mais, a Ordem toma distância das características de uma

efetiva organização iniciática, a começar pelas representações simbólicas, que se não aprendidas e apreendidas na essência, não passam de meras performances teatrais. Os trabalhos que sucedem as Instruções, bem como os debates que se seguem, quando ocorrem, e que deveriam ser pautados nas lições dos clássicos (afinal, é uma Ordem conservadora), sem prejuízo aos autores contemporâneos, de regra são pobres de conteúdo analítico-crítico como reflexos da falta de (estímulo à) leitura bem como, aos orientadores, das competências necessárias para estabelecer as pontes entre o simbolismo e a realidade cotidiana, como fazem, por exemplo, os padres durante as homilias; eis pois, pasmem, um dos primeiros concorrentes contemporâneos da Maçonaria – as Igrejas – frente aos indícios de um retorno ao misticismo e ao esoterismo. As lições, o entendimento e a exemplificação de muito do que deveria constar da docência maçônica hoje podem ser encontradas, com ganhos de qualidade e custo, inclusive com extensão ao voluntariado e à filantropia, em diversas plataformas de conteúdo, a exemplo da Nova Acrópole, da Casa do Saber, da Brasil Paralelo, entre outras para se restringir às mais conhecidas no âmbito nacional. Até mesmo como (mais) um simples espaço de sociabilidade, a Maçonaria contemporânea enfrenta novos e poderosos concorrentes.

Afastada das suas raízes, fraturada e em ambiente completamente diferente (adverso?) dos que lhe proporcionaram a gênese e a expansão, a Maçonaria contemporânea brasileira, há indícios, encontra-se no divã. Frente a essa realidade, que embora reconhecida por muitos é tratada de forma encoberta, não podem ser afastadas as hipóteses de uma moratória nas admissões ou mesmo um enxugamento dos quadros até que se tenham mais claros os diagnósticos subsidiários ao delineamento dos prováveis futuros. E também nesse aspecto as lições do passado podem ser valiosas, razão pela qual deveriam ser objeto de estudos mais acurados:

Formada por maçons da cidade do Rio de Janeiro, A Semana Maçônica tinha o propósito de discutir o futuro da instituição perante a iniciação descontrolada de novos membros na organização, com base no artigo intitulado Causas da decadência da maçonaria no Brasil [...] (FRANCISCO, 2022, p. 19).

Sonhos grandiloquentes, de ser o farol da humanidade, promover transformações pela via política, não passam disto: devaneios oníricos. Tais missões, inclusive constitucionalmente, cabem a outras instituições; como

diz Ismail (2017, p. 152): “Qualquer Irmão que se despir da vaidade institucional verá que a Maçonaria querer influenciar a política nacional é algo tão bizarro quanto a escola dos seus filhos querer deixar de dar aula para atuar politicamente [...]”.

Os tempos são outros, o futuro da Maçonaria talvez e paradoxalmente esteja nas origens, no passado mais antigo, anterior às glórias, pois a sua ação (e força) política, se ainda existentes, revelam-se residuais e de eficácia duvidosa. Hoje, com o lastro das informações disponíveis, s.m.j. o olhar no espelho pode revelar um Tigre de Papel.

Antes de encaminhar às conclusões, umas breves palavras sobre a questão do método, um dos eixos de densidade emergente neste trabalho.

5. Generalizações Indevidas

Conforme já mencionado em Pinheiro (2023) os trabalhos de Moraes (2017) e Ismail (2023) foram amplamente citados. A esses pode-se ainda acrescentar o de Ismail (2017) e o da Grande Loja Maçônica de Minas Gerais (GLMMG, 2019). Essas pesquisas, todas de grande valor, têm sido referidas por vários autores como argumentos indiscutíveis para o “estado de crise” generalizada instalada na Maçonaria brasileira. O tema, entretanto, merece uma palavra de alerta.

Quanto à pesquisa coordenada por Ismail (2023):

- o próprio autor, à página 2, de pronto revela a “baixa participação de maçons do GOB em comparação com seu market-share, de quase 30%, pode ser reflexo da discordância de seu Soberano Grão-Mestre com a divulgação e realização da pesquisa”, o que já seria suficiente para a cautela quanto à generalização dos seus resultados para a população (cujas estimativas oscilam entre 200/300 mil) de maçons brasileiros; e,
- o autor não oferece quadros comparativos “População vs Amostra” para os diversos recortes (Potências, unidade da federação, idade e outras categorias) que apresenta, o que acentua a recomendação anterior.

Por que, então, os seus resultados têm sido tão largamente utilizados como se a amostra fosse estatisticamente representativa de todos os estratos que discute, inclusive das idiosincrasias estaduais (e regionais) cujas diferenças foram reveladas por Colussi e Francisco? Hipóteses (não exclusivas):

- falta de atenção dos usuários desses dados secundários; ou,

- porque eles identificam esses resultados com as evidências empíricas, ainda que não devidamente sistematizadas, colhidas nas suas respectivas realidades, no dia a dia.

Já quanto às afirmações de Ismail (2017) - inclusive utilizadas neste trabalho -, não há qualquer esclarecimento metodológico; assim, o que lhes confere densidade é o chamado "argumento de autoridade" hoje conferido, por merecimento, ao autor. Contudo, nada assegura que esse diagnóstico efetivamente seja extensivo à toda realidade nacional (Potências, unidades federadas, Ritos e outros recortes). Todavia, para contestar as afirmações é necessário que as Potências se abram à pesquisa.

Quanto à pesquisa de Morais (2017), trata-se de uma amostra pontual, de conveniência e episódica:

- Pontual, porque correspondente à realidade específica da Grande Loja Maçônica do Distrito Federal;
- de conveniência, porque o estudo teve início a partir de um encontro de Veneráveis, mas não há registro, por exemplo, quanto à representatividade deste conjunto frente ao total; e,
- Episódica, por ter estudado as evasões ocorridas em apenas um exercício.

Também aqui não há fundamentos que autorizem a generalização nacional dos resultados:

- sabe-se que Brasília é "um país, uma realidade, à parte";
- o método *brainstorming*, utilizado na primeira fase, apresenta vantagens e desvantagens, entre estas, a sugestão (influência) recíproca, assim como o silêncio por exaustão; e,
- nada indica que os motivos que levaram à evasão em determinado exercício sejam os mesmos observados nos anos anteriores. Questões pessoais, por exemplo, se eliminado "o problema", a paz talvez retorne à Loja.

No que tange ao trabalho da GLMMG (2019), por motivos análogos aos já comentados, também não foram encontrados argumentos que autorizem e tampouco recomendem a generalização dos achados de pesquisa, inclusive o próprio relatório aponta inconsistência nas respostas, o que deve redobrar a cautela.

Em derradeira análise, para aonde apontam os questionamentos acima? S.M.J., para o desconhecimento da realidade do estado geral da Maçonaria brasileira. Delineia-se o futuro sem que, efetivamente, se conheça o presente, e o passado, como visto, em parte (cuja representatividade se desconhece) encontra-se escamoteado.

Apesar dos novos esforços, alguns inclusive trazidos ao texto organizado por Morais (2020), são todos pontuais, estatisticamente não representativos da realidade nacional e muito menos das suas diversidades locais mais relevantes.

E a tomar como base a manifestação do Prof. K. Ismail, tem-se a narrativa que esclarece as dificuldades para a realização de pesquisas que contribuam para ampliar o conhecimento acerca da realidade maçônica no Brasil: elas têm origem "no andar de cima", o que, à propósito, em parte também contribui para explicar porque passados mais de dois séculos de história da Maçonaria brasileira, os estudos junto à Academia ainda são esporádicos e titubeiam os primeiros passos. Todas as Potências detêm valiosas informações que anualmente poderiam ser organizadas e sistematizadas em grandes agregados, portanto sem risco de arguição de uso indevido e, então, compartilhadas. Poderiam, também, estimular os pesquisadores independentes ou vinculados às suas Lojas de Estudos e Pesquisas para que se detivessem sobre as especificidades e minúcias mais pontuais, tudo para o bem coletivo: melhor gestão, aperfeiçoamento docente, adequação às idiossincrasias, etc. Não se sabe, por exemplo, o efeito da pandemia, nos seus mais diversos aspectos, sobre a Ordem em seus diferentes recortes – regiões, faixa etária, Ritos, ocupações, etc. Também por isso, a Maçonaria, se já não está, deveria ser posicionar no divã; afinal, conhecer a si mesmo não é o pressuposto para conhecer o universo e os deuses?

A ausência de iniciativas e estímulos sugerem não haver interesses, enquanto que paralelamente a Maçonaria age como se fosse um ente corporativo, aonde as informações devem ser mantidas em sigilo, senão para omitir o que não se deseja ver exposto, em razão do seu elevado valor estratégico em um mercado onde se trava acirrada competição – *non sense*. De modo que, se de um lado se constata a contradição nos discursos que referem à Maçonaria Unida, ao espírito fraterno, à cooperação e à harmonia, de outro, a reafirmar esta mesma contradição, a confirmação da existência não de uma, mas de várias maçônicas que competem entre si. Fechada ao público externo e ao interno, não surpreende a proliferação da literatura tipo 3, bem como se pavimentam e aumentam as distâncias da *intelligentsia* maçônica internacional, notadamente da inglesa, da escocesa e da espanhola.

6. Conclusões

Por oportuno, convém lembrar o objetivo proposto:

o objetivo principal deste trabalho foi o de

avaliar se as diferenças provenientes das fontes consultadas (livros *vs* periódicos acadêmicos, Iniciados *vs* não-Iniciados e gênero da autoria) são potentes o suficiente para criar percepções capazes de alterar a primeira etapa dos estudos prospectivos: a formulação do diagnóstico – a visão do ambiente, de si mesmo (no caso, da Maçonaria), das suas forças, fraquezas e das suas relações com os demais agentes.

A conclusão, inicialmente com base nos estudos de Colussi, Francisco e Alméri, todas pesquisadoras, pois esta foi a estratégia dos autores, é definitivamente afirmativa e pelos motivos a seguir resumidos.

Efetivamente, não só o retrato (dado por Colussi e Francisco, que estudaram o mesmo recorte histórico), mas também a apreciação longitudinal (em análise do conjunto, posto que Alméri se dedicou aos acontecimentos havidos um século adiante) apontam para o mesmo sentido: a visão interna que os maçons alimentam de si próprios (constituída a partir de livros) é bastante diferente daquela percebida quando a Ordem é vista desde fora (a partir de textos acadêmicos), notadamente no que tange à representação da Ordem enquanto uma entidade monolítica e, ainda hoje, de grande prestígio e poder na sociedade.

Todavia, apreciações muito semelhantes foram também desenvolvidas por Ismail e Castellani, o que sugere que, sob esse aspecto, não há qualquer diferença entre os “olhos externos *vs* internos”, e tampouco as diferenças (das representações) podem ser associadas a eventuais especificidades relacionadas ao gênero. O que leva, então, à convergência entre os 5 (cinco) autores, qual o ponto em comum? O emprego do método acadêmico-científico, tanto pelas pesquisadoras (não-Iniciadas) quanto pelos pesquisadores (Iniciados)!

Ademais, o estudo mostrou que:

- a imagem de um “passado glorioso”, de Ordem poderosa e à frente dos principais acontecimentos históricos não resiste às críticas lastreadas em documentos. Antes de mais nada porque os maçons, como visto, sempre estiveram distribuídos por entre os lados – grandes blocos - que travavam as disputas, no Brasil, entre republicanos *vs* monarquistas, escravocratas *vs* abolicistas, ultramontanistas *vs* secularistas, pró-governos militares *vs* contrários; destarte, é quase certo assegurar que qualquer episódio histórico analisado, bem como futuro, revelará o mesmo comportamento. Assim, qualquer que fosse (ou venha a ser) o lado “vitorioso”, a Maçonaria poderia (poderá) afirmar que havia dado a sua grande con-

tribuição; portanto, a rigor ela não erra quando afirma ter estado presente, mas peca ao arrogar a si a dimensão, o espaço e a importância que não encontram respaldo histórico frente à leitura técnica, neutra e desapaixonada. Resulta, também por isso, ser praticamente impossível referir à Maçonaria como corpo unitário. Os erros e os acertos, os fracassos ou sucessos, ancorados em notórios personagens são, então, apresentados e explorados à conveniência; e,

- internamente, embora o discurso e a prática, ainda hoje, sejam no sentido a inibir a reflexão política, o que as autoras revelaram foi o oposto: embora sempre dividida, a existência deliberada e posicionada da ação política levada a efeito pelas “maçonarias” (Lojas). Mas enquanto a base está proibida de emitir manifestações, a cúpula, à vontade, se pronuncia reiteradamente, o que de imediato coloca em xeque os princípios fundamentais da Ordem - democracia, igualdade e representatividade. Como pode a Maçonaria se pronunciar em nome das “maçonarias” sem, antes, ouvi-las? E em meio a esse cenário dividido, já remodelado em arena, notadamente a partir do observado por Alméri, mas também já apontado por Ismail, há evidências documentadas de traições e perseguições interna corporis, não apenas aos princípios, mas também aos Irmãos.

Há, pois, questões de princípios (esteios da confiança, da cooperação, da unidade – condição para a realização de empreendimentos) que, antes de qualquer traçado de futuro, devem ser devidamente esclarecidas e conciliadas à luz do passado.

As autoras exploraram outros temas não trazidos a este texto, como foi o caso da chamada “questão religiosa” *vs* maçonaria, analisada por Colussi; todavia, em nenhum dos casos as considerações vão de encontro às conclusões já trazidas; mas para melhor apreciação e formação de juízo, que se acredita robustecerão as conclusões deste texto, recomenda-se a leitura integral das obras citadas-referidas.

A questão acima referida como “emprego do método acadêmico-científico” reclama maior detalhamento: como visto, Colussi, grosso modo, divide os autores-pesquisadores em 2 (dois) grandes grupos: os comprometidos (envolvidos) com a Ordem; e, os isentos (neutros). A principal diferença entre ambos, com poder explicativo sobre os achados de pesquisa, é o recurso ao método acadêmico-científico para, a partir da argumentação lastreada em fontes primárias ou secundárias, construir a narrativa defendida; daí porque este texto também abriu espaço para algumas reflexões sobre o tema. E ao encontrar dois autores maçons – Costa e Is-

mail – que não só defendem como empregam o método acadêmico-científico, fica claro que esta não é uma atitude esdrúxula, característica e exclusiva de acadêmicos-teóricos distantes da realidade, ao contrário, é procedimento que salienta o profissionalismo e o zelo com a verdade, e mesmo, *mutatis mutandis*, para uso cotidiano.

Ora, se o diagnóstico da situação presente, na sua complexidade multifatorial, bem como a clareza e o entendimento da narrativa que conecta, na sua exata dimensão, o passado ao presente, são ambos essenciais para prospectar o futuro – leitmotiv do Edital I da CMSB -, com base nas diferenças de posicionamentos e avaliações encontradas, pode-se concluir que há evidências que recomendam, antes de mais nada, a realização de estudos mais aprofundados, a começar pela mineração nos Bancos de Dados das próprias Potências, mas também uma profunda análise e autocrítica de natureza axiológica.

Como subproduto da imagem grandiloquente que tem de si e que a retroalimenta, ao contrário das corporações que não hesitam em enxugar os seus quadros, reduzir estruturas, fundir unidades e mesmo se reinventar para fazer frente aos novos desafios, a Maçonaria parece ser guiada apenas por um indicador de sucesso: a contínua ampliação do número de Lojas e Obreiros, o que se constitui em mais um fator de risco frente ao ambiente pós-moderno (dinâmico, veloz, ubíquo, atuação em redes, ambíguo, incerto, etc.).

Por fim, a clareza quanto a se há uma ou várias maçonarias revela-se *conditio sine qua non* ao delimitamento dos planos, das estratégias, dos objetivos e metas, etc. Afinal, qual é a unidade relevante que será responsável pela implementação dos programas e projetos: a Loja, a Potência ou um grupamento (ainda que informal) de Lojas com afinidades (regionais, usos e costumes, crenças, causas, etc.)? E por tudo o que foi dito, é de se concluir que a Maçonaria, se não está, deveria estar no divã, o primeiro e necessário passo para delinear o futuro.

7. Bibliografia citada

ALMÉRI, Tatiana M. Posicionamentos da Instituição Maçônica no Processo Político Ditatorial Brasileiro (1964): da visão liberal ao conservadorismo. *Dissertação (mestrado)* – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

ALVES, Gabrielle W. Os Braços da Salvação: a mobilização de auxílios aos infectados pela gripe espanhola (Porto Alegre, 1918). Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://](https://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://)

www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/58291/Resumo_20070782.pdf?sequence=1. Acesso em: 09.04.23.

CAMINO, Rizzardo da. *Rito Escocês Antigo e Aceito – 1o. ao 33o.*. São Paulo: Madras, 2013.

_____. *Maçonaria além dos véus*. São Paulo: Madras, 2011.

_____. *Kadosh: do 19o. ao 30o.*. São Paulo: Madras, 2007.

_____. *O Ápice da Pirâmide*. São Paulo: Madras, 2007a.

CASTELLANI, José. *A Maçonaria Brasileira na Década da Abolição e da República*. CopYMarket.com, 2000.

_____. *A Maçonaria e o Movimento Republicano Brasileiro*. São Paulo: Traço, 1989.

COLUSSI, Eliane L. Plantando Ramas de Acácia: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX. 1998. *Tese (doutorado)* – Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 1998.

COOPER, Robert L. D. *Revelando o Código da Maçonaria – a verdade sobre a chave de Salomão e a irmandade*. São Paulo: Madras, 2009.

COSTA, Frederico G. *A Trolha na Universidade*. Londrina-PR: A Trolha, 1998.

_____. *“A Trolha” na Universidade*. Londrina-PR: A Trolha, 2001. Vol. 2.

FERREIRA FILHO, Arthur. *História Geral do Rio Grande do Sul: 1503 -1964*. 3ª Ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

FRANCISCO, Renata R. Entre Irmãos: sociabilidade, mobilidade e identidade maçônica em São Paulo (1850-1888). *História, São Paulo*, v. 41, e2022050, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2022050>.

FRANCISCO, Renata R. A Dinâmica Abolicionista nas Lojas Maçônicas de São Paulo (1850-1888). *Almanack, Guarulhos*, n. 32, ea00521, 2022a. <http://doi.org/10.1590/2236-463332ea00521>.

GLMMG. *Maçonaria do Futuro: gestão maçônica*. Mimeo (pdf). Belo Horizonte: Grande Loja Maçônica de Minas Gerais, 2019.

ISMAIL, Kenno. *Maçonaria Brasileira – a história ocultada*. Brasília-DF: No Esquadro, 2021. Volumes I e II.

_____. *Relatório de Pesquisa: “CMI – Maçonaria no Século XXI”*. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2021/03/RELAT%C3%93RIO.pdf](https://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2021/03/RELAT%C3%93RIO.pdf). Acesso em: 07.04.23.

_____. *História da Maçonaria Brasileira para adultos*. Londrina, PR: A Trolha, 2017.

MORAIS, Cassiano Teixeira de (Org.). *Maçonaria: perspectivas para o futuro*. Ed. ampliada. Brasília: CMSB, 2020. Versão impressa.

_____. *Evasão Maçônica: causas & consequências*. Brasília, DF: DMC, 2017.

ORWELL, George. *1984*. 29ª Ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2005.

PINHEIRO, Ivan A. Produção Intelectual Maçônica no Brasil: um recorte a partir dos concursos promovidos pela CMSB em 2020, 2021 e 2022 – I/II. *Edições "Universum"*, Ed. 45, janeiro 2023, p. 25-56. Porto Alegre, RS: GLMERGS, Loja de Estudos e Pesquisas Universum nº 147.

_____. Buscadores da Verdade ... Sois Mesmo? *Revista Ad Lucem*, vol.1 n. 2, p.14-28, Mai/Ago, 2021.

_____. O Homem (maçom) de um Livro Só. Publicado nas redes sociais em agosto, 2021a. Disponível em: ivan.pinheiro@ufrgs.br.

PINHEIRO, Ivan A.; ROCHA, Rogério H. C. *Considerações Sobre a Iniciação Maçônica de Voltaire*. Disponível em: <https://www.facetubes.com.br/noticia/3600/ivan-a-pinheiro-a-rogerio-rocha-qsobre-a-iniciacao-maconica-de-voltaireq>. Acesso em: 05.04.23.

SILVA, Cláudia N. da; MONTEIRO, Fernando. Maçonaria e maçons: entre a fala assistencialista e a prática da assistência social como política pública. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS*, v. 10, n. 19, jan.-jun., 2018.

STEVENSON, David. *As Origens da Maçonaria – o século da Escócia (1590-1710)*. São Paulo: Madras, 2009.

URBIM, Carlos. *Os Farrapos*. Porto Alegre: Zero Hora, 2003. Livro cortesia aos assinantes.

O REPASSAR DOS ENSINAMENTOS NA MAÇONARIA

(THE PASSING ON OF THE TEACHINGS IN FREEMASONRY)

Fabio Ytoshi Shibao ¹

Newton Agrella Carvalho ²

Francisco De Assis De Gois ³

Alexandre Hussni ⁴

Resumo

O artigo partiu das ponderações sobre o repassar dos ensinamentos na maçonaria. O objetivo foi entender sobre comunicação, símbolos, imaginário e educação associados aos valores atemporais da maçonaria para ser um "gatilho de atração" para novos membros e como a diferença entre gerações influenciará no futuro da ordem. As instruções são para os maçons desenvolverem as habilidades de praticar os rituais, exercerem cargos administrativos em Loja e instruir os Aprendizes, Companheiros e Mestres. O maçom deve se educar para se tornar um humano integral ao estudar por intermédio da simbologia, porque a natureza do símbolo é criar "um signo mais desenvolvido".

Palavras-chaves: Maçonaria; comunicação; simbólico; imaginário; instrução; educação.

Abstract

The article started from the considerations about the passing on of teachings in Freemasonry. The aim was to understand about communication, symbols, imaginary and education associated with the timeless values of Freemasonry to be a "trigger of attraction" for new members and how the difference among generations will influence the future of the Freemasonry. The instructions are for Masons to develop the skills of practicing rituals, holding administrative positions in Lodge and instructing Apprentices, Companions and Masters. The Freemason must be educated himself to become an integral human being by studying through symbology, as the nature of the symbol is to create "a more meaningful sign".

Keywords: Freemasonry; Communication; Symbolic; Imaginary; Instruction; Education.

¹ Mestre em Administração pela UNIB. E-mail: fabio.shibao@gmail.com.

² E-mail: newagrella@gmail.com

³ E-mail: chicodeassis54@gmail.com.

⁴ E-mail: alexandrehussni@gmail.com

1. Introdução

O ser humano necessita interagir com outros indivíduos para compartilhar pensamentos. A cultura de cada sociedade, significa sistemas reproduzidos que operam no intercâmbio entre determinados grupo de indivíduos de uma comunidade (BACKES et al., 2012).

Ao longo da história, o surgimento de algumas irmandades, trouxe o estilo criador de identidade pessoal para certos indivíduos, por exemplo para a prática de filantropia, de partidatismo político ou com finalidade religiosa e as corporações fechadas desenvolveram uma difusão conveniente para repassar os seus princípios.

A maçonaria, na sua fase operativa foi uma das fraternidades que surgiu na Idade Média e para conservar os segredos das técnicas de edificações de catedrais pelos seus membros que se denominavam pedreiros livres foi elaborada por eles um sistema de comunicação sigilosa. No século XVIII, a maçonaria ganhou um caráter, denominado "especulativo", tornou-se uma "Ordem" que assumiu as ferramentas de trabalho dos construtores medievais como símbolos, atribuindo-lhes novos significados de acordo com uma nova filosofia. Portanto, a explicação desses símbolos é essencial para a compreensão dos ensinamentos da maçonaria pelos seus iniciados (STEVENSON, 2005).

Para se tornar maçom, é preciso ser convidado por um integrante da confraria e todos os integrantes da maçonaria são reconhecidos como irmãos. Essa comunidade mundial se comunica por meio dos símbolos secretos que são os sinais, toques e palavras, o que permite o reconhecimento de seus integrantes entre si (MOREL; SOUZA, 2008).

Assim, essa áurea de compartilhar esses signos secretos entre os irmãos é uma eficiente ferramenta que a maçonaria emprega no sentido de valorizar a instituição, elevar a autoestima de seus integrantes e mantê-los unidos, favorecendo a coesão da corporação.

Além do uso dos símbolos a comunicação também se faz necessária na absorção da filosofia maçônica, por isso, os templos onde os maçons se reúnem são idealizados e ornamentados com símbolos que representam os ideais da maçonaria e o aprofundamento do conhecimento maçônico ocorre com a interpretação dos significados.

Os símbolos são signos ajustados socialmente e agem por determinada condição convencional. Segundo Carl Gustav Jung, os símbolos representam a possibilidade de um ato intermediário. Nesse caso, a simbologia funciona para representar a filosofia maçônica e serve para repassar o conhecimento aos aprendizes.

De acordo com o conceito de Jung, arquétipos são símbolos de percepção universal por intermédio do inconsciente coletivo. Empregando esse conceito, se pode observar que a utilização dos arquétipos na simbologia

maçônica é um elemento que facilita a comunicação do preceito maçônico por meio dos símbolos.

Dessa forma emerge a seguinte questão de pesquisa: Como são repassados os ensinamentos maçônicos? O objetivo do presente artigo foi analisar como são apresentadas as formas comunicativas que permitem a integração dos membros da maçonaria e o transmitir de conhecimento aos seus iniciados. Estudou-se também como ocorre a comunicação maçônica por meio da simbologia e como a filosofia da maçonaria exibida por estes símbolos, intervém no desenvolvimento de uma nova identidade dos seus iniciados.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: além dessa breve introdução, são apresentados a fundamentação teórica sobre conceitos de maçonaria como uma organização, comunicação organizacional, simbólico e imaginário; e educação, técnica e trabalho. Posteriormente são apresentados os procedimentos metodológicos, a seguir são apresentados os resultados e discussões e finalmente as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

Apresentam-se neste tópico os principais conceitos sobre maçonaria como uma organização, comunicação organizacional, simbólico, imaginário e educação, técnica e trabalho.

2.1. Maçonaria como uma organização

Ao buscar por menções acerca da maçonaria, encontra-se pouca produção científica acerca do tema. Nesse contexto, destacam-se os trabalhos na esfera da literatura não relacionada diretamente à academia, também prevalecem obras que focam a história da maçonaria, junto das produções que abordam a ritualística maçônica. Destaca-se também que existe uma considerável produção proveniente dos próprios membros, que faz circular conteúdos geralmente voltados aos temas história e ritualística (VINHOLA, 2021).

No que diz respeito à formação da organização, encontra-se um ponto comum entre os autores que se dedicam ao estudo da história maçônica, que é a impossibilidade de fixação de uma data precisa da origem da maçonaria. Tal dificuldade é em virtude de uma origem que se perde em meio a mitos e lendas (AZEVEDO, 1997). Enquanto, para Mansur Neto (2002), tal impossibilidade ocorre porque existem muitas organizações que se adaptaram de modo similar à maçonaria, mas sob outras terminologias. A versão da origem da maçonaria mais aceita entre os próprios maçons está ligada à construção do Templo do Rei Salomão, em que o mestre Hiram Abif responsável pela ação, organizou os obreiros de maneira muito próxima à estrutura hierárquica que perdura até os dias atuais alicerçada nos três graus: aprendiz, companheiro e mestre (AZEVEDO, 1997;

MANSUR NETO, 2002), mesmo assim, essa versão não se sustenta sob critérios históricos (VINHOLA, 2021).

Na Idade Média, existiam corporações de pedreiros e artesãos que sob amparo da Igreja, recebiam privilégios como a livre circulação e a desobrigação de algumas responsabilidades. Esses artesãos reunidos eram conhecidos como francs-mestiers – termo que deu origem à denominação atual ‘franco-maçonaria’ ou freemasonry (AZEVEDO, 1997). De acordo com Mansur Neto (2002), as primeiras citações históricas da maçonaria foram encontradas em atas de reuniões de artesãos ingleses associados, no ano 856 D.C.

Esse momento histórico da maçonaria medieval denomina-se operativa porque nesses tempos sob tutela da Igreja, a maçonaria era composta por pedreiros e artesãos e vinculada diretamente ao ofício da construção (AZEVEDO, 1997). A própria palavra maçom ou mason se referia a um pedreiro (COSTA, 2014).

Nessa fase operativa, começaram a se formar as primeiras ‘lojas’ maçônicas, espaços autônomos que reúnem os iniciados e que são as unidades fundamentais da composição da organização até hoje (MANSUR NETO, 2002). A loja maçônica inicialmente remetia apenas a uma construção temporária onde os ‘pedreiros livres’ desempenhavam alguma obra. Mais tarde, elas se transformaram em locais de reunião para descanso e alimentação para trabalhos mais longos. Com o tempo, a loja passou a ser o local da convivência entre maçons (COSTA, 2014).

Com o passar do tempo, os privilégios maçônicos chamaram a atenção de outros indivíduos, para além dos pedreiros e artesãos, porque os mestres instruídos e contando ainda com a proteção de influentes, exercia fascínio dos espíritos estudiosos. Os membros de diferentes segmentos da sociedade passaram a se interessar pelos ‘segredos’ dos maçons, o que contribuiu para que a maçonaria alcançasse um patamar intelectual elevado na sociedade. Esses outros homens fascinados com a Ordem desejavam não apenas desenvolver seus conhecimentos, mas gozar dos privilégios de livre circulação da maçonaria para expor seus pensamentos de forma livre, sem que isso gerasse perseguições (AZEVEDO, 1997; COSTA, 2014; MANSUR NETO, 2002).

O processo de mutação da maçonaria operativa para a chamada maçonaria especulativa se acelerou e os novos membros eram aceitos na Ordem não por seu status ou profissão, mas por seu modo de ser, isto é, entre os requisitos de ingresso, destacavam-se a alfabetização e o bom caráter, mas também condições de contribuição com as cotizações mínima (AZEVEDO, 1997; MANSUR NETO, 2002). No entanto, aos poucos a maçonaria se torna aristocrática e suas mais altas posições passam a ser ocupadas por membros da nobreza (COSTA, 2014).

Assim, é necessário questionar as contribuições da comunicação organizacional, a fim de aprofundar a rela-

ção com o objeto. Para isso, a seguir discorre-se sobre a compreensão de comunicação organizacional com seus fundamentos que afetam o olhar para o objeto de estudo.

2.2. Comunicação organizacional

A concepção de comunicação organizacional se inicia com uma ponderação sobre o elemento da Comunicação. As escolas de pensamento, reconhecidas como fundamentais no empenho contemporâneo de virada paradigmática em relação ao pensamento funcionalista / estruturalista hegemônico, ao final do século XIX e primeira metade do século XX. A chamada Escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico nas décadas de 1940 e 1950, foram linhas que de acordo com França e Simões (2016), revalorizaram o encontro e a construção conjunta, ao desenvolverem a chamada ‘matriz interativa’ da comunicação.

A proposta do conceito de interação possibilitou transformar o aspecto linear dos efeitos, produzindo olhar para a circularidade. Esse curso foi possível a partir de um enfoque teórico que valorizava as práticas e sua natureza simbólica. Em vez de uma compreensão da comunicação na sociedade como um todo, um direcionamento que possibilitou intuir a dinâmica comunicacional mais ampla ao invés de um amontoado de pequenas interações (FRANÇA; SIMÕES, 2016).

Conectada ao passado pragmático e interacionista, a noção de interação ajuda na problematização do fenômeno comunicacional porque é complexo e abstrato (FRANÇA, 2008). Baldissera (2008) atestou que os processos de significação oferecem condições de essência ao fenômeno comunicacional, por antecederem. Ao mesmo tempo em que a comunicação não acontece sem a significação, esta é constantemente reconstruída nas interações comunicativas porque os processos comunicacionais pressupõem o acionamento de símbolos, comunicar é movimentar sentidos e nessas movimentações, reconstruir tais sentidos (BALDISSERA, 2017).

Exposta a perspectiva comunicacional, se pode avançar para a comunicação organizacional, em que a definição mais comum de organização como agrupamento humano em torno de uma finalidade. Agrupamento não pode ser considerado como sinônimo de organização, porque existem dois tipos de agrupamentos humanos: as comunidades que se estabelecem a partir de uma classe social espontânea e informal; e as organizações que despontam de uma ordem social criada e dirigida tanto endógena ou como exógena. Dessa forma, ficam mais claras as questões em torno dos propósitos específicos e explícitos de uma organização, pois, eles se tornam capazes de gestão (URIBE, 2007).

Neste artigo se adota a noção de que a organização é uma construção social entre subjetividades, ou seja, forças em interação (BALDISSERA, 2004), a partir de uma

ordem social criada em torno de um objetivo comum (URIBE, 2007) e que desenvolve códigos de gestão frente às consecutivas agitações endógenas e exógenas. Portanto, as organizações são como classes de subsistemas sociais, constituídos por indivíduos complexos e de uma pluralidade contextual que impedem generalizações.

A forma de sociabilidade maçônica difere de outras organizações devido ao elemento “segredo”, que possui uma intensa carga simbólica, o segredo intercala o processo de institucionalização maçônico e afeta as atividades organizacionais, promovendo muitas significações, dentro e fora dos limites da organização (VINHOLA, 2021). À vista disso, se percebeu a necessidade de uma discussão mais robusta sobre o que é simbólico e o que é imaginário.

2.3. Simbólico e imaginário

Acoplar duas partes separadas é o sentido das palavras *symbolon*, *mashal* ou *sinnbild*, respectivamente de origens grega, hebraica e alemã. A natureza do símbolo é exatamente a de ligar ou unir partes separadas e conferir um novo sentido ao que se encontrava distante. Essas partes antes separadas, metades de um objeto, não têm qualquer valor real em separado. Mas elas remetem a algo previamente acordado, em que o sentido é adquirido na junção, isto é, este é o vigor da junção simbólica, a de atribuir sentido a uma realidade fragmentada (RUIZ, 2003).

A definição do que é o imaginário é imprecisa, se considerar o uso do termo fora do domínio científico, porém, existe um fascínio pela palavra imaginário que ao conquistar o lugar das mídias se tornou expressão banal no senso comum (SILVA, 2003). Em um ensaio de esclarecimento do conceito, se pode aproximar a ideia de imaginário como sistema organizador de imagens caracterizado pelo dinamismo que as conecta entre si, isto é, o imaginário não é uma coletânea de imagens somadas, mas uma rede em que o sentido se encontra na relação, o que deixa evidente de que o imaginário não se restringe a criações da fantasia (BARROS, 2014). Enquanto para Ruiz (2003), nenhuma explicação racional poderá dar conta da complexidade do imaginário, por se tratar de algo que só pode ser descrito, seja por suas manifestações ou seja por seus efeitos.

Ao se pensar essa relação entre o fundo inconsciente e a tomada de consciência, se deve ressaltar que os primeiros contatos com o mundo são ativados pelo imaginário, estimulado por toques, cheiros e sons. É num segundo momento que o mundo surge como imagem visual, isto é, antes de pensar, o ser humano imagina. Dessa forma, desde o nascimento, a racionalidade não constitui a totalidade da psique humana, apenas no decorrer da vida, do fluir desordenado de percepções que o mundo se apresenta são formadas de sentido específico, ou seja, significadas. A imaginação constitui a

potencialidade do ser humano em repassar sentido às coisas e ao mundo (RUIZ, 2003).

Essa aura de segredo parece alastrar-se, devido ao desenvolvimento da comunicação midiática, na qual operam os artifícios do imaginário. Afinal, há cada vez mais conteúdo produzido sobre a maçonaria, pela própria organização ou por não iniciados, bem como maior facilidade de acesso a esses materiais. E se, tais dispositivos são informações centrais no que diz respeito à circulação simbólica, se precisa direcionar atenção às características desse ambiente midiático (SILVA, 2003).

Os riscos de elevados níveis de vulnerabilidade à exposição pública em virtude do uso indiscriminado dos dados de sujeitos conectados, é a circulação de narrativas falsas, também conhecido como fake news que tem como a clara intenção de confundir públicos, pode denegrir, difamar ou realizar algum desvio em relação a um indivíduo ou organização, a partir de dados ou imagens disponíveis na Internet. Outro ponto se trata dos algoritmos que baseada nos perfis e rastros digitais dos sujeitos conectados na rede e com o discurso de oferta de informação personalizada, realiza uma efetiva imposição de conteúdos (BALDISSERA, 2017). Perante esses riscos é importante a gestão da visibilidade envolvendo a educação, técnica e trabalho, pois junto das possibilidades abertas pela evolução da visibilidade mediada, apresenta-se uma nova fragilidade. A revolução digital criou um depósito de conteúdo facilmente recuperável e compartilhável tão extenso que não existe indivíduo ou organização em condições de controle devido a propagação rápida de conexões descentralizadas (THOMPSON, 2018).

2.4. Educação, técnica e trabalho

Uma formação centrada na educação técnica e para o trabalho se apresenta de maneira conflituosa nas tensões entre liberdade e severidade para o ensino da técnica, o impulso impensado e o controle do corpo a partir do aprendizado de movimentos repetitivos para o trabalho e a alegria na condução do ensino e a disciplina para a capacitação para um ofício útil para a sociedade. As crianças entre 6 a 12 anos de idade, é definida como momento de aquisição de conhecimentos gerais em que pudesse admirar todos os gêneros da ciência de maneira simplificada para que pudesse apreender conhecimentos e competências mais complexas para a sua formação (VIÑAO, 2004).

Porém, o trabalho é a atividade que corresponde ao método biológico do corpo humano, cujos crescimentos instintivos, metabolismo e eventual declínio tem a ver com as necessidades vitais produzidas pelo labor no processo da vida, logo, a condição humana do labor é a própria vida (ARENDRT, 1993).

O trabalho foi um símbolo relevante e aclamado na modernidade, conformando-se como a ação que permi-

tiu ao homem alterar o modo de pensar e agir sobre o mundo, uma inspiração de pensamento que o levou a observar a si mesmo e suas ações no mundo, uma consequência da transição do homem como servo das provisões divinas e se tornando um ser humano senhor de seus atos e capaz de suprir suas necessidades a partir de suas ações. Nesse novo contexto, impregnado pela atmosfera de mudanças, o trabalho foi lançado como um impulsionador do desenvolvimento da humanidade, tornando-se ícone de veneração pelos "modernos". A capacidade do homem de construir, criar e transformar a natureza; os grandes feitos da ciência e da indústria; as conquistas territoriais obtidas por meio das guerras e os avanços econômicos dos países que dominaram as máquinas são símbolos da modernidade, registros que evidenciaram a ação humana, tendo em comum o enaltecimento do trabalho como propulsor desses feitos.

A Escola Moderna de Barcelona (anos finais do século XIX e início do século XX) tinha uma expectativa ética e moral na definição de trabalho, na sua visão, o trabalho deveria ter caráter de obrigatoriedade, pois o homem deve ser útil e produzir para o bem comum. Logo, esse produto deveria ser distribuído para o conjunto de membros da sociedade que tinha o direito e o dever de produzir e de ter acesso ao que era produzido. Nessa percepção, o trabalho seria a experiência humana que permitiria a associação entre os indivíduos, a chave da integração social, somente por esse trabalho solidário, seria possível lapidar uma sociedade que suplantaria toda forma de dominação (SILVA, 2021).

Por outro lado, os educadores de esquerda censuram o sistema educacional capitalista, ao afirmarem que perde a sua magnitude de um bem de uso e ganha a de um bem de troca, porque não vale mais pelo que é, mas pelo que representa para as pessoas. A educação vale como um bem de mercado e por isso é paga e custa caro (BRANDÃO, 1995).

A seguir serão descritos os procedimentos metodológicos de como foram obtidas as informações.

3. Procedimentos Metodológicos

A revisão integrativa de literatura tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo um corpo de conhecimento. Deste modo, o pesquisador pode elaborar uma revisão integrativa com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014).

No presente artigo optou-se por realizar a revisão integrativa de literatura nos temas maçonaria como uma organização, comunicação organizacional, simbólico e

imaginário e educação, técnica e trabalho.

A seguir são apresentados os resultados e as discussões dessa pesquisa.

4. Resultados e discussões

Na maçonaria, quando se pensa em rituais, faz-se alusão a algo ligado a alguma religião, culto, magia ou ao sobrenatural, porém, também podem ser relacionados a algo formal e simples e que está no nosso cotidiano. Os rituais organizam a vida das pessoas, tendo como estrutura principal a repetição como particularidade, levando em alguns casos à disciplina, portanto um aprendizado consciente ou inconsciente sobre o ritual (CAMPILLO, 2015).

A sociedade sempre cria cerimônias de iniciação e evolução para se dedicar a alguma conquista na vida do ser humano, atribuindo nova identidade, papel, responsabilidade, dentre outros sinônimos junto ao grupo em que frequenta. A maçonaria, por sua vez, se utiliza de um ritual como forma de instrução e também da iniciação como forma de recepção, tudo de forma pedagógica para interiorizar, sensibilizar, instruir e formar os neófitos e os maçons a se tornarem pessoas cada vez melhores. É evidente o importante papel dos rituais no dia-a-dia da maçonaria porque estimula a tradição e antiguidade ao aspecto pedagógico, procurando resgatar valores e situações esquecidos na fadiga do dia a dia (CAMPILLO, 2015).

Porém, o universo da maçonaria não está livre de influências, porque a teoria dos campos registra em nível abstrato um 'pensamento institucional' de que a maçonaria quer materializar e narrar sobre si mesma. Não existe 'mundo à parte': o que se tem são pessoas-corpo que em seus cotidianos compartilham de vários universos visivelmente independentes uns dos outros, mas quando se aproxima para analisá-los, se observa que eles sempre se relacionam a outros campos, portanto, não são isolados, embora resguardem na maioria das vezes, uma posição própria que permite assegurar uma identidade de grupo (SOUZA, 2006).

O estudo tratado na Maçonaria passa por diversas áreas, tais como: astronomia, física, química, matemática e as suplanta enveredando por temas que carecem ainda de comprovação científica. Por exemplo, na existência de forças invisíveis que influenciariam nas decisões das pessoas. Algo dentro de uma racionalidade maçônica, porque não é considerada sobrenatural, mas uma técnica que estaria dentro das leis da natureza, desconhecida pela média dos indivíduos. Porém, quaisquer desses temas podem ser encontrados atualmente em abundância em boas livrarias e em editoras ligadas ao tema do esoterismo e simbologia. Contudo, nunca se sabe como esses 'conteúdos' são abordados em cada Loja (SOUZA, 2006).

Símbolo é a transcrição é a transcrição ou tradução

metafórica de uma ideia, por intermédio de um objeto, de uma imagem ou de uma expressão que denote um pensamento para um grupo social, inobstante suas dimensões.

A interpretação dos símbolos ao ser feita na totalidade, é responsabilidade de cada maçom e neste processo de auto explicação e da observação dos princípios que conduzem a vida de cada um se pode verificar como o Ofício da maçonaria assume vida como um mistério. Assinala-se que os criadores da franco-maçonaria especulativa, consideravam o seu 'Ofício' como uma disciplina que se identifica com a psicologia ou talvez com a investigação acadêmica acerca da natureza da consciência (MACNULTY, 1996).

Assim, a filosofia maçônica, subsiste perene e inabalável ao longo de sua existência, apesar de inúmeras tentativas de se querer impor significados alheios à sua real essência.

Neste contexto, se pode agrupar em quatro principais escolas de pensamento maçônico organizadas segundo a afinidade do conhecimento existente: Histórica; Antropológica; Mística e Oculta (LEADBEATER, 2012).

A Escola Histórica é baseada na linha documental obtida por intermédio dos Historiadores sejam eles maçons ou não, em que se observa um positivismo ortodoxo. Além disso, afirma não admitir uma Antiguidade na Maçonaria anterior ao século XIII D.C., quando foram produzidos os Estatutos de Bolonha, um texto originalmente em latim, possuindo três folhas de pergaminho, datado de 1246, produzido por um escrivão público, a mando do capitão de Bolonha Bonifácio de Cario e reconhecido pelo Conselho de Anciãos em 1248, colocando as sociedades de Construção sob as leis da Cidade de Bolonha. Portanto, insinua que as outras escolas não oferecem caminhos adequados para investigação, não tendo com isso sua autenticidade (ISMAIL, 2012).

A Escola Antropológica congrega às suas pesquisas os estudos de costumes e tradições de sociedades arcaicas, buscando-se nelas as origens da simbologia maçônica. Seus partidários ratificam uma Antiguidade bem maior para a maçonaria, chegando-se a estabelecer similitudes com os Mistérios Antigos. Esta escola por meio de métodos comparativos, observa semelhanças entre os símbolos e práticas ritualísticas estudados em diferentes comunidades com os agregados na Maçonaria (SILVA, 2005).

Enquanto isso, a Escola Mística não se preocupa se é produto da pesquisa científica de dentro ou de fora da Ordem Maçônica e muito menos está interessada nas pesquisas históricas e antropológicas, apesar de eventualmente as utilizar como base. É uma corrente de pensamento que se aproxima mais da Religião em que se preocupa com o desenvolvimento espiritual do homem, no qual se deve procurar a união com o Grande Arquiteto do Universo e não se preocupar com o problema da origem da Maçonaria; no entanto admite que a Maçonaria

tem ligação com os Antigos Mistérios (CAMPILLO, 2015).

Finalmente, a Escola Oculta que tem sua orientação aos estudos espiritualistas, baseando-se nos conhecimentos do Ocultismo que é compreendido pelos maçons como o estudo dos problemas da natureza não solucionados pela ciência (FIGUEIREDO, 1998). A finalidade dessa escola não é a pesquisa científica, mas a aplicação do conhecimento na busca do aperfeiçoamento moral e espiritual. As investigações causadas por esta corrente não dependem do estudo de livros e documentos de arquivo, mas se sustentam por meio da meditação consciente e das experiências individuais, objetivando a união com o Grande Arquiteto do Universo (SILVA, 2005).

As diferentes Escolas descritas por Leadbeater (2012) representam dois grandes grupos, baseados na linha de indícios adotada (fontes, teoria e método) e nos fins do conhecimento produzido: vertente "científica", uma liga das Escolas Histórica e Antropológica e a vertente "esotérica", a confluência das Escolas Mística e Oculta.

A teoria iniciática institui a relação entre a maçonaria e o Iluminismo, tendo como precursor Cristian Jacq, representante do homem das Luzes e como defensor principal, Thomas Paine, com as publicações *A era da razão* e *Origins of Free Masonry*, ambos com críticas aos cristãos que perseguiam os maçons, o que justificaria o mistério da organização como uma maneira de proteger-se de possíveis ataques (SILVA, 2004).

A fundação da Grande Loja de Londres em 1717 é considerada por muitos partidários da maçonaria como o ato fundador da maçonaria especulativa, culminando na publicação das Constituições de Anderson em 1721, em que o texto delimita a filosofia da maçonaria, assim como descreve a atitude que deve se portar um maçom e mostrando as diretrizes centrais da organização. Segundo Anderson "um maçom se entender corretamente a Arte, nunca será um ateu estúpido nem um libertino irreligioso" (VIDAL, 2006, p. 29). Essa afirmativa indica a restrição das posições extremistas e as qualidades de liberdade e laicidade da maçonaria.

O Iluminismo se tornou um experimento para clarificar as engrenagens de poder exercidas pelo clero e pela nobreza, com a justificativa de ajudar o homem a sair do campo do mítico passando para o campo da razão e da ciência, responsáveis por elevar culturalmente o ser humano e ajudar a conquistar as condições de uma vida mais confortável, acreditando em uma melhoria social e econômica promovida pelos avanços científicos, porém, marcado por um forte conflito entre a esperança das novas oportunidades e a ansiedade gerada pelos flagelos naturais e sociais, esse desenvolvimento do homem durante esse conflito ocorre por intermédio da educação (SILVA, 2004).

Enquanto, Rousseau (2004) impulsionou a relação entre o sentimento e as magnitudes da consciência, pa-

ra a compreensão de si mesmo e da coletividade, sendo todas partes constitutivas da natureza, promovendo o pensamento da relação entre o eu e o outro para ser possível entender-se, pois considerou a subjetividade como uma maneira pela qual se pode analisar a sociabilidade.

Dentro da proposta de educação do Rousseau, as perspectivas se traduzem pela defesa de um estudante autônomo, consciente de sua aprendizagem e dotado de criticidade perante o mundo e a si mesmo, mediado pelo professor em que o mesmo deve tomar com vosso aluno o caminho oposto para que ele sempre acredite ser o mestre, porque não há obediência mais perfeita do que a resguarda aparência de liberdade e assim se cativa a própria vontade de aprender do estudante (ROUSSEAU, 2004).

Em resumo, a base da educação pautada em princípios rousseanicos, valorizando o "cuidado de si" está apoiada em três pilares: a criança, respeitada em seu processo de amadurecimento natural formada para a partir de sua autonomia, atuar em sua sociedade; o adulto, que exerce a função de mediador-educador, auxiliando a criança a perceber as ferramentas pelas quais pode atuar em sua vida; e a natureza, fonte dos saberes e mestre do conhecimento.

Sendo assim, é possível relacionar a educação maçônica sob o termo educação do homem integral, isto é, a verdadeira educação deve possuir como método a autoeducação, instituindo dois postulados: a) "ninguém pode educar alguém"; b) "alguém só pode educar-se a si mesmo" (ROHDEN, 2005, p. 17), o que exige a plena satisfação consigo mesmo. A educação passa a ser abordada na obra como arte e o educador-artista sabe reconhecer as potencialidades do educando, a partir de seu talento e sua intuição.

5. Considerações finais

Em síntese, a educação verdadeira tem como base uma visão completa da existência integral do homem, ou seja, é necessário ao homem adquirir a consciência de que sua existência tem continuidade fora do corpo material. Para conseguir essa consciência é fundamental encontrar uma vida em harmonia com a verdade, justiça, honestidade, amor, bondade e fraternidade (ROHDEN, 2005).

A partir desse princípio, faz sentido uma diferenciação entre as noções de instrução e educação como conhecimentos paralelos. Tais noções são definidas da seguinte forma: a instrução tem por fim fornecer ao homem o conhecimento de uso de objetos necessários para sua vida profissional, enquanto a educação tem por fim despertar e desenvolver no homem os valores da natureza humana. Logo, o fim da educação é criar o homem integral (ROHDEN, 2005).

Portanto, apesar de inúmeras publicações exaltando

as novas tecnologias e seus contextos com as novas gerações, é algo que merece detida ponderação, especialmente considerando-se que se está referindo a uma instituição filosófica, cuja base de sustentação e perenidade estão pautadas sob a égide de um princípio chamado "tradição".

Ao falar em novas tecnologias, é algo que soa um tanto estranho e incongruente num universo filosófico em que a Simbologia, constitui-se na legítima base que faz com que o homem possa explorar seus potenciais para o seu aprimoramento interior, aliada ao Antropocentrismo, à Ontologia, à Sociologia, à História, às Lendas e de algum modo às próprias Ciências Esotéricas, que auxiliam na compreensão do lado espiritual que fazem parte da psique humana.

Dessa forma, se pode responder à questão de pesquisa: como são repassados os ensinamentos maçônicos? Da seguinte maneira: por meio das instruções e da educação.

Na Maçonaria existe as instruções para os maçons desenvolverem as habilidades de praticar os rituais, exercerem cargos administrativos em Loja e na Potência a qual esteja filiada, instruir os irmãos mais novos como Aprendizes, Companheiros e Mestres recentes, enfim, adquirir conhecimentos necessários para o funcionamento de uma Loja Maçônica.

Em paralelo, o maçom deve educar para se tornar um ser humano integral ao estudar por intermédio da simbologia, porque a natureza do símbolo é criar "um signo mais desenvolvido" e dessa forma "passar mais informação" quanto ao objeto que ele representa, essas premissas semióticas têm implicações educacionais e não somente de comunicação. É fundamentalmente educativa, porque os símbolos são intermédio pelos quais nos comunicamos. Eles não são apenas os instrumentos que se usa na comunicação. Ao criarem interpretações, os signos são tutores de seus intérpretes, que aprendem a partir deles por meio da observação, porque os signos são lentes de si próprios, uma vez que eles têm um potencial de autocorreção, portanto, os signos são aprendizes do auto ensino.

Pode-se concluir que a busca da consciência Humana não está vinculada a processos tecnológicos e tão pouco à teorias organizacionais. O conceito sobre Maçonaria passa por uma experiência única e indivisível. E as lições que o Maçom aprende estão vinculadas à Observação, Contemplação e muita leitura, além dos treinamentos ritualísticos, para que possa gradativamente ganhar o conhecimento e a disciplina que espera daquele que pretende evoluir, espiritualmente e intelectualmente.

6. Referências

ARENDDT, H. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,

- 1993.
- AZEVEDO, C. M. M. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, São Paulo, v. 32, p. 178-189, 1997.
- BACKES, D. S.; BACKES, M. S.; ERDMANN, A. L.; BUSCHER, A. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 223-230, 2012.
- BALDISSERA, R. Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação. 2004. *Tese (Doutorado em Comunicação Social)* – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- _____. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 10, n. 3, p. 193-200, 2008.
- _____. Comunicação organizacional e imagem-conceito: sobre gestão de sentidos no ambiente digital. In: Ruão, T., Neves, R., & Zilmar, J. (orgs.). *A comunicação organizacional e os desafios tecnológicos: estudos sobre a influência tecnológica nos processos de comunicação nas organizações*. Minho: CS Edições, 2017.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CAMPILLO, M. A. L. G. A maçonaria para os leigos: mistérios, origens e estrutura. *Revista Ciência & Maçonaria*, 3 (1), 59-68, 2015.
- COSTA, L. M. F. A maçonaria operativa e especulativa: uma discussão em torno das origens da ordem. *Revista Ciência & Maçonaria*, Brasília, 2(1), 65-72, 2014.
- ERCOLE, F. F.; MELO, L. S. D.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9-12, 2014.
- FIGUEIREDO, J. G. D. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. São Paulo: Editora Pensamento, 1998.
- FRANÇA, V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H. Mead. In: Primo, A. et al. (orgs). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- FRANÇA, V.; SIMÕES, P. G. *Curso básico de teorias da comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- ISMAIL, K. *Desmistificando a Maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.
- LEADBEATER, C. W. *Pequena história da Maçonaria*. 12. ed. São Paulo: Pensamento, 2012.
- MANSUR NETO, E. *O que você precisa saber sobre Maçonaria*. São Paulo: Ieditora, 2002.
- MACNULTY, K. W. *Maçonaria*. Coleção: Mitos, Deuses, Mistérios. Versão Brasileira: Navegantes: GVS, 1996.
- MOREL, M.; SOUZA, F. J. *O poder da maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- ROHDEN, H. *Educação do homem integral*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RUIZ, C. B. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- SILVA, J. M. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SILVA, I. C. T. Traçando relações entre Maçonaria e Educação na América Latina. Anais... In: *II Congresso Nacional de Educação*, 2004.
- SILVA, R. O. Apropriações contemporâneas do Egito Antigo: antiguidade e tradição no discurso maçônico brasileiro. *Mneme - Revista de Humanidades*, Caicó. 7(15), 88-130, 2005.
- SILVA, P. H. P. Escolarização e anarquismo: modernização educacional e educação dos corpos na perspectiva libertária da Escola Moderna de Barcelona (anos finais do século XIX e início do século XX). 292 f. 2021. *Tese (Doutorado em Educação)* do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.
- SOUZA, P. I. G. Buscadores do Sagrado: As Transformações da Maçonaria em Belém do Pará. 356 f. 2006. *Tese (Doutorado em Ciências Sociais)* do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2006.
- STEVENSON, D. *As Origens da Maçonaria: o século da Escócia, 1590 – 1710*. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.
- URIBE, P. M. *La idea de organización: una concepción amplia para una acción efectiva*. Medellín: Comunicación, 2007.
- VIDAL, C. *Os maçons: a sociedade secreta mais influente da história*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- VIÑAO, A. *Escuela Para Todos: Educación y Modernidad en la España del Siglo XX*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2004.
- VINHOLA, B. G. Maçonaria, do secreto ao discreto: comunicação organizacional e gestão da (in) visibilidade. 296 f. 2021. *Tese (Doutorado em Comunicação e Informação)* do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, 2021.

Sobre a Revista

Foco e Escopo

A Revista “Ciência & Maçonaria” é a primeira revista acadêmica no Brasil dedicada a contribuições acadêmicas em um campo de pesquisa cada vez mais estudado: a Maçonaria. Seu formato é exclusivamente eletrônico e com publicações semestrais. Sua finalidade é publicar produção multidisciplinar relacionada à Maçonaria de especialistas, professores e alunos de diversas universidades. O objetivo é disponibilizar conhecimento sobre Maçonaria e democratizar a produção acadêmica sobre esse objeto de pesquisa: a Maçonaria.

A Revista “Ciência & Maçonaria” destina-se à publicação de textos inéditos na modalidade de artigos, ensaios e resenhas. Trata-se de um espaço aberto para professores, pesquisadores e estudantes que desejam publicar suas análises, reflexões e resultados de pesquisas realizadas. A revista também está aberta ao público maçônico em geral para suas contribuições. Considera-se ainda, como principal requisito para publicação na Revista “Ciência & Maçonaria”, que a produção apresente conteúdo analítico-interpretativo, de maneira coerente com rigor científico na área de estudo das ciências humanas e sociais.

Processo de Avaliação pelos Pares

O processo de avaliação da Revista Ciência & Maçonaria consiste nas seguintes etapas: O artigo original será analisado pelo editor responsável da revista, de modo a se analisar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área de avaliação o qual será direcionado. Com a etapa de definição, o artigo será enviado a dois avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores e entre os avaliadores (*peer blind review*), sendo necessária a aprovação de ambos os avaliadores para que o artigo seja publicado.

Periodicidade

A Revista “Ciência & Maçonaria” apresenta volumes anuais com periodicidade semestral; sendo dois números por ano. A RC&M apresenta-se em formato digital, onde o leitor pode facilmente efetuar buscas por temas, títulos, autores, além de possibilitar salvar os artigos quando necessário, sem a necessidade de autorização prévia. Os volumes serão divididos em: N.1: jan/fev/mar/abr/mai/jun/ - publicado em julho; N.2: jul/ago/set/out/nov/dez - publicado em janeiro.

Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Seções

A Revista Ciência & Maçonaria é dividida nas seguintes seções, nas quais os artigos a serem submetidos devem ser enquadrados: 1. Linguística, Filosofia e Simbologia; 2. História; 3. Sociologia, Antropologia, Administração, Ciência Política, Pedagogia e Direito; 4. Teologia; 5. Psicologia e Pedagogia.

Diretrizes para Autores

A submissão de trabalhos deverá ser feita por meio do website da revista e seguindo estritamente o formato exigido pela mesma, respeitando ainda as condições para submissão e de acordo com os termos relativos a direitos autorais publicados no website: www.cienciaemaconaria.com.br

Atenciosamente,

Conselho Editorial

C&M



**Revista
Ciência &
Maçonaria**

Realização:

NP3

CEAM | UnB